

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO GESTÃO DE ENSINO DA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Rosinéia Machado Barbosa

**O ENSINO DE FILOSOFIA AFRICANA NO CONTEXTO DA LEI
10.639/03: uma proposta de ensino para a Unidade Integrada Sarney
Filho no município da Raposa/Maranhão**



São Luís
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO GESTÃO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO
BÁSICA

ROSINÉLIA MACHADO BARBOSA

**O ENSINO DE FILOSOFIA AFRICANA NO CONTEXTO DA LEI 10.639/03: uma
proposta de ensino para a Unidade Integrada Sarney Filho no Município da
Raposa/Maranhão**

São Luís
2023

ROSINÉLIA MACHADO BARBOSA

O ENSINO DE FILOSOFIA AFRICANA NO CONTEXTO DA LEI 10.639/03: uma proposta de ensino para a Unidade Integrada Sarney Filho no Município da Raposa/Maranhão

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB) como requisito obrigatório para o título de Mestra em Educação - Gestão do Ensino da Educação Básica

Orientadora: Prof. Dra. Mariléia Santos Cruz da Silva.

São Luís
2023

Imagem da Capa

Jogo, Ilustração, Tradicional, Padrões, Vetorial,
Africano, Ndebele. Disponível em:

<https://www.canstockphoto.com557.br/jogo-ilustra%C3%A7%C3%A3o-tradicional-6137.html>

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Machado Barbosa, Rosinélia.

O ENSINO DE FILOSOFIA AFRICANA NO CONTEXTO DA LEI
10.639/03: : uma proposta de ensino para a Unidade
Integrada Sarney Filho no município da Raposa/Maranhão /
Rosinélia Machado Barbosa. - 2021.
220 f.

Orientador(a): Mariléia Santos Cruz da Silva.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Gestão de Ensino da Educação Básica/ccso, Universidade
Federal do Maranhão, São Luis, 2021.

1. Filosofia. 2. Filosofia Africana. 3. Lei nº
10.639. I. Santos Cruz da Silva, Mariléia. II. Título.

ROSINÉLIA MACHADO BARBOSA

O ENSINO DE FILOSOFIA AFRICANA NO CONTEXTO DA LEI 10.639/03: uma proposta de ensino para a Unidade Integrada Sarney Filho no Município da Raposa/Maranhão

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB) como requisito obrigatório para o título de Mestra em Educação – Gestão do Ensino da Educação Básica.

Aprovada em : ____ / ____ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Profa Dra Marileia Santos Cruz da Silva (Orientadora)
Doutora em Educação (PPGEEB/UFMA)

Prof. Dr. Antonio de Assis Cruz Nunes (Co-orientador)
Doutora em Educação (PPGEEB/UFMA)

Profa Dra Clênia de Jesus Pereira dos Santos (1ª Avaliadora)
Doutora em Educação (PPGEEB/UFMA)

Profa Dra Herli de Sousa Carvalho
Doutora em Educação (PPGEFOPRED/UFMA)

Profa Dra Marilda da Conceição Martins (1ª Suplente)
Doutora em Educação (PPGEEB/UFMA)

Profa Dra Iracy de Sousa Santos (2ª Suplente)
Doutora em Educação (PPGSAD/UFMA)

À minha amada e eterna filha Ana Caroline Barbosa Mesquita (*in memoriam*), inspiração e símbolo de resistência, resiliência e caridade, força que me impulsiona a continuar, mesmo em dias sombrios em que a dor insiste ser maior que o Amor.

AGRADECIMENTOS

À Deus, Imanente e Transcedente, figura na qual me relaciono como um Ser Superior às forças humanas, que sustenta a minha dimensão espiritual e jornada terrena.

As Divindades das religiões de matriz africana, todo o respeito e admiração.

À minha mãe, Ana Rosa, pelas orações, amor incondicional materno e por me ajudar a manter a chama acesa da esperança interior.

Ao meu Pai, Raimundo Nonato Barbosa (*in memorian*) pelo seu carinho terno e pelas palavras de incentivo.

Aos meus filhos, Ana Caroline (*in memorian*) e Andreh Guiherme, que me possibilitaram umas das experiências mais nobre desta terra, a de ser Mãe e por sempre estarem ao meu lado incondicionalmente, vibrando com cada conquista realizada.

Ao meu companheiro, amigo e esposo, Ailson Pires, momentos de aprendizagem mútua.

Aos meus irmãos, Raimundo Nonato, Ronilson e Maciel, pela alegria de estarmos juntos em todos os momentos.

À minha irmã, Rosiclea, pelo incentivo que me deste ao adentrar ao mestrado.

À Minha mãe Bel e as minhas sobrinhas: Bete, Francly e Rafa (sobrinha e afilhada) por sempre acreditarem na minha capacidade de superação.

Aos meus sobrinhos, Edmar e Pedrinho, a inocência da infância me leva a manter minha esperança em dias melhores.

As minhas amadas sobrinhas, Ruana, Juju, Ana Paula e Malu pela troca mútua de conhecimento, aprendizado e amor.

Ao Instituto Ana Caroline, que possibilitou o meu entendimento racional acerca da essência do Amor Fraternal.

A minha cunhada, Milena Brandes, pela demonstração de carinho e respeito a minha pessoa.

A minha Orientadora, Professora Doutora . Mariléia Santos Cruz da Silva pela atenção esboçada a esse trabalho.

Ao meu Co-Orientador, Professor Doutor Antonio de Assis Cruz Nunes,

pela competência, paciência e tolerância que sempre demonstrou na trajetória do mestrado.

As professoras e professores do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica, em especial, Vanja Dominice, Antônio de Assis, Maria José, pelas contribuições grandiosas na evolução do meu conhecimento acadêmico.

A professora Doutora, Rita de Cássia, pelo carinho e respeito a minha pessoa.

Ao Grupo de Estudo e Pesquisas Investigações Pedagógicas de Estudos Afro-Brasileiras (GIPEAB) que me ajudou a descobrir uma nova perspectiva de pesquisa no contexto filosófico africano.

À quarta turma do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica pelas conversas filosóficas, e trocas de conhecimento e amizade.

À Unidade Integrada Sarney Filho pelo acolhimento e disposição em colaborar com essa pesquisa. Em especial o gestor Valdinaldo Marques, o docente Lúcio Mauro, a supervisora Hellen Daiane e os estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental- Anos Finais.

Aos amigos e companheiros de viagem, Carol, Ginia, Lena e George pelas experiências socializadas.

À minha amiga, Caroliny Lima, pela nobreza de pessoa que és e pela ajuda incondicional em socializar os seus conhecimentos. Eterna gratidão!

À minha amiga kênia Magdala e sua filha Vitória, pelas risadas, e por estarem sempre comigo em todos os momentos.

À minha amiga Paty Brenha, pelo incentivo e socialização dos seus conhecimentos na linguagem inglesa.

À todos os meus mestres e mestras, desde a infância até a vida acadêmica, pois sem esses personagens minha história pelo conhecimento científico não existiria.

À todos que me ajudaram na efetivação da realização desse sonho, tanto de maneira diretamente, quanto indiretamente.

A galinha d'angola é o animal que retrata bem o espírito da filosofia, pois cisca de um lado para outro procurando sementes, comidas, "ideias".

Renato Noguera.

RESUMO

A pesquisa trata sobre O ENSINO DE FILOSOFIA AFRICANA NO CONTEXTO DA LEI 10.639/03: uma proposta de ensino para a Unidade Integrada Sarney Filho no Município da Raposa/Maranhão. O Estudo tem como objetivo geral investigar acerca dos conteúdos filosóficos desenvolvidos na Unidade Integrada Sarney Filho, na perspectiva de construir um Caderno de Orientações Didáticas, juntamente com o docente de Filosofia sobre o ensino de temáticas filosóficas africanas, no sentido de agregar à proposta curricular de filosofia do Ensino Fundamental, anos finais, do município da Raposa- MA. As principais fontes bibliográficas utilizadas no presente estudo: Asante (2000, 2009); Appiah (2010); Hountondji (1006); Noguera (2014); Dantas (2014); Nascimento e Rocha (2016); Nascimento (2002); Lei nº 10.639/03 (BRASIL,2003); Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. (BRASIL, 2008); Cliver (2020); Castro (2020). O trabalho está organizado nas seguintes seções: na primeira, discorremos sobre a introdução a qual a configuração teórica e metodológica da pesquisa; na segunda seção, apresenta alguns questionamentos sobre a polêmica discussão acerca do lugar, território que surgiu o conhecimento filosófico, Grécia ou África (Especificamente no solo do Antigo Egito), sem a pretensão de invalidar nenhuma das teorias, possibilitando apenas aos leitores um alargamento nos horizontes epistêmicos. Na terceira seção apresentaremos a Filosofia Africana: a população negra como sujeito da sua história. Essa seção está subdivida em três subseção: Afroperspectivismo; Afrocentrismo; Etnofilosofia. A quarta seção discorremos sobre a pesquisa empírica, a qual ficou dividida em três subseções, a caracterização da Unidade Integrada Sarney Filho; a metodologia da pesquisa: Análise e Interpretação dos dados da Pesquisa e o produto educacional; na quinta seção, apresentaremos as considerações finais. O método de procedimento da pesquisa adotado foi o estudo de caso do tipo instrumental. Os participantes da pesquisa foram o gestor escolar, a supervisora pedagógica e o professor de filosofia das turmas do 9ªA e B. Em decorrência do período pandêmico causado pelo vírus Covid/19, nossos instrumentos de coletas de dados foram as entrevistas, sendo realizadas através das redes sociais dos entrevistados. A interpretação dos dados da pesquisa empírica foi sob a forma de quadros. A pesquisa empírica foi desenvolvida em dois momentos: entrevistas através das redes sociais dos participantes e composição do produto final. A pesquisa concluiu que a inserção de temáticas filosóficas africanas no contexto da Lei 10.639/03 no currículo, possibilitou a comunidade escolar Sarney Filho a desmitificação acerca da existência das produções filosóficas africanas, permitindo ao docente desenvolver temáticas referentes as relações étnico-raciais.

Palavras-chave: Filosofia; Filosofia Africana; Lei nº 10.639.

ABSTRACT

The research deals with TEACHING AFRICAN PHILOSOPHY IN THE CONTEXT OF LAW 10.639/03: a teaching proposal for the Sarney Filho Integrated Unit in the Municipality of Raposa/Maranhão. The Study's general objective is to investigate the philosophical contents developed at the Sarney Filho Integrated Unit, with a view to building a Booklet of Teaching Guidelines, together with the Philosophy teacher on the teaching of African philosophical themes, in order to add to the curricular proposal of philosophy of Elementary Education, final years, in the municipality of Raposa-MA. The main bibliographical sources used in this study: Asante (2000, 2009); Appiah (2010); Hountondji (1006); Noguera (2014); Dantas (2014); Nascimento and Rocha (2016); Nascimento (2002); Law No. 10,639/03 (BRAZIL, 2003); National curricular guidelines for the education of ethnic-racial relations and for the teaching of Afro-Brazilian and African history and culture. (BRAZIL, 2008); Cliver (2020); Castro (2020). The work is organized into the following sections: in the first, we discuss the introduction to the theoretical and methodological configuration of the research; in the second section, it presents some questions about the controversial discussion about the place, territory in which philosophical knowledge emerged, Greece or Africa (Specifically on the soil of Ancient Egypt), without the intention of invalidating any of the theories, only allowing readers to broaden their epistemic horizons. In the third section, we will present African Philosophy: the black population as a subject of its history. This section is subdivided into three subsections: Afroperspectivism; Afrocentrism; Ethnophilosophy. In the fourth section, we discuss the empirical research, which was divided into three subsections, the characterization of the Sarney Filho Integrated Unit; the research methodology: Analysis and Interpretation of Research data and the educational product; In the fifth section, we will present final considerations. The research procedure method adopted was the instrumental case study. The research participants were the school manager, the pedagogical supervisor and the philosophy teacher from the 9 th A and B classes. Due to the pandemic period caused by the Covid/19 virus, our data collection instruments were interviews, carried out through interviewees' social networks. The interpretation of empirical research data was in the form of tables. The empirical research was developed in two moments: interviews through the participants' social networks and composition of the final product. The research concluded that the inclusion of African philosophical themes in the context of Law 10.639/03 in the curriculum enabled the Sarney Filho school community to demystify the existence of African philosophical productions, allowing the teacher to develop themes relating to ethnic-racial relations.

Keywords: Philosophy; African Philosophy; Law No. 10.639.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: : Principais períodos, pensadores e sua localização na Grécia Antiga	31
FIGURA 2: Atenas Grécia Acrópole	32
FIGURA 3 :Os pré-socráticos e o nascimento da filosofia	33
FIGURA 4- Filosofia Africana.....	38
FÍGURA 5 - Origem da filosofia africana: mito ou realidade?	43
FÍGURA 6: Renato Noguera	46
FÍGURA 7: : Abdias Nascimento.....	48
FÍGURA 8: Molefi Asant.....	49
FÍGURA 9: Eduardo Viveiros de Castro.....	49
FÍGURA 10: Uma introdução a Afrocentricidade.....	58
FÍGURA 11: Tú eres, luego soy	62
FÍGURA 12: Fachada da U.I.Sarney Filho	64
FÍGURA 13: Centro Urbano da cidade da Raposa - MA	66
FÍGURA 14: Sala dos Materiais pedagógicos da U.I.Sarney Filho.....	67
FÍGURA 15: Sala dos/as professores/as da U.I.Sarney Filho/ Parte 1	68
FÍGURA 16: Sala dos/as professores/as da U.I.Sarney Filho/ Parte 2	68

FÍGURA 17: Biblioteca da escola.....	69
FÍGURA 18: Pátio da U.I.Sarney Filho.....	69
FÍGURA 19: A cozinha da U.I.Sarney Filho	70
FÍGURA 20: A secretária da escola Sarney Filho	70
FÍGURA 21: Sala de aula da U.I.Sarney Filho	71
FÍGURA 22: Painel de entrada da U.I.Sarney Filho	72
FÍGURA 23: Mural pedagógico do espaço da biblioteca.....	72
FÍGURA 24: : Mural dos Girassóis.....	73
FÍGURA 25: Capa do Caderno de Orientações Metodológicas	105
FÍGURA 26: Licença do Produto Educacional	105
FÍGURA 27: Menina Africana.....	107
FÍGURA 28: Menino Africano	107
FÍGURA 29: Nossos ícones	108
FÍGURA 30: Plano de aula nº 01	110
FÍGURA 31: Produção Filosófica nº 01	113
FÍGURA 32: Aprofundando a aprendizagem	113
FÍGURA 33: Dicas Filosóficas.....	114

FÍGURA 34: Plano de aula nº 02	116
FÍGURA 35: Produção Filosófica nº 02	118
FÍGURA 36: : Plano de aula nº 03	119
FÍGURA 37: Produção Filosófica nº 03	122
FÍGURA 38: Plano de aula nº 04	122
FÍGURA 39: Produção Filosófica nº 04	124
FÍGURA 40: Plano de aula nº 05	125
FÍGURA 41: Etapa da Problematização nº 05	127
FÍGURA 42: Produção Filosófica nº 05	127

LISTA DE TABELAS

TABELA 01: Distribuição das dependências da Escola Sarney Filho 66

TABELA 02:Distribuição dos servidores da U.I Sarney Filho de acordo com a
formação escolar.....74

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01: Quadro síntese sobre a divisão dos períodos filosóficos gregos	33
QUADRO 02: Quadro síntese sobre os períodos históricos da Filosofia Africana	42
QUADRO 03: Qual o seu entendimento acerca da Filosofia.....	87
QUADRO 04: Quais seriam os obstáculos para o ensino da Filosofia no Brasil	89
QUADRO 05: Quais os conhecimentos você tem sobre a História do ensino da Filosofia no Brasi	90
QUADRO 06: O que você sabe sobre Filosofia Africana	93
QUADRO 07: Em sua formação acadêmica você desenvolveu estudos sobre a Filosofia Africana?	94
QUADRO 08: O que você sabe sobre a Lei 10.639/03?	95
QUADRO 09: Como você poderia articular temáticas de Filosofia Africanas nas aulas de filosofia?	98
QUADRO 10: Você considera que há distinção ou similaridade entre o ensino da filosofia tradicional e o ensino da filosofia africana?	99
QUADRO 11: Quais os conhecimentos você tem sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnicos raciais para o ensino da História e cultura Afro-brasileira e Africana?	101
QUADRO 12: Você considera que o ensino da Filosofia Africana poderá contribuir para o combate do racismo no contexto escolar?.....	102

LISTA DE SIGLAS

PME - Plano Municipal de Educação

COVID- Corana Vírus Disease

PPP- Projeto Politico Pedagógico

EJA - Educação de Jovens e Adultos

OMS- Organização Mundial de Saúde

U.I -Unidade Integrada

AVAR- Ambiente Virtual de Aprendizagem Raposense

UFMA: Universidade Federal do Maranhão

PPGEEB- Programa de Pós-Graduação Gestão de Ensino da Educação Básica

PCN- Paramêtros Curriculares Nacionais

MNU- Movimento Negro Unificado

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 CONHECIMENTO FILOSÓFICO DA GRÉCIA A ÁFRICA OU DA ÁFRICA A GRÉCIA: eis a questão	26
3 FILOSOFIA AFRICANA: A POPULAÇÃO NEGRA COMO SUJEITO DA SUA HISTÓRIA	45
3.1 Afroperspectividade	45
3.2 Afrocentrismo	52
3.3 Etnofilosofia	58
4 A LEI Nº 10.639/03 E A FILOSOFIA AFRICANA: UM ESTUDO NO CONTEXTO ESCOLAR DA UNIDADE INTEGRADA SARNEY FILHO, RAPOSA/MA	62
.....	4.1
Caracterização da escola pesquisada	63
4.2 Metodologia da Pesquisa	74
4.3 Análise e Interpretação dos dados da pesquisa	80
4.3.1- O lugar das vozes dos colaboradores da pesquisa	84
4.3.1.2 o gestor, a supervisora pedagógica e o Professor de Filosofia	85
4.4 Produto da pesquisa	103
4.4.1 Organização do caderno de orientações metodológicas da Filosofia Africana no contexto da Lei 10.639/03 nos anos finais do Ensino Fundamental.....	105
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
REFERÊNCIAS	135

1 INTRODUÇÃO

O ato de conhecer, desde a Antiguidade grega era uma preocupação dos primeiros filósofos. Entretanto, essa preocupação perdurou durante toda a história da humanidade, se tornando uma investigação filosófica, sendo investigada e analisada pela área da filosofia denominada como Teoria do Conhecimento ou Epistemologia. Segundo esses estudos o conhecimento acontece em uma relação intrínseca entre o Sujeito (aquele que conhece) e o Objeto (aquilo a ser conhecido) (COTRIM, 2008).

Oliveira e Gadelha (2009) afirmam sobre a necessidade que o ser humano possui em explicar as coisas ao seu redor, em trilhar diversos caminhos e descobrir formas diferentes de compreender o universo social. Assim, a explicação que damos as coisas depende da maneira como conhecemos as coisas. Podemos compreender algo de forma científica, filosófica, religiosa ou buscar uma resposta fundamentada em mitos ou no senso comum.

O conhecimento filosófico se desdobra a buscar explicações racionais para os problemas e pelas questões que surgem em cada época e sociedade, bem como, aquelas que as pessoas colocam para si mesmas, de forma subjetiva e pessoal diante do que é novo e que ainda não foi compreendido. Dessa forma, a Filosofia procura contemplar os fatos e as coisas, oferecendo caminhos, respostas e, sobretudo, propondo novas perguntas, num diálogo permanente com a sociedade e a cultura de seu tempo, da qual ela faz parte (WONSOVICZ, 2005).

Filosofia teve seu campo de atividade aumentado quando, no século XVIII, surge a Filosofia da arte ou estética; no século XIX, brota a Filosofia da história; no século XX, aparece a Filosofia das ciências ou epistemologia, e a Filosofia da linguagem. Por outro lado, o campo da Filosofia diminuiu quando as ciências particulares que dela faziam parte foram-se desligando para constituir suas próprias esferas de investigação. É o que acontece, por exemplo, no século XVIII, quando se desligam da Filosofia a Biologia, a Física e a Química; e, no século XX, as chamadas ciências humanas (Psicologia, Antropologia, História) (CHAUÍ, 1995).

Em deferência a Filosofia, Deleuze e Guattari (1992, p. 10) consideram que um conceito de Filosofia só pode ser formulado entre amigos da sabedoria, destacando que: “a filosofia não é uma simples arte de formar, de inventar, ou de

fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos”.

Corroborando com estas proposições, Deleuze e Guattari (1992, p.13) afirmam que o filósofo “é o amigo do conceito, ele é conceito em potência”. Quer dizer que a Filosofia não é uma simples arte de contemplação, ela é uma ação, uma forma diferenciada de enxergar o universo e tudo que nele consiste. Assim, a Filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em criar conceitos.

Nesse sentido, Oliveira e Gadelha (2009, p.20) afirmam:

Não importa à filosofia apenas saber como o mundo é, mas como ele deveria ser. A filosofia é um saber do universal e não particular, por isso ela é o saber dos saberes. O homem filosofa para saber qual sentido de sua própria existência, da vida, da morte, de Deus, da religião, do amor, da Ciência, da arte.

É nessa conjuntura que ao longo da história o ensino de Filosofia fora aparecendo no contexto educacional brasileiro, pois nesse percurso a relação entre ela e a educação não foi passiva em vários momentos, influenciando assim, a história do pensamento pedagógico brasileiro. Esses conflitos de ordens políticas e também conjunturais transcorrem ainda hoje, no sentido de que sempre houve uma preocupação por parte dos políticos que o pensamento filosófico pudesse exercer forte influência para as gerações futuras (SEVERINO, 1994)

Segundo Saviani (2000), Filosofia e crise se frequentam há muito tempo, ao menos desde a Atenas clássica: o professor de Filosofia é certamente chamado a ser o protagonista desta crise, em busca de novas oportunidades de estruturação do saber e de seu ensino formal. Dessa forma, a Filosofia pode ocupar-se de problemas da esfera política, ambiental, científica, social, educacional, entre outras.

Conforme o Parecer Nº 15/98, o ensino da Filosofia aparecia no Currículo da Educação Básica brasileira como conteúdo transversal em algumas disciplinas, passando assumir um caráter interdisciplinar e não podendo ser ministrada somente em uma única disciplina, mas em várias (BRASIL, 1998). Somente no ano de 2008 o ensino da Filosofia e Sociologia no Ensino Médio foram inclusos como disciplinas obrigatórias. Segundo a Lei Nº 11.684/08: Art. 36§ IV - “estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio” (BRASIL, 2020, s/p).

Quando há discussões sobre a obrigatoriedade ou não do ensino da Filosofia nas escolas públicas e privadas, entendemos que somente os jovens do

Ensino Médio estão aptos para a efetivação da educação reflexiva sem contemplar as outras etapas da educação básica, como: a Educação Infantil e o Ensino Fundamental. Entretanto, concordamos com Lipman (1990) quando considera que a formação do pensar reflexivo emancipatório está presente em qualquer etapa educacional.

Conforme Lorieri (2002), a realidade atual em que vivemos está permeada de antagonismos, desvalorização da pessoa humana, substituição do Ser pelo Ter, contudo, ainda há necessidade latente de refletirmos sobre a importância do ensino da Filosofia. Esta demonstra dentro da sua historicidade que a filosofia é uma atividade humana e por excelência educativa. E por sermos essencialmente seres reflexivos, comunicativos, pensantes, necessitamos da intervenção filosófica para expressar a nossa condição humana na sociedade.

Além da luta pela inserção do Ensino da Filosofia, enfrentamos outro desafio que é a proposta curricular de Filosofia. Hoje, somente alguns estados brasileiros como Paraná, Santa Catarina, Maranhão entre outros, incluíram Filosofia em suas Diretrizes Curriculares como disciplina obrigatória no Ensino Fundamental e Médio (WONSOVICZ, 2010).

Ainda Wonsovicz (2010) diz que o ensino da Filosofia mediante ao panorama educacional brasileiro deverá produzir seres reflexivos, autônomos, culturais, éticos, políticos, intelectuais, responsáveis morais, para lidar com as divergências propostas pelo contexto social, cultural, político. Não de maneira alienada, ingênua, dogmática, mas por meio de ações críticas autônomas, criativas e éticas, reconhecendo a sua existência e a do outro no mundo dentro de um processo dinâmico de construção e desconstrução de ideias, paradigmas, intervindo e transformando a realidade.

O ser humano, desde os tempos mais remotos, vive na busca constante de compreender a si mesmo e tudo que acontece a sua volta. O ato de conhecer, descobrir o desconhecido e de se apropriar do objeto com o intuito de desvelar aquilo que está oculto são ações peculiares aos seres pensantes. No sentido etimológico a palavra conhecimento é de origem latina *cognoscere*, que significa ato de conhecer ou seja, uma ação, um ato essencial da razão, das intuições. (ARANHA e MARTINS, 2009).

Durante todo o escopo desse trabalho estamos evidenciando e fundamentando nos pensamentos de diversos autores que a filosofia é um saber

universal e não peculiar a alguém ou algum povo específico, como nos remete o estudo tradicional do conhecimento filosófico. Assim, o pensador Nogueira (2014, p.11) nos conduz ao seguinte argumento: “Muitos foram categóricos em dizer que a filosofia só podia ser uma tarefa ou uma atividade própria do pensamento ocidental”. Nessa conjuntura, compreendemos que a Filosofia é um saber útil que coaduna com todos os saberes que o ser humano necessita. E por termos esse entendimento que defendemos a necessidade do estudo da Filosofia Africana no contexto da Lei nº 10.639/03, no sentido de que a mesma é uma opção educacional essencial para os tempos modernos, proporcionando (re) descobrir a relevância dos saberes. Nesse contexto, recorreremos as palavras do pensador brasileiro, Nogueira (2014), quando nos remete a análise que a obrigatoriedade da inserção dos objetos de conhecimentos afro-brasileiros e africanos no currículo de todos os níveis de ensino nos ajudará no processo de desmitificação das produções filosóficas africanas, bem como, na construção de uma educação antirracista e emancipadora.

A referida Lei nº 10.639/03 foi aprovada em 09 de janeiro de 2003 e tem como objetivo fundante "incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" (BRASIL, 2003, p.1). Dessa forma, o ensino de Filosofia se insere neste contexto, haja vista que cada civilização construiu e constrói saberes filosóficos no seu tempo e no seu território. Mesmo, sabendo que o conhecimento filosófico teve maior florescimento e visibilidade no mundo ocidental, outras partes do mundo, também tiveram e tem seus conhecimentos filosóficos. Todavia, como o nosso país se insere no mundo ocidental, poucas vezes tivemos conhecimentos sobre a filosofia dos países que não fazem parte da ocidentalização.

Do exposto, na perspectiva de proporcionar contatos com os conhecimentos filosóficos desenvolvidos pelos povos africanos, a Lei nº 10.639/09 que contribui significativamente para esse desiderato. O Parecer Nº 03/2004¹ descreve o seguinte sobre o ensino de conhecimento filosófico na Educação Básica:

O ensino de Cultura Africana abrangerá: - as contribuições do Egito para a ciência e filosofia ocidentais; - as universidades africanas Timbuktu, Gao, Djene que floresciam no século XVI; - as tecnologias de agricultura, de beneficiamento de cultivos, de mineração e de edificações trazidas pelos escravizados, bem como a produção científica, artística (artes plásticas,

¹ O Parecer Nº 03/2004 trata sobre Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Recebe a denominação PARECER N.º: CNE/CP 003/2004. Foi aprovado em 10 de março de 2004. Faz parte do conjunto de legislação da Lei Nº 10.639/03

literatura, música, dança, teatro) política, na atualidade (BRASIL, 2004, p.12)

Ainda o Parecer Nº 03/2004 acrescenta sobre filosofia africana:

Inclusão, respeitada a autonomia dos estabelecimentos do Ensino Superior, nos conteúdos de disciplinas e em atividades curriculares dos cursos que ministra, de Educação das Relações Étnico-Raciais, de conhecimentos de matriz africana e/ou que dizem respeito à população negra. Por exemplo: em Medicina, entre outras questões, estudo da anemia falciforme, da problemática da pressão alta; em Matemática, contribuições de raiz africana, identificadas e descritas pela Etno-Matemática; “em Filosofia, estudo da filosofia tradicional africana e de contribuições de filósofos africanos e afrodescendentes da atualidade.” (BRASIL, 2004, p.14, grifo nosso).

Conforme Barbosa (2015), todos os documentos expedidos pelo Ministério da Educação referentes ao ensino da filosofia versa pelo desenvolvimento pleno do exercício da cidadania. Então, se a disciplina da filosofia traz em seu tocante a construção da cidadania, é preciso e necessário que ela não se descuide das questões étnico-raciais, dentro e fora da escola. Se essa é uma questão silenciada na escola, mais uma razão para a filosofia se aproximar e entender os motivos do seu silenciamento.

Ainda Barbosa (2015, p.391) afirma:

Fazer estudantes, sejam do ensino médio, sejam universitários, acreditarem que só há produção relevante de filosofia na Europa e nos Estados Unidos implica em afastá-los do exercício filosófico, uma vez que, todos os demais povos não estariam em condições de realizar tão digno trabalho. Contudo, ao trazer para a sala de aula autores africanos e brasileiros nós estamos dizendo igualmente que pessoas com nós são capazes de fazer filosofia. Mostrar que a filosofia é um caminho que outros como você já trilharam, aproxima o estudante. Faz com que o estudante considere possível pensar e se posicionar sobre si mesmo e sobre o mundo ao seu redor.

Sendo o processo do filosofar uma atividade essencialmente humana que conduz o Ser a conhecer e interpretar o universo de forma racional, desenvolve um significativo papel no combate ao racismo e na desmitificação que a filosofia é pertencente exclusivamente ao mundo europeu. Contrariamente a essa visão, estudos recentes realizados revelam que alguns pensadores gregos estiveram por um longo período na África Antiga e que foram altamente influenciados pela Cultura Africana. Ainda, conforme essas pesquisas a filosofia teria surgido na África e não na Grécia, como tradicionalmente nos foi ensinado. (NASCIMENTO e ROCHA, 2016).

Segundo Dantas (2014, p.58) “O problema se apresenta na exposição desses conteúdos que em seu cerne há um eixo geopolítico de enorme influência: o

européu. Dessa forma, a filosofia consolida a ideia de que é uma disciplina de base europeia.”

Dentro dessa perspectiva dos territórios geopolíticos da produção e sistematização do conhecimento filosófico, Nogueira (2014, p.23) afirma o seguinte argumento:

O conhecimento é um elemento-chave na disputa e manutenção da hegemonia. Sem dúvida, o estabelecimento do discurso filosófico ocidental como régua privilegiada do pensamento institui uma desigualdade epistemológica. Uma injustiça cognitiva que cria escala, classes para o pensamento filosófico, estabelecendo o que é mais sofisticado e o que é rústico e com menos valor acadêmico. Essa injustiça cognitiva é capaz de definir status, formar opinião e excluir uma quantidade indefinida de trabalhos intelectuais.

Nascimento e Rocha (2016) afirmam que a filosofia é uma atividade essencialmente humana, sendo assim, ela está presente em todos os lugares, onipresente e pluriversal, reconhecendo e valorando a multiplicidade de conhecimento. Todavia, apesar dessa compreensão historicamente construída, ainda persiste a ideia de que a filosofia é um conhecimento somente do mundo ocidental, sobretudo dos países europeus e norte-americanos. Entretanto, numa perspectiva da contradição dialética, tem havido vários movimentos de reelaboração e/ou reconstrução da Filosofia em outros contextos étnico-raciais, dentre eles, tem-se a Filosofia Africana, em que busca resgatar, construir e produzir conhecimentos filosóficos voltados para dar visibilidade ao grupo humano negro.

Nesse cenário que envolve essa discussão, temos a Lei Nº 10.639/03 que institui o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana no Currículo da Educação Básica, em todos os componentes curriculares, descreve sobre a importância do estudo da cultura africana para a construção da identidade do povo brasileiro (BRASIL, 2003).

Importante destacar que a referida lei prevê que a população afro-brasileira e africana ficaram por muitos anos na invisibilidade, no tocante aos protagonismos históricos, pois nos conteúdos das disciplinas escolares, apenas a população branca possuía esse destaque. Dessa forma, destaca os autores Pimentel e Silva (2019, p.108), “fazer filosofia africana não é negar todo o processo histórico já realizado, ou fazer do ensino de filosofia um curso de África, mas propor um diálogo de igual para igual.”

Dessa conjuntura, como forma de superar esse tipo de invisibilidades

histórica e social, a Lei Nº 10.639/03 foi aprovada com o desafio de romper com práticas de negação e anulação da população afro-brasileira ao longo da nossa história. Sobre isso, temos:

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil (BRASIL 2003 p.01)

Em consonância com aplicabilidade da Lei Nº 10.639/03, o ensino da Filosofia Africana visa romper com discursos e ações carregados de estereótipos e reconstruir a imagem da cultura africana como influenciadora na filosofia ocidental. Dessa forma, será possível construir um discurso das relações étnico raciais que promova a tolerância e o respeito nas escolas (NASCIMENTO e ROCHA, 2016).

O intuito de estudar Filosofia Africana a partir da aplicabilidade da Lei Nº 10. 639/03, não é excluir o ensino da filosofia grega dos currículos da educação básica, mas de ampliar outros conhecimentos filosóficos dos países africanos. Ao mesmo tempo, construir nova forma de pensar no que cerne ao discurso das relações étnico raciais, promovendo uma democracia na aquisição de vários conhecimentos filosóficos no ambiente escolar e conseqüente na sociedade, pois o estudante sendo um sujeito de transformação interaja diretamente no meio que está inserido (NASCIMENTO e ROCHA,2016).

Da parte dos professores, é exigido um constante processo de aperfeiçoamento e investigação. Dessa forma, precisarão passar por contínua formação, na tentativa de reconstrução do seu saber escolar para atender às demandas dos avanços científicos e tecnológicos. Assim, temos que destacar que os saberes de um professor são uma realidade social consolidada através de uma formação, de programas, de práticas coletivas, de disciplinas escolares, de uma pedagogia institucionalizada, etc, ou seja, esses saberes são ao mesmo tempo os dele (TARDIF, 2002).

Além dos saberes específicos, os professores deverão ser indagadores, curiosos, que questionem e transformem constantemente a si mesmos e a realidade que estão inseridos, que saibam construir uma gestão de sala de aula fundamentada nos princípios éticos e racionais, superando o ensino da Filosofia puramente contemplativo e eurocêntrico, levando os estudantes a perceberem que as habilidades filosóficas estão presentes em todos os povos e culturas. (NOGUERA,

2014).

Ainda segundo Nogueira, (2014), se faz necessário a construção de estratégias apropriadas nas aulas, respeitando as etapas cognitivas dos alunos, considerando as experiências vivenciadas pelos mesmos. Dessa forma, possibilitaremos um ensino de Filosofia vivo que capacite os adolescentes para uma reflexão pertinente, conduzindo-os a uma mudança de posturas, a fim de que conheça melhor a história do povo africano, reconstruindo os valores sobre o negro.

Neste cenário a escola exerce um papel fundamental na implementação dessa novo modo de pensar, como enfatizam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana:

Art. 2º § 1º A Educação das Relações Étnico-Raciais tem por objetivo a divulgação e produção de conhecimentos, bem como de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos quanto à pluralidade étnico-racial, tornando-os capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam, a todos, respeito aos direitos legais e valorização de identidade, na busca da consolidação da democracia brasileira (BRASIL, 2004. p.1)

Consideramos que de forma explícita a Lei 10.639/03 não faz relevância ao Ensino da Filosofia Africana. Entretanto, encontramos aberturas legais na própria lei quando se refere aos estudos das matrizes africanas nos componentes curriculares e a própria História e Cultura Afro-Brasileira. Nessa abertura legal, defendemos a relevância dos estudos da filosofia africana, pois notamos que para discutir e implantar esse ensino é necessário dialogar com temáticas que versam à interdisciplinaridade que é peculiar da filosofia, levando os estudantes a pensar de um modo mais contextual.

Do exposto, a nossa pesquisa pretende investigar o ensino de Filosofia africana no contexto da Lei Nº 10.639/03 na Unidade Integrada Sarney Filho, que está localizada na zona urbana do município da Raposa (MA).

No intuito de buscarmos resposta em nossa pesquisa, levantamos os seguintes questionamentos: que entendimentos sobre Filosofia, enquanto um tipo de conhecimento o docente da Unidade Integrada Sarney Filho possui? Quais conhecimentos o docente que leciona Filosofia na Unidade Integrada Sarney Filho possui sobre a filosofia africana? Quais os conhecimentos o professor de filosofia da Unidade Integrada Sarney Filho têm sobre a trajetória histórica do ensino da Filosofia no Brasil? Como o docente que leciona Filosofia na Unidade Integrada

Sarney Filho conseguem articular o ensino da Filosofia africana com Lei Nº 10.639/03? De que forma poderemos construir um Caderno de Orientações Didáticas para contribuir com o ensino de temáticas de Filosofia Africana na Unidade Integrada Sarney Filho?

A pesquisa teve o seguinte objetivo geral: investigar sobre o ensino de Filosofia africana na perspectiva de produzir um Caderno de Orientações Didáticas para os professores na Unidade Integrada Sarney Filho. Os objetivos específicos foram: Identificar que entendimentos sobre Filosofia, enquanto um tipo de conhecimento o docente da Unidade Integrada Sarney Filho possui; Averiguar se o docente que leciona Filosofia na Unidade Integrada Sarney Filho sabe sobre a trajetória histórica do ensino da Filosofia no Brasil; Perceber como o docente que leciona Filosofia na Unidade Integrada Sarney Filho consegue articular o ensino de Filosofia africana com a Lei Nº 10.639/03; Construir com o docente um Caderno de Orientações Didáticas para que possa contribuir para um ensino de temáticas de Filosofia Africana na Unidade Integrada Sarney Filho.

A origem do interesse da pesquisa se deu sobretudo a partir da nossa participação no Grupo de Estudo e Pesquisa Investigações Pedagógicas de Estudos Afro-Brasileiros (GIPEAB), do Programa de Pós-Graduação gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB) e do nosso envolvimento como membro da reformulação da proposta curricular do ensino de Filosofia no município da Raposa, que está no raio de ação a inserção de temáticas do ensino de Filosofia Africana.

Enquanto docente atuante na área de Filosofia no município de Raposa - MA, inserida nos estudos sobre formação de professores e sobre os temas de ensino que abarquem a cultura, impulsionei-me a investigar sobre o ensino de Filosofia africana na perspectiva de articulá-lo com Lei Nº 10.639/03.

A dissertação presente está organizada nas seguintes seções: a primeira seção constitui-se a Introdução onde está descrita a configuração teórica, metodológica e organizativa do texto dissertativo. A segunda seção; Conhecimento Filosófico: da Grécia a África ou da África a Grécia, eis a questão? Trata-se acerca de uma análise recente no que cerce o solo do surgimento da filosofia: Europeu ou Africano (especificamente no Antigo Egito). Sendo desenvolvido um estudo sobre o surgimento da filosofia Ocidental, bem como os períodos históricos, a caracterização de cada período e os principais pensadores de cada época. O mesmo percurso será apresentado com a filosofia africana, demonstrando alguns pensadores filosóficos

africanos, e suas contribuições para explanação do conhecimento filosófico africano, construindo um diálogo entre as filosofias do ocidente e oriente. Sem a pretensão de invalidar nenhum estudo solidificado, queremos trazer à tona argumentos desafiadores em relação da existência da filosofia africana, com intuito de alargarmos os nossos horizontes epistêmicos. Na terceira seção percorremos os caminhos da epistemologia da Filosofia Africana: A População Negra como sujeito da sua História, faremos apresentação de três teorias que se desenvolveram e se desenvolvem na trajetória dos estudos filosóficos africanos. Essa seção será disposta nas seguintes subseções: Afroperspectividade; Afrocentrismo; Etnofilosofia. Na quarta seção explicaremos sobre a pesquisa empírica, a qual está dividida em três subseções: caracterização da U.I Sarney Filho; metodologia da pesquisa; análise e interpretação dos dados da pesquisa; e o produto educacional. Na quinta seção apresentaremos as considerações finais. .

Acreditamos que a nossa pesquisa possa trazer contribuições, tanto para o estudo das relações étnico-raciais, quanto para o campo de estudo da Filosofia de modo geral, bem como para o campo específico da Filosofia africana em observância a Lei Nº 10.639/03 na Unidade Integrada Sarney Filho, no município de Raposa/Maranhão.

2- CONHECIMENTO FILOSÓFICO DA GRÉCIA A ÁFRICA OU DA ÁFRICA A GRÉCIA: eis a questão

Ao se colocar em foco a Filosofia, surge a necessidade de contextualizá-la no cenário da construção histórica do pensamento humano existente na diversidade cultural. Essa postura nos possibilita um novo olhar sobre a produção de conhecimento filosófico, tanto no mundo Ocidental, quanto no Oriental, especificamente no Continente Africano. Assim, antes de investigar qualquer temática ligada a Filosofia, consideramos que é imprescindível trazer à tona, mesmo que de forma sucinta, a Filosofia em sentido Geral e mostrar a relação que foi sendo construída com a produção de conhecimento ao longo da sua trajetória.

O objetivo de traçar essa relação histórica diz respeito à importância de demonstrar a articulação entre Filosofia com as demais formas de conhecimento existentes no Universo. Compreendemos que as pessoas são sedentas por

conhecer e ávidas para obter respostas de seus infinitos questionamentos. Nesse sentido, elas mergulham na imensidão das forças antagônicas que constituem a formação dos elementos presentes no universo para saciar sua sedenta sede pelo conhecimento.

Todos os homens, por natureza, desejam saber. Uma prova disto é o prazer que encontramos em nossos sentidos, pois mesmo independentemente da sua utilidade, eles são amados por si próprios; e, acima de todos os outros, o sentido da vista: não só para ver nossas ações, mas também, quando nada fazemos, gostamos de ver a tudo o mais. A razão é que este sentido, principal entre todos, nos faz conhecer e traz à luz muitas diferenças entre as coisas. (ARISTÓTELES. *Metafísica*. Capítulo I. Tradução Edian Bino, 2006)

Nessa perspectiva, descrevemos não somente a história da Filosofia em si, mas, uma história contextualizada. Assim, ao analisarmos historicamente o percurso da filosofia grega, identificamos as influências, mudanças, concepções e métodos utilizados por ela em cada período cronológico.

Sobre esse aspecto recorreremos ao pensamento dos autores Vieira e Farias:

Buscar no passado as raízes do presente tem sido uma constante no esforço que homens e mulheres têm feito para compreender sua identidade. Aprender estes elos que articulam o hoje ao ontem nem sempre é uma tarefa simples, sobretudo quando nos dispomos a examinar tempos mais remotos. (VIEIRA & FARIAS, 2003, p. 25).

Em face do exposto, partimos da ideia de que a Filosofia está na história, assim como a história está na Filosofia. Ela é inerente a ação do pensar humano. Recorreremos as sábias palavras do pensador preto, Omoregbe (1998), quando nos conduz a reflexão de que a:

Filosofia é essencialmente uma atividade reflexiva. Filosofar é refletir sobre a experiência humana para responder algumas questões fundamentais a seu respeito. Quando o ser humano reflete buscando a si mesmo ou o mundo que o cerca, ele está tomado pelo “espanto” e essas questões fundamentais surgem na sua mente. Quando o ser humano reflete sobre estas questões fundamentais na busca de respostas, ele está filosofando. Platão e Aristóteles relatam que o “espanto” está na base do nascimento da filosofia. “É através do espanto que os homens começam a filosofar” (OMOREGBE, 1998, p.04, grifo do autor).

Segundo Chauí (1995), como a Filosofia está na história e tem uma história, ela se apresenta classificada em grandes períodos que os historiadores dividem a História da Sociedade Ocidental. Portanto, considera-se que a filosofia seja dividida em: Antiga (século VI a. C. ao VI d. C.); Patrística (século I ao VIII d. C.); Medieval (século VIII ao XIV d. C.); da Renascença (século XIV ao XVI d. C.);

Moderna (século XVII ao XVIII d. C.); do Iluminismo (século XVIII ao XIX d. C.) e contemporânea (século XIX d. C. até os dias atuais).

Desse contexto, surgem perguntas que circundam a origem histórica da Filosofia, como: quando e onde nasceu a filosofia? O que é a filosofia? A filosofia surge na Europa, na África? Em que consiste um estudo filosófico? Qual o princípio de tudo? Qual é a lógica do pensar? Só pode ser considerado filosofia uma produção escrita e sistematizada? Todos os povos têm tradições filosóficas? Os conceitos são universais ou relativos?

Contudo, sabemos que a filosofia nasceu da contemplação, do espanto, da ação do admirar, do exercício de perguntar: o que é isso ou aquilo? O que é a essência de cada coisa? A essência de cada coisa está em seu começo, meio ou fim? É preciso que a pergunta pela origem da filosofia já pertença à história da filosofia, e a história disso é exatamente o questionamento da sua origem. (RIBEIRO, 2008)

Nesse sentido, o valor da Filosofia na vida do homem vai tomando forma como citamos abaixo:

O valor da filosofia, na realidade, deve ser buscado, em grande medida, na sua própria incerteza. O homem que não tem umas tintas de filosofia caminha pela vida afora preso a preconceitos derivados do senso comum, das crenças habituais de sua época e do seus país, e das convicções que cresceram no seu espírito sem a cooperação ou o consentimento de uma razão deliberada. Para tal homem o mundo tende a tornar-se finito, definido, óbvio; para ele os objetos habituais não levantam problemas e as possibilidades infamiliares são desdenhosamente rejeitadas. Quando começamos a filosofar, pelo contrário, imediatamente nos damos conta (...) de que até as coisas mais ordinárias conduzem a problemas para os quais somente respostas muito incompletas podem ser dadas. A filosofia, apesar de incapaz de nos dizer com certeza qual é a verdadeira resposta para as dúvidas que ela própria levanta, é capaz de sugerir numerosas possibilidades que ampliam nossos pensamentos, livrando-os da tirania do hábito. Desta maneira, embora diminua nosso sentimento de certeza com relação ao que as coisas são, aumenta em muito nosso conhecimento a respeito do que as coisas podem ser; ela remove o dogmatismo um tanto arrogante daqueles que nunca chegaram a empreender viagens nas regiões da dúvida libertadora; e vivifica nosso sentimento de admiração, ao mostrar as coisas familiares num determinado aspecto não familiar (RUSSELL, B., 2005, p.121).

Assim, a Filosofia surge do anseio de encontrar respostas capazes de atender a curiosidade humana, que é alimentada por uma Razão “desassossegada” (grifos nossos). As respostas até então existentes estavam fundadas nos *mitos* e, portanto, revestidas de mistérios, forças sobrenaturais e fé; não suportavam questionamentos e usavam o aparato cultural para terem sentido. Ao buscar superar

essa metodologia, a Filosofia enfrenta os desafios de buscar novos caminhos, de enfrentar as tradições e embater as verdades já prontas e acabadas (JASPERS, 2014).

Nesse sentido, o conhecimento filosófico surgiu aos poucos, em substituição aos mitos e às crenças religiosas, na tentativa de conhecer e compreender o mundo e os seres que nele habitam. Assim, a formação do pensamento filosófico se deu na passagem do mito (*mýthos*) para a razão (*lógos*). Os deuses têm sua importância relativizada pela razão a partir dos elementos existentes na natureza estudados pelos pré-socráticos.

Ainda falando da origem da filosofia, com base nos estudos da filosofia tradicional, destacamos que a palavra Filosofia é grega, composta por duas outras palavras: *philo* e *sophia*. *Philo* deriva de *philia*, que significa amor fraterno ou ainda amizade, respeito entre os iguais. *Sophia* significa sabedoria, daí surgiu a palavra sábio. Assim, a filosofia significa, amizade pela sabedoria. (CHAUÍ, 1995).

Alguns pensadores naturalistas gregos do século VI a. C. consideraram o ponto de partida da Filosofia, o problema da origem da *physis*. No conceito grego de *physis*, estavam, indivisas, as duas coisas: o problema da origem – que obriga o pensamento a ultrapassar os limites do que é dado na experiência sensorial – e a compreensão, por meio da investigação empírica, do que deriva daquela origem e existe atualmente. Há, porém, algo de fundamentalmente novo na maneira como os Gregos puseram ao serviço do seu problema último – da origem e essência das coisas – as observações empíricas que do Oriente receberam e enriqueceram pelas suas próprias, bem como no modo de submeter ao pensamento teórico e causal o reino dos mitos fundado na observação das realidades aparentes do mundo sensível: os mitos sobre o nascimento do mundo. É neste momento que assistimos ao aparecimento da Filosofia (JAEGER, 2003).

Ainda falando sobre a problemática filosófica desenvolvida pelos filósofos naturalistas e/ou pré-socráticos² citamos o filósofo africano, Omorebge (1998, p.01), ao se referir aos estudos dos primeiros filósofos gregos:

A experiência humana é a fonte do conhecimento reflexivo entendido como filosofia. Esta experiência poderia ser do homem com ele mesmo (subjetividade) ou dele com o mundo (objetividade). Daí filosofia poder partir de

² Os termos: Naturalistas e Pré-socráticos são utilizados para denominar os primeiros filósofos. Naturalistas em decorrência dos mesmos buscarem na natureza as respostas para suas indagações e pré-socráticos, porque conforme a tradição grega esses filósofos desenvolveram suas teorias antes do apogeu do grande filósofo Sócrates. (CHAUÍ, 1995)

aspectos da subjetividade ou de aspectos da objetividade. Os primeiros filósofos gregos partiram da objetividade. Afinal, eles foram impactados pelo “espanto” enquanto observavam o mundo ao seu redor. Eles ficaram espantados e interessados por duas coisas. Primeiro, eles estavam muito impressionados com a diversidade e a unidade presentes no universo. Eles observaram que as coisas ao seu redor eram incrivelmente diversas; mas, ao mesmo tempo eles também observaram que existia uma unidade básica no interior de toda essa diversidade. Segundo, eles estavam maravilhados pelo fato das coisas se transformarem no mundo. Eles anunciaram que as coisas estão constantemente se transformando; mas, ao mesmo tempo eles observaram que existia uma continuidade básica no meio dessas mudanças. Daí eles observaram que o universo combinava unidade com diversidade e continuidade com mudanças. Este foi o fenômeno estabelecido pelos primeiros filósofos gregos como objeto de investigação. Portanto, as maravilhas do universo físico levaram os primeiros filósofos gregos a filosofar.

A Filosofia, como conhecemos, tem sua origem na Grécia Antiga, onde surge em decorrência de uma intensa mudança de pensamento naquele contexto.

Desde o seu surgimento, em Mileto no século VI a. C., e do aparecimento da palavra filosofia, que Cícero e Diógenes atribuem a Pitágoras, muitos filósofos tentaram responder à pergunta sobre o que é a Filosofia. Além desse trabalho de investigação constante acerca da natureza da Filosofia, há também uma diversidade de temas e de preocupações que os filósofos tentam responder ainda hoje (CHAUÍ, 1995).

Comumente os historiadores dividem em quatro grandes períodos a história da filosofia grega (Figura 1). Sobre isso citamos Chauí (1995, p. 34):

1. Período pré-socrático ou cosmológico, do final do século VII ao final do século V a. C., quando a filosofia se ocupa fundamentalmente com a origem do mundo e as causas das transformações na natureza.
2. Período socrático ou antropológico, do final do século V e todo o século IV a. C., quando a filosofia investiga as questões humanas, isto é, a ética, a política e as técnicas (em grego, *ântropos* quer dizer homem; por isso o período recebeu o nome de antropológico).
3. Período sistemático, do final do século IV ao final do século III a. C., quando a Filosofia busca reunir e sistematizar tudo quanto foi pensado sobre a cosmologia e a antropologia, interessando-se sobretudo em mostrar que tudo pode ser objeto do conhecimento filosófico, desde que as leis do pensamento e de suas demonstrações estejam firmemente estabelecidas para oferecer os critérios da verdade e da ciência.
4. Período helenístico ou greco-romano, do final do século III a. C., até o século VI depois de Cristo. Nesse longo período, que já alcança Roma e o pensamento dos primeiros Padres da Igreja, a Filosofia se ocupa, sobretudo com as questões da ética, do conhecimento humano e das relações entre o homem e a natureza e de ambos com Deus.

Figura 1: Principais períodos, pensadores e sua localização na Grécia Antiga



Fonte: <https://www.todamateria.com.br/filosofia-antiga/>

Como podemos notar, os dois primeiros períodos fazem referência a Sócrates de Atenas, de onde surge a divisão da Filosofia em socrática e pré-socrática. Desde a invenção da palavra filosofia, por Pitágoras, temos diversos problemas filosóficos e diversas respostas a cada um deles. Para os pré-socráticos: a *physis*; para a Filosofia Antiga: a atividade política, técnicas e ética do homem; para a Filosofia Medieval, o conflito entre fé e razão, os Universais, a existência de Deus, a conciliação entre Presciência divina e Livre-arbítrio; para a Filosofia Moderna, o empirismo e o racionalismo, para a Filosofia Contemporânea, diversos problemas a respeito da existência, da linguagem, da arte, da ciência, entre outros. (CHAUÍ, 1995).

A Filosofia no sentido de um conhecimento racional e sistemático foi uma atividade que, segundo se defende na história da filosofia, iniciou na Grécia Antiga formada por um conjunto de cidades-estados (*pólis*) independentes. Isso significa que a sociedade grega reunia características favoráveis a essa forma de expressão pautada por uma investigação racional. Essas características eram: poesia, religião e condições sociopolíticas. (JÚNIOR, 2013).

A figura 02 apresenta a Acrópole de Atenas, lugar estratégico para os atenienses, pois além de desenvolver a função de defender a cidade, abrigava cidadãos atenienses para reuniões de cunho político, artístico e religioso. Essas eram as atividades peculiares ao cotidiano do povo ateniense.

Figura 02: Atenas Grécia Acrópole



Fonte: br.depositphotos

É no contexto dessas cidades – Estado, que a *Pólis* surge mais como uma criação da vontade humana do que natural ou divina. Os acontecimentos do mundo que até então eram considerados realizações do rei e dos deuses, perdem a base de explicação. Tornam-se problemas e para resolvê-los o homem deve resguardar-se, logo ele próprio criou a *Pólis*, o logos, a linguagem e a razão. (JAEGER, 2001).

Sobre a origem da *pólis*, destacamos:

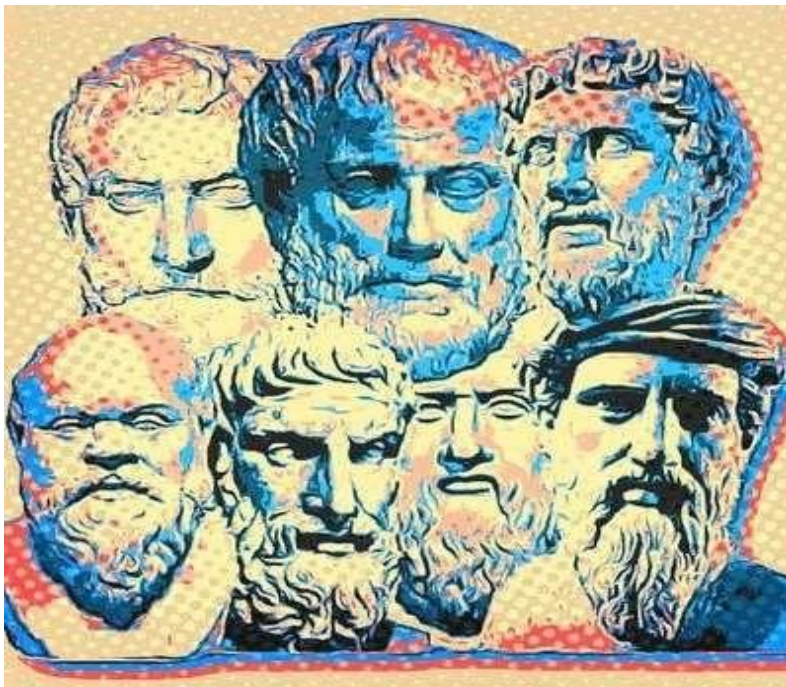
O aparecimento da *pólis* constitui, na história do pensamento grego, um acontecimento decisivo. Certamente, no plano intelectual como no domínio das instituições, só no fim alcançará todas as suas consequências; a polis conhecerá etapas múltiplas e formas variadas. Entretanto, desde seu advento, que se pode situar entre os séculos VIII e VII, marca um começo, uma verdadeira invenção; por ela, a vida social e as relações entre os homens tomam uma forma nova, cuja originalidade será plenamente sentida pelos gregos. (VERNANT, 2006, p. 53).

Com o advento da *pólis* grega, a filosofia muda a sua ênfase de pesquisa, agora a problemática passa a ser o próprio homem, enquanto ser individual, ético e cidadão da *pólis*.

Para a história da filosofia ocidental, o filósofo Sócrates tem grande importância. A forma como ele entendia a atividade de filosofar e a sua investigação a respeito do humano apresenta uma inovação em relação aos outros filósofos, entre eles Tales e Pitágoras, que ainda tinham como centro de seus pensamentos a preocupação a respeito da origem do universo e outras questões relativas à natureza. Por isso, esses filósofos são chamados de pré-socráticos, conforme a

imagem 3. Os filósofos gregos que vieram depois de Sócrates, sendo que alguns foram seus alunos, como Platão, são chamados de pós-socráticos (CHAUI, 1995).

Figura 3- Os pré-socráticos e o nascimento da filosofia



Fonte: Filósofos do Enem/2020

Quando citamos a história da filosofia grega ouvimos muito falar em certas escolas, e a escola Jônica³ é um nome muito citado, isto acontece porque foi nela que a filosofia teve início. Os grandes filósofos que fazem parte dessa escola tinham como base a busca pela origem das coisas, um exemplo disso é o já citado Tales de Mileto, que buscava a existência de um princípio para tudo, além também de Anaximandro e Anaxímenes (JÚNIOR, 2013)

Ainda podemos destacar as considerações dos autores, Cotrim e Fernandes (2011, p.183), a respeito dos primeiros filósofos gregos:

Destaca-se, entre os objetivos desses primeiros filósofos, a construção de uma cosmologia - explicação racional e sistemática das características do universo - que substituísse a antiga cosmogonia - explicação sobre a origem do universo baseada nos mitos.

Resumidamente, trazemos a periodização proposta por Porta (2002):

QUADRO 1: Quadro síntese sobre a divisão dos períodos filosóficos gregos

PERÍODO FILOSÓFICO	CORRESPONDÊNCIA AO PERÍODO HISTÓRICO	GRANDES NOMES	DISCIPLINA CHAVE	CONCEITO CHAVE
1. Período metafísico	Época antiga, medieval e início da moderna	Platão, Aristóteles,	Metafísica (ontologia)	Ser

		São Tomás de Aquino (Descartes)		
2. Período epistemológico (ou transcendental)	Época moderna	Descartes, Kant	Epistemologia, Teoria transcendental	Verdade, objetividade, validade
3. Período semântico-hermenêutico	Época contemporânea	Husserl, Dilthey, Heidegger, Frege, Wittgenstein	Teoria da significação, Fenomenologia, Hermenêutica, Semântica (análise lógica da linguagem)	Significado, Semântica: análise lógica da linguagem

Fonte: Produzido pela autora (2021)

Conforme Reale (1993), antes do nascimento da filosofia os educadores dos gregos foram os poetas, principalmente Homero. Neste momento houve o desenvolvimento da Matemática, da Ciência e da Filosofia. O primeiro a levantar essas questões foi Tales de Mileto.

Na Era Medieval, historicamente conhecida como uma época dominada pelo poderio do Cristianismo, da Igreja católica, a filosofia passou do seu momento Antropocêntrico³ para o Teocêntrico⁴. Alguns pensadores afirmam que a filosofia durante esse período não houve grande avanço em produções científicas e filosóficas haja vista, que a mesma ficou atrelada ao processo de cristianização, conciliar a fé cristã (religião) com a razão (filosofia), o que sob os olhares de muitos pesquisadores foi um verdadeiro paradoxo. Sendo assim, os estudos desenvolvidos nessa época não podiam contradizer as verdades narradas na Bíblia.

Alguns dos grandes destaques na filosofia medieval foram: Justino Mártir, Orígenes de Alexandria, Tertuliano, Agostinho de Hipona⁵, São Tomás de Aquino, dentre outros.

Sob a caracterização da filosofia medieval recorreremos aos estudos do autor Marcondes (2007, p.105):

A filosofia medieval corresponde ao longo período histórico que vai do final do helenismo (séc. XV e séc. XVI), aproximadamente dez séculos, portanto. Na

³ Estudo que afirma que o ser humano é o centro de todas as investigações, de todas as coisas;

⁴ Teoria que contrapõe o antropocentrismo, pois afirma que Deus é o centro de tudo. Essa ideia fundamentou a Idade Medieval; (MARCONDES, 2007)

⁵ Filósofo de origem africana, nasceu em Tagaste, na cidade da Numídia (hoje Argélia), no norte da África. Iniciou seus estudos em Tagaste. <https://brasilescola.uol.com.br/biografia/santo-agostinho>.

verdade, contudo, a maior parte da produção filosófica da Idade Média, o que realmente conhecemos como “filosofia medieval”, está concentrada entre os sécs. XII e XIV, período de surgimento e desenvolvimento da Escolástica.

No século XIX, o otimismo positivista ou cientificista levou a Filosofia a julgar que, no futuro, só haveria ciências, e que todos os conhecimentos e todos os esclarecimentos seriam dados por elas. Assim, a própria Filosofia poderia esvanecer, não tendo motivo para existir. No entanto, no século XX, a Filosofia passou a revelar que as ciências não possuem princípios totalmente certos, seguros e rigorosos para as suas investigações, que os resultados podem ser duvidosos e precários, e que, frequentemente, uma ciência desconhece até onde pode ir e quando está entrando no campo de investigação de uma outra. (CHAUÍ, 1995).

Época que emergiram grandes concepções filosóficas, dentre elas: o Marxismo e o Existencialismo. A primeira revela a luta das classes sociais, enquanto a outra defende a liberdade humana incondicional.

Esse período foi considerado por grandes pensadores como um momento de incerteza, de dúvida fundamentada na angústia e de profundas críticas aos sistemas filosóficos. Sendo assim, essa nova fase da filosofia se denomina de uma crise ao pensamento moderno.

Segundo o autor Marcondes (2007, p. 255) nos remete a reflexão:

A concepção de uma filosofia fortemente sistemática e teórica, que formulando um grande sistema, pudesse dar conta de todas as áreas do saber humano, passa a ser vista como altamente problemática, se não irrealizável

Assim, a Filosofia não possui uma definição, mas várias. Chauí (1995, p.18), cita algumas definições de Filosofia de grandes estudiosos:

Para Platão é um saber que deve ser usado para o “benefício de todos”. Para Descartes, “é um estudo da sabedoria”, para Kant a Filosofia “é o conhecimento que a razão adquire de si mesma”, e que assume o escopo de trazer felicidade. Já para Marx, “é o caminho para conhecer o mundo e transformá-lo”. Merleau-Ponty, apontou que “a Filosofia é um ver e despertar para ver e mudar o mundo” (grifos do autor).

Para Deleuze (1998), a história da Filosofia sempre foi agente de poder, e mesmo no pensamento, ela desempenhou o papel de repressora - como alguém quer pensar sem ter lido Platão, Kant etc? Uma fantástica escola de ameaça que fabrica especialistas do pensamento, mas que ajusta ainda mais aqueles que ficam fora. Existe assim uma relação da filosofia com o Estado, em que o pensamento

toma de empréstimo sua imagem propriamente Filosófica do Estado como bela interioridade subjetiva ou substancial. Ela inventa um Estado propriamente espiritual, como um Estado absoluto, já que funciona efetivamente no espírito. Por isso que as noções de método, de questão-resposta, reflexão, reconhecimento ou reconhecimento, de ideias justas e universalidade são tão importantes.

Neste sentido, apresenta-se outra questão - o professor que se estabelece pelo saber filosófico e por este motivo tem o aval de atuar nas salas de aulas como o próprio estadista? A relação com o aluno torna-se absolutista, não havendo possibilidades nem de criação, nem de autonomia?

É nessa conjuntura que ao longo da história o ensino de Filosofia fora aparecendo no contexto educacional brasileiro, pois nesse percurso a relação entre filosofia e educação não foi passiva em vários momentos, influenciando assim, a história do pensamento pedagógico brasileiro. Esses conflitos de ordens políticas e também conjunturais transcorrem ainda hoje, no sentido de que sempre houve uma preocupação por parte dos políticos que o pensamento filosófico pudesse exercer forte influência as gerações futuras.

Sobre esse aspecto, Luckesi (2011) destaca que a educação é abrangida como uma prática humana, sendo direcionada por uma determinada concepção teórica. Tal concepção preceitua os elementos que direcionam a prática educacional.

Daí a afirmação de Saviani (2000, p.23) que: “a filosofia da educação só será mesmo indispensável à formação do educador”, se ela for encarada, tal como estamos propondo, como uma “reflexão (radical, rigorosa e de conjunto) sobre os problemas que a realidade educacional apresenta”.

É nessa seara que se dá o entrelaçamento da Educação com a Filosofia, por meio da reflexão sobre os problemas que surgem nas atividades educacionais. Saviani (1991, p.17) destaca que é a partir da busca da explicação do “algo que interrompe o seu curso ou interfere no seu processo” que o homem começa a filosofar. Assim, “o ponto de partida da Filosofia é esse algo que damos o nome de problema”.

Segundo Saviani (2000), Filosofia e crise se frequentam há muito tempo, ao menos desde a Atenas clássica: o professor de filosofia é certamente chamado a ser protagonista desta crise, em busca de novas oportunidades de estruturação do saber e de seu ensino formal. Dessa forma, a Filosofia pode ocupar-se de problemas da esfera política, ambiental, científica, social, educacional, entre outras.

Para Saviani (2000, p.17), é nessa característica que a filosofia se distingue da ciência de modo mais marcante. “Com efeito, ao contrário da ciência, a filosofia não tem objeto determinado; ela se dirige a qualquer aspecto da realidade, desde que seja problemático; seu campo de ação é o problema, esteja onde estiver”.

Corroborando com o princípio de que a filosofia questiona tudo à sua volta, então, poderá questionar também o seu lugar de surgimento. Haja vista, que ela busca refletir sobre uma determinada problemática, expandindo ainda mais o seu campo de atuação. Se o processo do filosofar não pertence exclusivamente somente a um povo, a uma nação, pois é peculiar da essência humana, logo, levamos a compreender que “existe uma produção filosófica que está pra além da Grécia na Antiguidade, que talvez o racismo epistêmico possa justificar a razão da exclusão desses pensadores negros. (NOGUERA, 2014)

Aprendemos durante o percurso escolar, acadêmico e através dos livros didáticos que a história da filosofia se desenvolveu da forma apresentada nesse exposto trabalho. Entretanto, surgem teorias, estudos que apontam novos caminhos para o surgimento da filosofia. As ideias se divergem em grupos que acreditam que o local do início das raízes do conhecimento filosófico tenha sido em terras do continente africano, enquanto outros sustentam a afirmação que o solo de surgimento da filosofia seja grego.

Contrapondo algumas afirmações de autores europeus, quanto a validação das teorias defendidas pelos filósofos serem exclusivamente de conhecimento grego, recorreremos a estudos recentes de pesquisadores acerca do conhecimento filosófico africano:

Antes das universidades europeias e das madrassas árabes, antes do Liceu de Aristóteles e da Academia de Platão, o Antigo Egito criou a primeira escola filosófica da história, as escolas mistérios. Tutmés III, faraó da XVIII dinastia, instituiu a primeira dessas fraternidades de ensino e aprendizagem do saber. Essas Instituições foram tão importantes que sobreviveram a conquista do Império Egípcio por Alexandre, o Grande (332 a. C). (TAMOSAUSKAS, 2020, p.88).

Ainda nesse contexto,

Muitos dos famosos filósofos gregos foram iniciados nas escolas de mistérios egípcias. Sabemos, de fato, que nomes como Tales de Mileto, Pitagóras, Demócrito e Platão, em outros, passaram anos estudando nas escolas egípcias em busca de sabedoria e foram iniciados dentro delas. (TAMOSAUSKAS, 2020, p.90)

O conhecimento está presente em todas as tradições, é uma “força vital” que interliga diretamente as ações humanas à comunidade, pois o objetivo da inteligência, conforme as tradições filosóficas africanas, é melhorar o Ser Humano e todo que há ao seu redor. Os seres humanos, espirituais, vegetais, animais se relacionam, se interligam de forma coletiva buscando a harmonia do universo.

Recorremos o pensamento dos autores, Lopes e Simas (2021, p.27) para entendermos em sentido amplo a expressão Força Vital.

A expressão “Força Vital, sempre presente nas teorizações sobre as filosofias africanas, designa o fenômeno responsável pela vida existente no Universo visível e invisível e pela sua manutenção.

Todos os seres do Universo possuem sua própria Força Vital: e ela é o valor supremo da existência.

No pensamento original africano, um ser- seja ele espírito, seja ele vivente, atuando sobre um animal, um vegetal ou um mineral- é capaz de influenciar indiretamente outro ser.

A figura (4) a seguir nos remete a reflexão do pensamento africano, da Força Vital, tudo se relaciona individualmente e coletivamente dentro de uma ordem universal.

Figura 4– Filosofia Africana



Fonte: <https://arteref.com/filosofia/a-filosofia-africana-que-voce-precisa-conhecer/>

Os estudos das concepções de conhecimento europeu nos apontam que só poderá ser considerado conhecimento filosófico, aquele que atingi um alto nível de abstração do pensamento, resultando na supervalorização de elaboração de teorias conceituais filosóficas durante séculos. Assim, a universalidade do conhecimento racional se estabelece na Grécia Antiga, quando seus pensadores rompem com a mitologia, o sobrenatural e busca respostas racionais para

compreender o universo. Nessa maneira, compreendemos que qualquer outro povo que viesse desenvolver um conhecimento racional era visto, conforme o pensamento grego, como uma produção de conhecimento do senso comum. Sendo assim, busquemos no pensamento do autor Noguera (2014, p.27) entendemos as causas do não legitimação das produções filosóficas africanas como conhecimento intelectual.

Racismo epistêmico remete a um conjunto de dispositivos, práticas e estratégias que recusam a validade das justificativas feitas a partir de referências, históricos, científicos e culturais que não sejam ocidentais. Em outras palavras, o projeto epistemológico moderno estabeleceu critérios para distinguir o que é conhecimento válido do que não é conhecimento. Com isso, o conhecimento gestado dentro de um desenho geopolítico ocidental é privilegiado em relação aos outros. No caso específico da filosofia, o racismo epistêmico sustenta que apenas o mundo ocidental pode garantir a filosoficidade de um saber.

Porém o conhecimento Africano que durante décadas foi repassado pela tradição oral, acabou se perdendo no tempo e na própria história, o que dificultou muito as pesquisas dos primeiros pensadores africanos, que buscavam incansavelmente provas plausíveis e irrefutáveis para comprovar a existência do conhecimento filosófico em terras africanas. Pois, a própria África, durante um tempo, chegou a acreditar que a sua história inicia com a chegada dos seus colonizadores, os europeus. O massacre na história africana não se resume apenas na escravidão física, mas, principalmente na disseminação de falácias quanto à neutralidade intelectual dos negros. (DANTAS, 2008)

Corroborando com o pensamento de Dantas (2008), citamos o autor Somet (2016, p.80), que esboça as consequências desastrosas que esse preconceito enraizado durante séculos, trouxe ao povo negro. Nesse sentido, recorreremos ao pensamento do autor Somet (2016, p.80).

Desde o século das Luzes, um preconceito tão arraigado quanto aberrante fez da África um continente sem passado, sem história, sem cultura nem civilização, mergulhado, de fato, nas trevas e na barbárie. A consequência disso é que, ainda hoje, muito poucos, mesmo entre as mentes mais cultas, estão dispostos a admitir que um fato importante de civilização encontrado na África possa ser obra de africanos negros. Segundo esse paradigma *o homem africano não entrou suficientemente na História. Nunca ele se lança para o futuro. Jamais lhe vem a ideia de sair da repetição para inventar um destino. (Grifos do autor)*

Tal preconceito instituído historicamente em vários campos do conhecimento africano, principalmente no que cerce o conhecimento filosófico gerou

um afastamento das demais civilizações com a civilização africana. Há premissas falaciosas desenvolvidas pelos grandes pensadores europeus quando se referem a existência da produção filosófica africana, ajudando a traçar um perfil negativo do povo negro. Ideias como as dos filósofos, Kant e Hegel, contribuíram drasticamente para disseminar o racismo epistêmico.

Sendo assim, analisaremos as palavras do filósofo Immanuel Kant quando se refere ao povo negro.

Os negros da África, por natureza, não têm nenhum sentimento que se eleve acima do pueril. O senhor Hume desafia quem quer que seja a citar um único exemplo de um negro demonstrando talento e afirma que dentre as centenas de milhares de negros que são transportados de seus países para outros, mesmo dentre um grande número deles que foram libertados, ele nunca encontrou um só que, seja em arte, seja nas ciências, ou em qualquer outra louvável qualidade, tenha tido um papel importante, enquanto que dentre os brancos, constantemente ele constata que, mesmo se nascidos das camadas mais baixas do povo, estes sempre se elevam socialmente, graças a seus dons superiores, merecendo a consideração de todos. Tanta é a diferença essencial entre estas duas raças; ela parece também tão grande no que concerne às capacidades quanto segundo a cor. A religião fetichista, largamente difundida entre eles, talvez seja uma espécie de idolatria que se enraíza tanto na puerilidade quanto parece possível à natureza humana. A pluma de um pássaro, um chifre de uma vaca, um búzio, ou qualquer outra coisa ordinária, desde o instante em que esta coisa seja consagrada por certas palavras, é um objeto de veneração e invocada em juramentos. Os negros são muito vaidosos, mas à maneira negra, e tão tagarelas que é preciso dispersá-los a golpes de porrete. (KANT, 1980, p.505)

Ainda nesse contexto, citaremos o autor Somet (2016, 83):

Se olharmos agora o que diz Hegel (1774-1831), veremos que encontramos a mesma imagem negativa da África, construída também sobre as bases dos preconceitos destinados a servir de justificativa tanto para o tráfico negreiro europeu, quanto para a violência simbólica que o substituiria depois. Para Hegel, a África é constituída de três partes distintas: a África propriamente dita, que ele situa ao Sul do Saara, a África europeia, situada ao Norte do deserto e, enfim, o baixio do Nilo, descrito como o único vale da África que se religa à Ásia. Entretanto, o que de fato prende a atenção de Hegel é esta África propriamente dita

Paralelo a esse pensamento dos autores, Dantas (2008) e Somet (2016) que nos remetem a uma reflexão detalhada sobre a disseminação da desvalorização da identidade negra, trazemos à tona a análise do pesquisador Clive (2020) que também discorre em suas pesquisas sobre o continente africano e o prejuízo cultural proposto a figura do povo africano. Assim sendo, citamos:

A frustração nasceu da caricatura colonial da África como culturalmente ingênua, intelectualmente dócil e racionalmente inepta. Esta caricatura foi criada por estudiosos europeus como Kant, Hegel e, muito mais tarde, Levy-Bruhl para citar apenas alguns. Foi a reação a esta caricatura que levou alguns estudiosos africanos a retornar do Ocidente para o tipo de filosofia

que se pode descrever como sistemático começando com a identidade do povo africano, seu lugar na história, e suas contribuições para a civilização. (CLIVE, 2020, p. 25-26).

Conforme teorias desenvolvidas pelos pesquisadores, historiadores ao longo de décadas, acerca da existência de uma Filosofia Africana, conseguiram estabelecer duas categorizações a seguir:

Sobre isso, recorremos a análise do autor Clive (2020, p. 148)

1ª Categoria: Era pré-sistemática: refere-se à cultura filosófica da África, pensamentos dos pensadores africanos anônimos e os problemas do legado egípcio.

2ª Categoria: Era Sistemática. – Refere-se aos períodos que marcam o retorno dos filósofos da África, professores ocidentais da década de 1920 até hoje.

Sendo a última categoria subdividida em quatro etapas:

- Período Inicial: 1920- 1960
- Período Médio: 1960-1980
- Período Posterior: 1980-1990
- Nova Era (Contemporânea: 1990 até os dias atuais)

Após a descrição dessa divisão de categorias da filosofia africana, poderíamos nos questionar se antes da classificação dos períodos, o povo africano não filosofava? Acredita-se que eles filosofavam. Entretanto, conforme os historiadores, o povo africano não documentou os seus pensamentos, transferiram através da tradição oral, costume cultural da época. Nesse sentido, muitos conhecimentos se perderam durante décadas, por não haver uma sistematização dos pensamentos africanos (CLIVE, 2020).

Ainda nessa perspectiva, Omoregbe (1998, p. 05) descreve:

De fato, as reflexões filosóficas de pensadores africanos não foram preservadas ou transmitidas através de relatos escritos; a verdade é que esses filósofos permanecem desconhecidos para nós. Porém, isso não significa que eles não tenham existido; nós temos fragmentos de suas reflexões filosóficas e suas perspectivas foram preservadas e transmitidas por meio de outros registros escritos como mitos, aforismos, máximas de sabedoria, provérbios tradicionais, contos e, especialmente, através da religião. Isto quer dizer que apresentado na forma escrita, o pensamento pode ser entendido como um sistema, não somente como um conhecimento transmitido de uma geração para outra. Além das mitologias, máximas de sabedoria e visões de mundo, o conhecimento pode ser preservado e reconhecido na organização político-social elaborada por um povo. São esses os meios através dos quais as reflexões e perspectivas dos filósofos africanos têm sido preservadas e transmitidas para nós na África. Portanto, estas reflexões e pontos de vista têm transformado, ao longo dos anos durante o processo de transmissão, parte do modo de vida africano, da cultura e patrimônio africanos. Porém, os autores de perspectivas originais e individuais permanecem desconhecidos para nós. Ainda que nós saibamos que essas perspectivas têm sido fruto de profundas e interessantes reflexões de alguns pensadores africanos no passado.

Resumidamente, conforme os historiadores, e as contribuições marcantes do pesquisador Clive (2020), poderíamos compreender a divisão da segunda categoria dos períodos da filosofia africana, conforme o quadro 2, elaborado pela autora com base nos estudos desenvolvidos pelo autor Clive (2020).

QUADRO 2: Quadro síntese sobre os períodos históricos da Filosofia Africana.

Período Filosófico	Período Histórico	Grandes Pensadores	Principais Escolas	Principais Ideias
INICIAL	1920-1960	James (1954) <i>Stolen Legacy</i> Placid Tempels <i>Bantu Philosophy</i> 1949 Alex Kagame <i>The bantu-Ruandn Philosophy</i> (1956) John Mbiti (1969) <i>Religiões e Filosofias Africanas.</i>	Etnofilosofia; Ideológica; Nacionalista;	Era do movimento denominado <i>de escavação cultural</i> . Tinha como intuito recuperar e reconstruir a identidade Africana.
MÉDIO	1960-1980	Odera Oruka Joseph Omoregbe Momoh Lansana Keita Oladipo Paulin Hountondji	Sagacidade filosófica Profissionais Modernistas Universalistas Hermenêuticas Literárias.	Período que ocorreu o movimento duplo conhecido como: Afroconstrucionismo e afro-desconstrucionismo. Momento de grande debate entre os tradicionalistas e universalistas.
POSTERIOR	1980-1990	Peter Bodunrin Kwasi Wiredu Mudimbe Franz Crahey Marcien Towa	Particularistas Universalistas	Surgimento dos movimentos Reconstrucionismo crítico e Afro-Ecletismo
NOVA ERA	1990...	Jennifer Lisa Bruce Janz Innocent Asouzu, Iroegbu Mogobe Ramose Michael Eze Mangena	Filosofia Conversional. (Universidade de Calabar) sede internacional desse novo movimento filosófico.	O foco de nesse período é o método da filosofia conversacional. E a interação ativa entre os filósofos africanos com o intuito de produzir uma nova episteme filosófica.

Fonte: pesquisa da autora (2022)

No Continente Africano (século XIX) se iniciava a articulação de ideias sobre a “personalidade africana. “Edward Wilmot Blyden, foi considerado um dos pioneiros a desenvolver esse novo tipo de reflexão acerca das raças humanas. Para

esse pensador, “não existem raças superiores ou inferiores, mas diferentes” (TAMOSASKAS, 2020, p. 56 e 57).

Ainda nesse contexto, Clive (2020, p.150) nos esclarece:

O desenvolvimento da filosofia Africana através dos períodos produz duas concepções vitais para a filosofia africana, ou seja, a filosofia africana é um engajamento crítico das tradições e dos pensadores individuais por um lado, e por outro lado é uma construção crítica da futuridade.

A imagem abaixo (Figura 5) nos retrata a sabedoria expressa na tradição do povo africano do Egito. Pois, ainda persistem pesquisadores que sustentam a ideia que a cor da pele desse povo era mais embranquecida. Máxima para justificar que a cor da pele influenciava diretamente na produção de conhecimento. Nesse contexto, a origem da filosofia africana é um mito ou realidade inaceitável para muitos?

FÍGURA 05: Origem da filosofia africana: mito ou realidade?



Fonte: <https://pretaegorda.blogspot.com/>

Para fundamentar essa análise recorreremos as palavras de Asante (2014, p.120):

A cor dos antigos egípcios não deve ser questão de debates; essa só vem à tona porque sempre encontramos alguma pessoa branca que se esforça para manter a afirmação de que os africanos não poderiam ter construído as pirâmides e, especialmente, não africanos negros. É claro, todos devem saber que os egípcios eram africanos, mas o fato é que eles não eram apenas africanos, os egípcios tinham especificamente pele negra com cabelo lanoso.

A filosofia começa 2800 anos a.C. com pessoas de pele negra do Vale do Nilo, ou seja, 2200 anos antes do aparecimento de Tales de Mileto, considerado o primeiro filósofo ocidental. Nossos ancestrais 30.000 anos atrás separavam ocre vermelho de ferro em uma caverna da Suazilândia. Eles deveriam ter alguma ideia sobre aquilo que estavam fazendo. Devia haver alguma reflexão, algum processo pelo qual os anciões determinavam o que era para ser utilizado, para o que e em qual ocasião. Dessa forma, antes mesmo da escrita, temos evidências de que os africanos estavam engajados em discussões significativas sobre a natureza de seu ambiente.

Nesse contexto, surgem várias indagações acerca da filosofia africana, como: quais os reais fatores contribuíram para o silenciamento dessa civilização? O

conhecimento filosófico foi embranqueado durante décadas? Ainda hoje propagamos o racismo epistêmico? Como poderíamos desenvolver esses conhecimentos filosóficos em sala de aula? Diante a esse novo contexto filosófico qual seria a postura do professor de filosofia? Onde está a essência do conhecimento filosófico, no chão africano, europeu ou no chão de todos as civilizações?

Esse é verdadeiro movimento do conhecimento filosófico, construir, desconstruir e reconstruir os saberes, pois a Filosofia é viva, pungente, é encantamento, é movimento, é amor ilimitado pelo saber. Diante de tudo que foi exposto será que ainda podemos afirmar que a filosofia pertence somente a uma nação ou ela é de todos? Citamos nesse contexto a autora Lara Sayão que transcreve de forma poética no prefácio do livro, *Filosofias Africanas, o encantamento filosófico* (2021, p. 12):

O thaumatsen grego (o maravilhar-se, o encantar-se) é o motor que fez Tales de Mileto querer entender a arché, o princípio substancial, e, dialogando com que percebia e sentia, propor suas ideias para a comunidade. O thaumatsen é encantamento, movimento, experiência, relação do ser que pensa o mundo, no mundo e com o mundo. Essa relação não é propriedade de ninguém, está a saltitar pelo universo, provocando a todos os atentos. Não tem nacionalidade nem paradeiro, é peregrina.

Como citamos anteriormente nesse trabalho, nossa intenção não é afirmar logicamente de qual espaço geográfico a filosofia é oriunda. Mas, desenvolvermos o movimento de construção e desconstrução de ideias já estabelecidas, pois é essa uma ação primária da filosofia. E um professor crítico e pesquisador deverá levar para sua sala de aula, as possibilidades, os caminhos, os questionamentos. Nesse sentido, o estudante despertará em si um universo de perspectivas e as múltiplas oportunidades de conhecer. Como nos remete o filósofo grego Platão: sair da Caverna⁶ para vislumbrar a luz do Conhecimento.

⁶ Mito da Caverna, obra do filósofo Platão, República Cap.VII

3 FILOSOFIA AFRICANA: A POPULAÇÃO NEGRA COMO SUJEITO DA SUA HISTÓRIA

A história do pensamento africano percorre uma longa trajetória durante anos de debates, pesquisas, produções de diversos autores nascidos em solos africanos ou pertencentes a solos diásporos, como nós, brasileiros que carregamos em nossa história as ancestralidades africanas. Nessa conjectura a autora Machado (2014, p.06), nos conduz a rica reflexão:

A filosofia Africana contemporânea tem a cultura como eixo significativo na sua constituição, é fruto da experiência, é aquela filosofia feita não apenas por filósofos africanos, mas também por aqueles que estão implicados em direcionar a sua atenção aos problemas africanos, sejam nascidos na África ou aqueles que têm a África nascida em si, como nós, afro-brasileiros.

Nesse contexto, compreendemos que muitos pensadores contribuíram e contribuem para uma releitura do pensamento africano além das bases eurocêntricas⁷, resignificando a identidade filosófica africana, e conseqüentemente buscando a ampliar as pesquisas acerca da legitimidade das produções intelectuais dos povos desse continente. Com ênfase nessa visão, discorreremos nesse trabalho, três concepções filosóficas desenvolvidas por pensadores africanos e diásporos a partir das análises do pensamento cultural, filosófico do povo negro.

3.1 Afroperspectividade

Para compreendermos o ensino de filosofia africana se faz necessário dialogarmos acerca de um ensino sob a ótica de uma visão afroperspectivista, pautada nos princípios, debates sobre a diversidade. Mas, o que seria uma abordagem afroperspectivista? Para responder tal questionamento recorreremos as palavras do pensador negro, afro-brasileiro, Nogueira (2014, p.45):

Em linhas muito gerais, afroperspectividade significa uma linha ou abordagem filosófica pluralista que reconhece a existência de várias

⁷ Termo utilizado por diversos autores gregos e/ou diásporos para reafirmar a hegemonia europeia em relação a negação aos conhecimentos dos demais povos. <https://www.todamateria.com.br/eurocentrismo/> Acesso: abril.2022.

perspectivas. Sua base é demarcada por repertórios africanos, afrodiaspóricos, indígenas e ameríndios.

Desse modo, a concepção afroperspectivista parte do princípio que todas as culturas têm suas capacidades racionais preservadas, portadoras de potências intelectuais, capazes de produzir sua própria base epistemológica filosófica. Esse caminho nos conduz ao diálogo aberto a diversidade, uma cultura dialogando com outra, sem a pretensão de dominação e muito menos de negação ao conhecimento do outro povo.

Muitos pensadores e pensadoras dedicaram suas pesquisas em prol de uma educação filosófica afroperspectivista, dentre eles, temos: Marcien Towa, oriundo da República de Camarões; Frantz Fanon, nascido em Martinica, Odera Oruka, queniano; e entre os/as pensadores/as brasileiros/as que defendem essa concepção, estão: Renata Apis, Luís Thiago Dantas, Wanderson Flor, Renato Nogueira, dentre outros. Nesse estudo, apresentaremos como referência brasileira nos estudos afroperspectivistas, o pensador Renato Nogueira⁸ (Figura 6), como um dos precursores dessa tendência na filosofia brasileira chamada Afroperspectividade.

Figura 06: Renato Nogueira representante da Afroperspectividade



Fonte: Geledés, 2021

⁸ Renato Nogueira nasceu no Rio de Janeiro em 1972. Professor de Filosofia do Departamento de Educação e Sociedade, do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDUC) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Pesquisador do Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (LEAFRO). Coordena o grupo de pesquisa Afroperspectivas, Saberes e Infâncias (Afosin). doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Nogueira está envolvido com alguns projetos de pesquisa, tais como: O que as crianças pensam sobre a escola: imagens, palavras e infâncias na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, e, “Modernidade” na perspectiva da Crítica da Razão Negra; coordena o projeto de Extensão Brinquedoteca Pedagógica. Nogueira também é autor, roteirista e consultor. Disponível em: <https://ppgeduc.ufrj.br/docentes/renato-nogueira/> Acesso: abril.2022.

Desenvolver um ensino de filosofia na abordagem afroperspectivista é buscar uma filosofia que seja pautada em uma diversidade, no pluralismo universal, no constante movimento e conseqüentemente proporcionar aos estudantes uma educação livre de preceitos dogmáticos, além do eurocentrismo. Ao utilizarmos a expressão, "além do eurocentrismo", estamos afirmando que o pensamento filosófico deverá ultrapassar as barreiras geográficas, políticas, culturais da Europa, estabelecendo possibilidades de conhecimento de diversas culturas e sem diminuir e/ou negar nenhuma produção de qualquer povo. Reconhecer o outro como um Ser que pensa, sendo extremamente capaz de estabelecer uma postura de diálogo harmônico com tudo que há a sua volta.

Assim, nos afirma o pensador Nogueira (2014, p.71)

Colocar a história da filosofia em afroperspectiva permitiria a consideração do pensamento filosófico dos povos ameríndios, dos povos asiáticos, da Oceania, além da produção filosófica africana, afroperspectivar a filosofia é um projeto de passar a limpo a história da humanidade, tanto para dirimir as conseqüências negativas de eliminar culturas e povos não ocidentais do rol do pensamento filosófico, como desfazer as hierarquizações que advêm desse processo.

Comungando do pensamento de Nogueira: "Com efeito, uma história da filosofia em afroperspectiva significa uma historiografia inclusiva." (NOGUERA, 2014, p.75)

Ainda segundo Nogueira (2014, p.46): O Ensino de Filosofia e a Lei 10.639/03 nos afirma que a filosofia afroperspectivista perpassa por três referências: quilombismo (Abdias do Nascimento); afrocentricidade (Molefi Asante); etnologia Amazônica (Eduardo Viveiros de Castro).

Passaremos a descrever sobre as três referências teóricas que fundamentam a concepção filosófica, Afroperspectivista, bem como, os seus principais representantes. Vejamos:

Abdias Nascimento⁹ (Figura 7), autor do movimento político dos negros no Brasil, denominado de Quilombismo.

⁹ Foi poeta, ator, escritor, dramaturgo, artista plástico, professor universitário, político e ativista dos direitos civis e humanos das populações negras. Considerado um dos maiores expoentes da cultura negra no Brasil e no mundo, fundou entidades pioneiras como o Teatro Experimental do Negro (TEN), o Museu da Arte Negra (MAN) e o Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO). Foi idealizador do Memorial Zumbi e do Movimento Negro Unificado (MNU) e atuou em movimentos nacionais e internacionais como a Ação Integralista Brasileira (AIB) e a Frente Negra Brasileira. Foi deputado federal de 1983 a 1987, e senador de 1997 a 1999. Faleceu no dia 23 de maio de 2011.

Figura 07: Abdias Nascimento/ Lideranças Políticas



Fonte: <https://neamp.pucsp.br/liderancas/abdias-do-nascimento/> acesso: abril/2022.

Para uma compreensão mais plausível acerca do movimento do Quilombismo e da sua contribuição ímpar na construção da tendência afroperspectivista, recorreremos ao pensamento de Noguera (2014, p.46), quando descreve que:

O Quilombismo sendo uma posição intelectual e política, tendo como grande questão a descolonização mental, pretende criticar o mentecídio - assassinato no arcabouço cognitivo e intelectual que emerge ao lado do racismo antinegro. Pretende introduzir uma lógica política pan-africana que se oriente politicamente além do modelo capitalista.

Ainda Noguera (2014) descreve que o Quilombismo é a espinha dorsal política que dá o Sul da afroperspectividade. Uma proposição política que está além da esquerda e da direita.

O movimento negro do Quilombismo, traz na essência de seus estudos, a defesa de uma postura política, pedagógica pautada em princípios econômicos, políticos, culturais africanos. Esse movimento articula, ainda, uma proposta política, econômica e cultural para a sociedade afrodescendente brasileira, dentro de um cenário pluricultural. Entretanto, não faz parte do escopo dessa pesquisa se estender nessas discussões, pretendemos, apenas apresentar as referências da concepção da filosofia afroperspectivista.

Dando prosseguimento aos nossos estudos, conheceremos um pouco o segundo fundamento teórico para o surgimento da filosofia afroperspectivista, que é

o afrocentrismo. Esse movimento tem como principal representante, o pensador negro, Molefi Asante (Figura 08)

Figura 08: Molefi Asante



Fonte: Afrikhepri (2018)

Conforme Mariah (2018), pensar a partir da visão da afrocentricidade é vislumbrar o povo africano dentro do seu próprio contexto histórico. Em linhas gerais, os africanos e as africanas deverão ser colocados no centro da sua história, conhecer suas ancestralidades a partir do seu contexto.

A terceira referência teórica na efetivação da filosofia afroperspectivista, conforme o mentor dessa concepção foi o pensador Eduardo Viveiros de Castro, e o seu estudo sobre o multinaturalismo.

O antropólogo Eduardo Viveiros (Figura 09) contrapõe os estudos da visão multiculturalista, quando nos remete a reflexão de que dentro da “cosmovisão ameríndia existe uma única cultura compartilhada por todos os seres humanos, povos e outros animais.” (NOGUERA, 2014 p.49)

Figura 09: Eduardo Viveiros de Castro



Fonte: Academia Photos (2021)

Assim sendo, a filosofia no contexto da afroperspectividade deverá ser compreendida na esfera "pluralista"¹⁰, que reconhece e valoriza a existência de várias perspectivas existentes no universo. (NOGUERA, 2014)

Portanto, uma educação afroperspectiva tem na sua essência a missão de formar adolescentes, jovens capazes de conviver respeitosamente com o diferente, valorizando e estabelecendo um diálogo intercultural com os seus pares.

A implantação dessa abordagem na sala de aula, possibilitaria a comunidade escolar uma convivência pautada em princípios norteadores da igualdade, rompendo com as barreiras históricas do preconceito racial e "epistêmico", tornando evidente a existência de filosofias africanas e não somente europeia e estadunidense e conseqüentemente construir uma visão pluricultural do pensamento filosófico. Da mesma forma, desmitificar a imagem secular negativa edificada acerca do povo africano e diásporos, descentralizando o pensamento filosófico europeu. Em termos gerais, é o reconhecimento de que o pensar filosófico é pertencente a todos os povos e culturas, assim como o pensamento do povo africano que foi silenciado durante anos em prol da hegemonia de outras raças.

Recorremos ao pensamento dos autores Pimentel e Silva (2019 p.117)

A abordagem afroperspectivista, de outro modo, é aberta ao encontro com o diferente, fazendo chegar ao patamar da discussão filosófica culturas tidas como "marginais, como a africana e a indígena. Essa abordagem faz da sala de aula um grande "terreiro" eclético, onde não há negação de uma parte dos saberes em detrimento da afirmação de outra: Busca-se dialogar, simultaneamente: "civilizado" e "bárbaro", "acadêmico" e "ignorante", "branco" e "negro", pobre e rico, heterossexual e diversidade sexual, adultos e crianças. (Grifos do autot)

Corroborando com o pensamento acima, a autora Ribeiro (2019. p.3) afirma:

A razão moldada por essa perspectiva responsabiliza-se por eliminar o racismo e recorre a culturas africanas, garantindo reflexões fundamentais nos espaços escolares, diálogos firmes com a educação das relações étnico-raciais, descentralizando os saberes eurocêtricos.

Em consonância com a linha de pensamento afroperspectivista, a filosofia é constituída por uma visão pluriversalista, sendo uma atividade essencialmente humana que vários povos podem, perfeitamente, produzirem. Dessa forma, a

¹⁰ Termo utilizado pelo autor Renato Noguera para identificar a filosofia afroperspectivista como uma abordagem que reconhece e valoriza a multiplicidade de pensamentos (filosofias) existentes no universo, em vez de eleger somente um pensamento filosófico como modelo padrão universal a ser seguido. (NOGUERA, 2014).

abordagem afroperspectivista, contribuirá para a elaboração de uma cultura afro brasileira antirracista e menos dogmática. Entretanto, para a implantação dessa perspectiva, cujo foco é a construção de um ensino de filosofia emancipatório, pautado em princípios da tolerância e do respeito, será necessário compreender que o senso de coletividade deverá estar acima do senso da individualidade e que o lugar de filosofar não pode estar dissociado do lugar geográfico, cultural em que o Ser está inserido. Nessa linha de raciocínio, é necessário que os professores e professoras de filosofia tenham em seus repertórios de saberes, elementos essenciais para atender a demanda dos estudos afroperspectivistas.

Contudo, propor aos professores e as professoras de filosofia uma nova forma de contemplar o ensino da filosofia, algo que foge do tradicional conhecimento filosófico grego ocidental, temas que não estão expostos nos livros didáticos de filosofia e fora do currículo brasileiro, é extremamente desafiador para os docentes brasileiros. Entretanto, muitas soluções são apontadas por pesquisadores da prática docente, cuja a principal delas é a mudança de postura, ressignificar a práxis docente dentro da filosofia afroperspectivista é se perceber como um professor ou uma professora que assume uma atitude filosófica emancipadora.

Como nos remete a análise dos autores, Pimentel e Silva (2019, p.113)

A proposta do ensino de filosofia, partindo do ponto de vista afroperspectivista, passa pelo viés da sensibilidade de todos os agentes envolvidos. Isso se inicia com a formação de educadores para atuar no ensino fundamental e Médio, preparando-os para desenvolver práticas inclusivas referentes às questões da diversidade cultural em sala de aula

À vista disso, desenvolver um estudo filosófico permeado nos princípios da concepção afroperspectivista nas salas de aulas brasileiras é propiciar um advento de novos estudos, pensamentos e acima de tudo a construção de mentalidades desprovidas de atitudes preconceituosas, racistas e dogmáticas. É o vislumbrar de uma nova educação, crítica e humanizadora.

Desta forma, Nogueira (2015) em uma entrevista concedida ao Portal Geledés, reafirma o poder do filosofar a partir de uma visão afroperspectivista:

Numa sociedade racista que apresenta dados alarmantes de violência urbana em que as principais vítimas são jovens negras e negros, filosofar pode ajudar a repensar o cenário político e social. Mas, insisto, eles devem estudar uma Filosofia que seja marginal e antidogmática. Uma Filosofia que pense o racismo, uma Filosofia que trate da violência, uma Filosofia que pense o Brasil, uma Filosofia enredada no nosso território cultural, uma Filosofia que está por vir e que, talvez, possa estar em semente no pluriverso filosófico afroperspectivista. Disponível

em:<https://www.geledes.org.br/afroperspectividade-por-uma-filosofia-que-descoloniza/> Acesso em maio/2022.

Abordagem filosófica afroperspectivista traz como proposta a todos os cidadãos brasileiros embasamentos para assumir uma postura política de combate ao racismo e de valorização dos saberes africanos, afrodescendentes, indígenas, femininos, deste modo, quebraremos os paradigmas, tabus que foram construídos ao longo da história da existência do continente africano,

3.2 Afrocentrismo

Durante o processo de colonização das terras africanas a ideia primordial era a hegemonia branca sob a raça negra. Foram séculos de escravidão, abusos e superioridade da raça branca em detrimento da negação de toda expressividade e criatividade intelectual do povo negro. Os africanos foram destituídos de sua cultura, da sua religiosidade e do seu espaço geográfico para ser objeto de mercadoria por vários continentes. Assim, nos enfatiza o pensador negro, Asante (1980).

Por causa do deslocamento físico dos africanos durante o comércio europeu de escravos, fomos afastados de nossos centros culturais, psicológicos, econômicos e espirituais e colocados à força na cosmovisão e no contexto europeu. (ASANTE, 1980. Tradução Renato Nogueira, Marcelo J. D. Moraes e Aline Carmo, 2016, p10.)

Compreendemos que os processos de colonização e escravidão trouxeram prejuízos seculares aos negros e as negras. Esse fenômeno de descentralização geográfica causou, e continua em dias atuais, um apagamento da importância e da contribuição do continente africano para o desenvolvimento de diversas culturas, dentre elas, a brasileira, que hoje a população negra constitui grande parte do povo brasileiro. Como analisa a autora, Mazama (2003), apud Nogueira, Moraes e Carmo (2016, p.02)

Africanos haviam sido expulsos ou arrancados de nossos próprios lugares de sujeitos na história pelas políticas da Europa de escravização e colonização, e essas condições criaram os problemas políticos, conceituais, culturais e sociais encontrados em muitas sociedades africanas no Ocidente. Assim, afrocentricidade é uma afirmação do lugar do sujeito dos africanos dentro de sua própria história e experiências, sendo ao mesmo tempo uma rejeição da marginalidade e da alteridade, frequentemente expressas nos paradigmas comuns da dominação conceitual europeia.

A população negra precisa ser entendida e vista como o centro da sua própria história, a partir do seu local de origem: o continente africano. Carregando em sua essência sua ascentralidade, subjetividade, religiosidade e identidade. Para que alcancemos essa nova forma de ver e entender o mundo, se faz necessário compreendemos os fundamentos dos estudos afrocêntricos. Como nos aponta os estudos da autora Silva, 2018, p.20.

A perspectiva da Afrocentricidade é romper com visões hegemônicas, eurocêntricas e colonizadoras, que impactam diretamente no campo da Educação. Essa legitimação tende a colocar os saberes de sujeitos africanos, bem como as demais perspectivas ideológicas, numa gnose circular e pluriversal.

Pesquisadores apontam em seus estudos que a ideia para uma visão de afrocentricidade iniciou com as primeiras civilizações do vale Nilo, as culturas Núbia e Kémética, a partir do momento que essas civilizações propuseram um novo olhar sob a história, além dos desenvolvidos pela Grécia e Roma. Assim, como o pensamento afrocêntrico, Ocidente deixa de ser o centro das epistemologias legítimas e oportuniza que outros saberes se evidenciem. Dessa maneira, começaremos a visualizar o universo, a partir de uma multipluralidade de saberes. (ASANTE, 2016).

Entretanto, a teoria afrocêntrica ganhou notoriedade acadêmica a partir das pesquisas desenvolvidas pelo autor Molefi Asante, principal disseminador da ideia afrocêntrica no cenário mundial. O perfil desse pensador foi descrito em momento anterior no corpo desse trabalho.

Assim nos descreve Asante, os caminhos percorridos da teoria afrocêntrica no mundo acadêmico.

Durante os anos de 1960 um grupo de intelectuais afro-americanos inseriram os Estudos Negros nos departamentos das universidades, começando a formular maneiras originais de análise do conhecimento. Em muitos casos, estes novos modos foram denominados de conhecimento numa “perspectiva negra” como oposição ao que tem sido considerada “perspectiva branca” da maior parte do conhecimento na academia americana. No fim dos anos de 1970 Molefi Kete Asante começou a falar sobre a necessidade de uma orientação Afrocêntrica da informação. Em 1980 ele publicou o livro, Afrocentricidade: a teoria da mudança social, o qual promoveu pela primeira vez um debate detalhado do conceito. Embora o termo seja anterior ao livro de Asante tenha sido usada por muitas pessoas, incluindo Asante nos anos de 1970 e KwameN krumah na década de 1960, a ideia intelectual não tinha base enquanto conceito filosófico antes de 1980 (ASANTE, 2015, p. 1, tradução Renato Nogueira Jr.)

Acreditamos que, provavelmente o fio condutor que tenha provocado a inquietação em Asante levando-o a desenvolver essa teoria, seja a mesma angústia

que causa em muitos estudantes negros e negras que durante a sua estadia escolar/ acadêmica não se reconhece naquilo que lhe é ensinado, não basta somente afirmar que somos todos iguais, se ainda, no currículo formal ainda visualizamos materiais didáticos metodológicos, mídia afirmando e reafirmando o branco como sujeito ativo e transformador da história humana. Dessa forma, acreditamos que o racismo ainda perdure, principalmente no contexto educacional, e por essa e outras atitudes que vem se mostrando ao longo de décadas na história do povo negro e afrodescendentes pelas terras africanas e diásporas que ainda presenciamos comportamentos e atitudes preconceituosas e intolerantes no contexto escolar. Pois, conforme os preceitos afrocêntricos o africano e a africana deverão desenvolver a ideia de pertencimento, no sentido mais profundo e global para que haja a verdadeira libertação dos mesmos na diáspora. (ASANTE, 1980)

O pensador Asante foi influenciado por vários autores negros, mas o estudo que mais contribuiu em sua formação foi dado pelo pensador senegalês Cheikh Anta Diop¹¹ com a leitura da obra, intitulada “A origem Africana da Civilização” (1955). Esse momento foi crucial para que a visão de Asante se alargasse acerca da hegemonia europeia.

Buscando entender a teoria afrocêntrica partimos da compreensão da origem do termo afrocentricidade e de alguns dos seus atuais representantes. Dessa forma, o autor Asante nos informa:

A origem da afrocentricidade como intelectual remonta até a publicação do meu livro Afrocentricidade: A Teoria da Mudança Social, entretanto eu não criei a palavra. A palavra “afro-cêntrico” havia sido usado por Kwame Nkrumah, líder de Gana, em 1961 em um discurso na Universidade de Gana, Legon. No entanto, foi com a publicação do livro Afrocentricity: The Theory of Social Change, que a perspectiva que buscou privilegiar a identidade, os conceitos, os pensamentos e as ações africanas foi nomeada ao falar para ou sobre o povo africano no contexto da história. Outros autores, especialmente Linda James Myers, C. Tsehloane Keto, Maulana Karenga, Ama Mazama, Daudi Azibo e outros rapidamente expandiram a ideia e introduziram o trabalho em outra erudição. (ASANTE, 2016, p.12. Tradução Renato Nogueira, Marcelo J. D. Moraes e Aline Carmo)

¹¹ Pensador, historiador, antropólogo físico e político senegalês, sendo um dos pioneiros que problematizou a ausência das produções africanas nas pesquisas mundiais. Em 2011 começaram a ser traduzidas suas obras no Brasil. Os estudos desse pensador são referências para vários pensadores negros modernos. A luta de Diop foi incansável em reintroduzir o/a africano/a como estudo, na história africana, desafiando os estudos europeus da época. A fundamentação nos seus estudos era voltada para a comprovação que a originalidade das produções intelectuais pertencia ao Antigo Egito e não a Grécia e a Roma, como afirmavam e ainda afirma o povo europeu. Afirmou e comprovou em seus estudos que o povo do antigo Egito não era árabe e nem europeus, e sim negros africanos. Diop morreu em fevereiro de 1986 (Portal de Geledes -2016)

Mas, como podemos conceituar a afrocentricidade para termos uma melhor compreensão dessa teoria? Para isso, recorreremos o pensamento do filósofo Asante (2009a, p. 93), que nos esclarece: “Afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos. ”

Nessa forma, no contexto afrocêntrico, ao refletirmos sobre o processo de colonização das terras africanas, devemos lançar um olhar não para o lugar geográfico do colonizador, mas para o espaço do colonizado. Pois, antes de tal processo, já existia um povo que vivia nessas terras e que compartilhava de uma cultura peculiar.

A autora Ribeiro nos reforça com veemência os estragos da colonização dos povos africanos, reforçando o pensamento apresentado por Asante.

A visão eurocentrista da história praticou durante décadas a perpetuação da inferioridade do homem negro frente ao homem branco. Esse pensamento de superioridade eurocêntrica penetrou na sociedade, na época colonial, legitimando todo um sistema exploratório, como foi a escravidão. O racismo foi à chave para fechar aos povos africanos os sistemas de valores humanizatórios, culturais de sobrevivência, a animalização retira dos povos africanos a responsabilidade de incluí-los nas civilizações. O fator de opressão racial e animalização suprimiram, de todas as formas, a divulgação dos valores dos escravizados como sujeito histórico.(RIBEIRO, 2019, p.14)

Ao analisarmos a história africana, devemos vislumbrar o povo negro como agente e sujeito de transformação da sua própria história. Por conseguinte, a teoria afrocêntrica possibilita aos africanos e afrodescendentes uma nova perspectiva de compreensão dos fenômenos; o reconhecimento da identidade africana como centro da sua história, tendo a localização como referencial de suas análises.

Assim sendo, a cultura europeia imposta aos povos deixa ser a única maneira inabalável de ver e analisar o mundo. Pois, toda produção intelectual vista além dos olhares europeus e que não atende os interesses propostos por essa nação é considerada como senso comum e sem legitimidade científica.

É salutar buscarmos o pensamento de Asante para fundamentar as nossas palavras.

Afrocentristas acreditam que a alma de um povo está morta quando não pode mais respirar seu próprio ar cultural ou espiritual, falar sua própria língua, e quando o ar de outra cultura parece cheirar mais doce. Afrocentristas afirmam que povos africanos nos Estados Unidos, no Caribe,

no Brasil, na Colômbia, na Jamaica, em Cuba, no Haiti e na África devem recuperar um sentido de posição de sujeito dentro da sua própria história para afirmar a agência em sentido individual e coletivo. (ASANTE, 2016, p.15. Tradução Renato Noguera, Marcelo J. D. Moraes e Aline Carmo)

Os estudos afrocêntricos traz em sua estrutura elementos fundamentais que os constituem. Nesse trabalho, faremos a exposição de dois desses elementos, são eles: localização e agência. Esses conceitos são bastante utilizados no paradigma da afrocentricidade, eles remetem a essência dessa teoria. Nessa estrutura, o/a negro/a para ser considerado como centro da sua história é necessário se analisar a partir da sua localização, consciência africana. É importante ressaltarmos que o fato de nascermos e crescermos no continente africano, não faz ser pessoas afrocentristas, mas africanos. Pois, conforme o pensador Asante (2009) o/a negro/a pode continuar mergulhado em sua cultura africana sem ser considerado afrocêntrico. Para compreendermos melhor o significado desses termos: africanos e afrocentristas, recorreremos as palavras do autor Asante (2009), ao nos afirmar que:

O que significa "africano. Não se trata de um termo essencialista, ou seja, não é algo que se baseie simplesmente "no sangue" ou no "genes". Muito mais do que isso, é um construto de conhecimento. Basicamente um africano é uma pessoa que participou dos quinhentos anos de resistência à dominação europeia. Por vezes pode ter participado sem saber o que fazia, mas é aí que entra a conscientização. Só quem é conscientemente africano - que valoriza a necessidade de resistir à aniquilação cultural, política e econômica - está corretamente na arena da afrocentricidade. (ASANTE, 2009, p. 102, grifos do autor)

É importante ressaltar que a localização em que acontece as experiências dos indivíduos é crucial para a formação e desenvolvimento pleno das pessoas. A compreensão da categoria localização, implica em reafirmar que na história africana, os negros precisam se perceberem como o centro de sua história, e não a margem da história da humanidade, ser uma pessoa centrada corresponde ser alguém capaz de se analisar e se reconhecer dentro de suas próprias referências históricas e culturais, sem invalidar a cultura de outro. (JÚNIOR, 2010).

Ainda, o pensador Júnior (2010, p.3), reafirma em suas palavras que: "localizar-se no centro implica a assunção do papel de agente, isto é, de um sujeito protagonista e articulador de recursos para promoção de condições favoráveis para a liberdade humana e dissolução do etnocentrismo."

Recorrendo as palavras de Asante (2009, p.96), no intuito de fundamentar o pensamento do autor Júnior (2010), ao nos reafirmar que o sentido do termo “localização, no sentido afrocêntrico, refere-se ao lugar psicológico, cultural, histórico ou individual, ocupado por uma pessoa em um dado momento da história.

Então, para os defensores da teoria afrocêntrica, a pessoa deve estar localizada, permanente ou temporário, em um espaço central, compartilhando suas vivências a partir dos referenciais históricos e culturais do colonizado, e não colonizador. (ASANTE, 2009).

E o que seria agência? Pois bem, esse termo, conforme os afrocentristas agência é uns dos elementos necessários para o enfrentamento e libertação das amarras da sociedade eurocêntrica, são identificados como os aspectos psicológicos e culturais. É capacidade de utilizarmos os recursos psicológicos, emocionais, culturais, políticos, epistêmicos na busca pela liberdade e na redefinição dos papéis de homens e mulheres negros/as africanos/as como protagonistas na produção da diversidade de conhecimentos e suas participações na construção de um mundo mais humanizado, sem a dominação cruel de uma raça em detrimento da negação de outra. Portanto, os termos, localização e agência, são indissociáveis, para a compreensão e vivência dos preceitos de uma educação afrocêntrica. (JÚNIOR, 2010).

Ainda nesse contexto de conceituar os termos: localização e agência, recorreremos ao pensamento do pesquisador Asante (2009, p.94) “Afrocentricidade é a conscientização sobre a agência dos povos africanos. Essa é a chave para a reorientação e a recentralização de modo que a pessoa possa atuar como agente, e não como vítima ou dependente”

Segundo o pensamento do filósofo Asante (2016) compreendemos a afrocentricidade:

Como uma crítica da dominação que nega o poder da hegemonia cultural. Insiste que a comunicação, o comportamento e as atitudes africanas devem ser examinadas dentro do contexto da cultura africana, não como parte da empresa europeia. Por um lado, a afrocentricidade procura corrigir o sentido de lugar do africano e, por outro lado, fazer uma crítica do processo e extensão do deslocamento causado pela dominação cultural, econômica e política europeia da África e dos africanos. (ASANTE, 2016, p.16. Tradução Renato Noguera, Marcelo J. D. Moraes e Aline Carmo)

A figura afrocêntrica abaixo descreve o desejo do negro em resgatar sua identidade e se reconhecer como o sujeito ativo e transformador de sua própria história.

Figura 10: Uma introdução à Afrocentricidade/by Cassia Sabino



Fonte: 1ª Semana Acadêmica Africana de Pelotas/2018

O filósofo Asante desenvolve o pensamento afrocêntrico na perspectiva de mudança nas atitudes e consciência das pessoas, principalmente no que tange o contexto educacional, pois, como educadores acreditamos que a educação é a conquista para a diversidade de epistemologias para todas as gerações. Nesse sentido, o filósofo Asante (2019), em sua teoria remete o conceito de centricidade no contexto educacional como a visão que os estudantes devem ter de suas próprias culturas. Sendo assim, ele nos afirma que:

Uma pessoa educada verdadeiramente de modo cêntrico verá a contribuição de todos os grupos como significativas e valorosas. Mesmo uma pessoa branca educada neste sistema não assumirá superioridade baseada em noções racistas. Assim, uma educação verdadeiramente cêntrica é diferente de uma educação eurocêntrica, racista, isto é, supremacia branca. (ASANTE 2019, p.137)

O pensador também descreve em sua teoria o perfil dos professores e das professoras na educação afrocêntrica.

Na educação isto significa que os professores oferecem aos alunos a oportunidade de estudar o mundo e seus povos, conceitos e história do ponto de vista da visão de mundo africano. Em muitas salas de aula, qualquer que seja o objeto os brancos estão localizados na perspectiva central. ((ASANTE 2019, p.137)

Portanto, um currículo fundamentado em uma perspectiva afrocentrada é possibilitar aos membros da comunidade escolar uma educação antirracista, inclusiva e que contribua na desconstrução das desigualdades sociais e econômicas.

A educação brasileira pautada em princípios afrocêntricos contribuirá para que os estudantes afro-brasileiros se reconheçam na produção histórica, social, econômica, cultural do Brasil. Pensar na efetivação desse currículo é enriquecer o debate intelectual, a produção acadêmica, as práticas pedagógicas, construindo um diálogo com toda sociedade brasileira a fim de ressignificar o papel do negro/a na formação do povo brasileiro. (JÚNIOR, 2010).

3.3 Etnofilosofia

A expressão Etnofilosofia, usada por diversos pesquisadores da filosofia africana, designa o estudo das crenças, valores, princípios que fundamentam as “culturas africanas”, e que são identificados através da expressão da linguagem e nas práticas divergentes de cada parte da África. (PAULA, 2019, grifos nossos.)

Essa abordagem considera a filosofia africana como um conjunto de elementos presentes na cultura africana e que são identificados, principalmente, através do exercício da linguagem. Um dos grandes percursores e defensores desse estudo foi o monge belga, Plácide Tempels (1906-1977), atuou no continente africano durante o período de 1933 e 1962, entre o povo da província de Katanga no Congo Belga, atual República Democrática do Congo. O seu trabalho ganhou notoriedade a partir da publicação de sua obra, intitulada como: “La philosophie bantoue”. (MACHADO, 2012)

Plácides Tempels, era padre cristão europeu, que durante a expansão do Cristianismo e colonização do continente africano, foi designado para habitar entre o povo negro africano, especificamente entre os povos baluba, pertencentes aos bantus, cuja missão era catequizar esse povo, conforme os preceitos europeus cristãos. Haja vista que esses povos e demais africanos eram tidos como seres selvagens, raças primitivas, animais desprovidos de qualquer racionalidade e princípios axiológicos. Entretanto, estudos apontam que a convivência entre esses povos, conduziu Temples a construção de novas concepções acerca desse povo,

como demonstra em seu livro: “La philosophie bantoue”, cujo foi traduzido para o inglês em 1959. (SANTOS 2016).

Nesse sentido, fundamentamos o nosso pensamento tendo como pressuposto teórico os estudos do autor Santos (2016, p.80) quando nos evidencia que:

Além da ciência, o século XIX se lançou sobre a África, munido de outra arma poderosa: o Cristianismo. Foram os missionários europeus, ao se instalar em diversas partes do continente africano, os primeiros a estabelecer um contato supostamente não violento com os grupamentos humanos nativos, com o propósito de aprender suas línguas, seus costumes, suas instituições e, principalmente suas religiões, para viabilizar sua catequese.

Um exemplo profundamente significativo da relação entre projeto missionário europeu para o continente africano e a produção de filosofia africana contemporânea se encontra no trabalho do padre belga, Placide Tempels. Ele foi enviado como missionário à África, na primeira metade XX. A partir de sua experiência junto aos baluba, grupo étnico- racial pertencente aos povos bantu, habitante das regiões de Kasai e Katanga, na atual República Democrática do Congo, ele formulou um sistema de pensamento baseado no que ele compreendeu como três noções fundamentais: força vital, intensificação das forças e influência vital, Tempels acreditava que, por trás de todos os costumes dos baluba, havia uma ontologia da interação das forças vitais que, no entanto, ainda permanecia oculta, desconhecida, para os próprios africanos.

Sendo assim, percebemos que a convivência com o povo bantu, alterou as concepções originárias que Tempels trazia em mente ao pisar no continente negro. Buscamos nos estudos do pesquisador Siqueira (2019, p.292), fortalecer as nossas ideias acerca dessa convivência.

Autor de “Filosofia Banta”, Tempels fundamenta, em pesquisa cuidadosa e de profunda empatia, a dimensão universalista existente naquela cultura e civilização – estuda em especial o povo luba catanga – quanto a aspectos essenciais, tais como a concepção de vida e de morte determinarem o comportamento humano; o sistema holístico em si e a partir de si mesmo, os fundamentos do comportamento e visões da natureza e da sociedade; sua lingüística. Tornou-se um defensor intransigente de quem quer que negasse essa dimensão ali patenteada – mesmo quando tais supostos não significassem questionar as doutrinas clássicas frente à evangelização e a necessária conversão do “primitivo”.(grifos do autor).

Dando o exposto, compreendemos que a partir da convivência de Tempels com o povo Bantu, além de modificar toda concepção que o pensador sustentava acerca dos povos africanos, tal convivência possibilitou que o pensador Tempels desenvolvesse um estudo a partir da concepção de vida, morte, universo que o povo bantu expressava através das tradições orais, bem como, nas relações que se davam no cotidiano da comunidade bantu. Eles sustentavam a ideia de que todos estamos conectados e que as relações que nos unem são de total

dependência. Vivemos num mundo coletivo, cuja a manutenção desse mundo está fundamentado na obtenção de vida, energia, força vital e que deve está presente em todos os pensamentos, ações e práticas dos sujeitos. Essa análise levou Tempels a formular uma Filosofia, Ética Bantu. (SANTOS 2016).

Para o pensador Tempels, existe um princípio, um fundamento que rege a ética bantu ou seja, o comportamento dos indivíduos bantus. E qual seria esse princípio? Para o povo bantu, esse princípio é a **força vital** (a explicação desse termo já foi explicitado anteriormente nesse estudo, porém cabe aqui maiores explicações). De acordo com o pensamento de Santos (2016), Tempels considera esse fundamento como a força que rege a realidade do próprio Ser.

Mas, o que seria de fato essa força vital?

A força Vital permanece em cada indivíduo e ao mesmo tempo na coletividade. Ela está presente nas pequenas coisas, como nas maiores que formam o encadeamento dos “mundos”; terreno e espiritual. A Força Vital dos seres se interlaçam para designar novos seres.

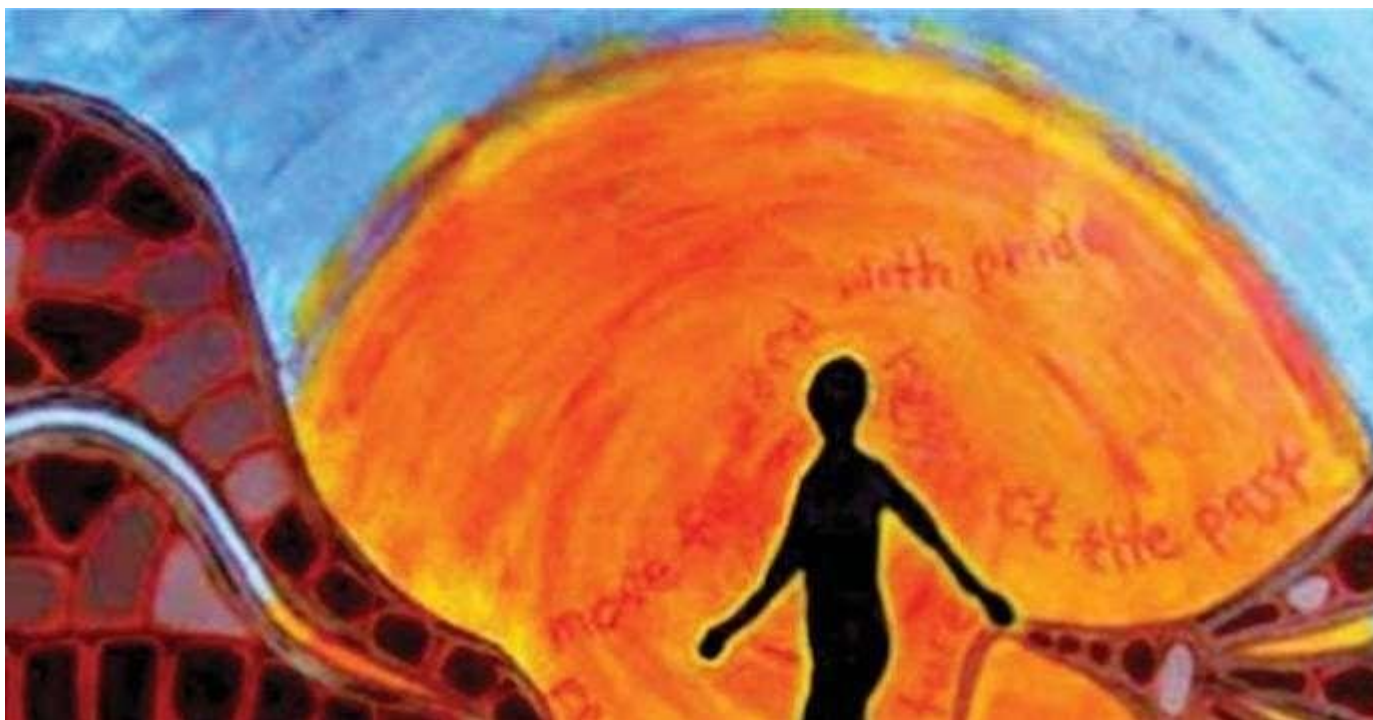
Para Lopes e Simas (2021 p. 27), portanto,

A expressão “Força Vital”, sempre presente nas teorizações sobre filosofia africana, designa o fenômeno responsável pela vida existente no Universo visível e invisível e pela sua manutenção. Todos os seres do Universo possuem sua própria Força Vita; e ela é o valor supremo da existência. Possuir maior Força Vital é a melhor maneira de possuir felicidade e bem-estar. Da mesma forma, a morte, as doenças, as desgraças, o aborrecimento, o cansaço, todo o sofrimento, enfim, é consequência da diminuição da Força Vital, causada por um agente externo dotado de Força Superior.

Assim, no sistema apresentado por Tempels, podemos compreender o termo força vital, como uma interação de forças, onde todos os seres racionais ou não, são dotados dessa grandiosa força e estão interligados por ela, cuja a existência dos mesmos, dependem um do outro. Dentro dessa análise o princípio de interação de forças se estabelece entre Deus (Força Vital Superior) e as criaturas. (SANTOS, 2016,P.83)

A imagem (Figura 11) apresentada a seguir nos remete a reflexão da Ética Ubuntu, do princípio da força vital, “Eu existo porque os outros existem.”

Figura 11: Tú eres, luego soy



Fonte: khanyisela.org/2011

O trabalho de Tempels é alvo de muitas críticas por parte de alguns pensadores africanos. Dentre eles, se encontra o pensador contemporâneo negro, Paulin Hountondji, oriundo da Costa do Marfim.

Paul Hountondji não contempla o trabalho etnofilosófico de Tempels como filosofia africana, pois conforme Houtondji a produção filosófica Africana corresponde a um conjunto de textos escritos pelos pensadores africanos e considerados pelos próprios autores africanos como sendo filosóficos. (SANTOS, 2016).

Para o pensador Hountondji, os saberes tradicionais, culturais africanos não podem ser considerados como filosofia. Esse pensador acredita e defende que a filosofia deverá primar pelo legado da racionalidade e cientificidade. Nesse contexto, o autor Santos (2016 p.78), em sua obra nos afirma:

Se julgo pertinente avaliar a concepção de Houtondji sobre a filosofia africana a partir da relação entre folclore e ciência, é porque, assim como a etnofilosofia está para as produções do “folclore”, ou melhor, dos saberes das sociedades tradicionais africanas, a produção de filosofia africana enquanto tal, para Hountondji, deve se desenvolver, privilegiado o método científico, estritamente, com base no discurso racional. Para ele, a filosofia na África não pode deixar de ser um produto do lógos.

Contrário a esse pensamento, trazemos análise de outro pensador contemporâneo, Renato Noguera, em seu livro, "O Ensino da Filosofia e a Lei 10.639", quando retrata acerca da importância da tradição oral na compreensão da produção filosófica africana.

Uma objeção plausível às produções filosóficas não ocidentais, anteriores às instalações de Departamento de Filosofias nas universidades do mundo, estaria na suposta ausência de dados devido à baixa quantidade de textos. No caso específico da filosofia africana, pesquisadores e pesquisadoras se perguntam onde estão os escritos. Sem dúvida, dentro dos padrões do Ocidente, a oritura (conjunto de textos orais numa determinada área ou sobre algum assunto, relatos transmitidos de geração a geração) será que, realmente, apenas a escrita tornaria um raciocínio válido? Por outro lado, a oralidade e a escrita não devem ser vistas como opostas ou dentro de uma hierarquia, mas como equivalentes. (NOGUERA, 2014.p. 64 e 65)

Compreendemos que através da explanação dos conceitos, ideais, teorias, o quanto, ainda é muito dificultoso à discussão acerca dos saberes africanos e da legitimação da existência de uma produção filosófica africana. Muitas são as polêmicas levantadas acerca da identificação dos saberes orais tradicionais africanos, se podem ou não ser realmente considerados como conhecimento propriamente filosófico.

Entretanto, identificamos no decorrer nesse estudo que muitos conhecimentos já foram construídos por esses povos e que um dia tiveram suas vozes silenciadas pelo preconceito. Portanto, proporcionar aos professores, professoras de filosofia e estudantes do ensino fundamental - anos finais oportunidades de discussões de temáticas de filosofia em consonância com a Lei 10.639/03 é possibilitar a esses sujeitos uma reflexão filosófica acerca da sua própria realidade, pois estamos inseridos em uma comunidade de afrodescendentes e precisamos mais do que resgatar as nossas raízes, precisamos urgentemente conhecer os feitos do povo africano para desmitificar o processo de inferioridade que foi inculcado nas mentes dos brasileiros e brasileiras.

4 A LEI Nº 10.639/03 E A FILOSOFIA AFRICANA: UM ESTUDO NO CONTEXTO ESCOLAR NA UNIDADE INTEGRADA SARNEY FILHO, RAPOSA-MA.

4.1 Caracterização da escola pesquisada

A escola selecionada para o desenvolvimento da pesquisa foi a Unidade Integrada Sarney Filho, que integra a rede municipal de ensino do Município da Raposa, administrada pela Secretária Municipal de Educação (SEMED). A referida unidade de ensino oferece a comunidade raposense os níveis de Ensino da Educação Básica, Ensino Fundamental – Anos Finais, 6º ao 9º ano, nos turnos Matutino e Vespertino e a Modalidade de Ensino de Jovens e Adultos- Ensino Fundamental -Anos iniciais e finais, 1º ao 9º ano, no turno Noturno

A escola está situada na Avenida dos Pescadores, 404, Centro da cidade de Raposa.

Vejamos a fachada do prédio da Unidade Integrada Sarney Filho na figura 12:

Figura 12 - Fachada da U.I. Sarney Filho



Fonte: Pesquisa empírica (2021)

Segundo os registros orais da comunidade local, o prédio que atualmente funciona a Instituição de Ensino Sarney Filho, em 1982 funcionava outra Unidade de Ensino, cujo nome era Unidade Integrada Marcone Caldas. Sendo posteriormente construído um prédio próprio para a segunda escola mencionada. Atualmente uma escola se localiza ao lado da outra.

Relatos de moradores mais antigos, em conversas informais, afirmam que em outrora, o prédio da Escola Sarney Filho era uma espécie de lugar que velava os corpos dos mortos dos moradores da comunidade, principalmente, quando a família não disponibilizava de espaços para os rituais fúnebres.

Conforme relatos escritos, apresentado no Projeto Pedagógico da escola, a Unidade Integrada Sarney Filho foi fundada em 08 de dezembro de 1983 por Joaquim Aroso (Prefeito na época do município Paço do Lumiar), Carmem Aroso (Secretária Municipal de Educação do município Paço do Lumiar, no momento) e Luís Rocha (governador do estado do Maranhão, na época). O nome atribuído à escola, foi em homenagem ao político, Senador Sarney Filho. Atualmente está em análise pelo Legislativo Municipal de Raposa, a possibilidade de se alterar o nome da escola, em consonância com a Lei de Nº 6.454/77.

A Instituição nasceu com metas voltadas para a educação de crianças, visando atender a demanda da comunidade local, pois a mesma ficava distante das cidades (Paço do Lumiar, São Luís, São Jose de Ribamar), e o acesso aos meios de transportes eram extremamente dificultosos. Nessa época, Raposa era considerada apenas como um povoado. A Escola se institui fundamentada nas prerrogativas das Leis Educacionais vigentes da época. No início a Escola Sarney Filho oferecia somente o Ensino Fundamental – 1ª a 4ª série (nomenclatura usada na época), em tempos atuais, conforme as leis educacionais federais, é denominada de 2º ao 5ºano (PP/U.I.S.F, 2019)

A Instituição se localiza no centro da Raposa -MA, na zona urbana da cidade, próxima a praça central conhecida por Chico Noca, nas suas mediações encontra-se o posto do Banco Bradesco, a escola Manoel Batista, farmácias, lojas de materiais eletrônicos, vestuários, bares, lan house, delegacia municipal de Raposa e a Colônia de Pescadores. Faz parte dessa região, vários problemas estruturais, sociais, humanos... pertinentes na maioria dos centros urbanos brasileiros, tais como: a violência urbana, tráfico de drogas, famílias conflituosas, assédio sexual, gravidez na adolescência, carências afetivas, financeiras, depressão juvenil, violência doméstica... E a escola, como uma Instituição Social e no exercício pleno da sua função social, agrega todos esses problemas sempre na tentativa de viabilizar melhores formas de enfrentamento dos mesmos. (PP/U.I.S.F, 2019)

Na figura (13), contemplamos a imagem do centro urbano da Raposa, lugar de movimentação bancária e comercial.

Figura 13: Centro Urbano da Cidade de Raposa-Ma



Fonte: Pesquisa empírica (2021)

A escola até no ano de 2020, estava organizada da seguinte forma:

Tabela 01- Distribuição das dependências da escola Sarney Filho.

DEPENDÊNCIAS	QUANTIDADES
Secretaria	01
Sala de professores	01
Sala de leitura ou biblioteca	01
Sala de aula	08
Depósito de material de limpeza	01
Recreio coberto (Pátio da escola)	01
Cozinha	01
Sanitário dos alunos	06
Sanitário para port. de necessidades	01

Fonte: PP da U.I. Sarney Filho (2020)

O espaço utilizado para a sala de professores e professoras, coordenação pedagógica, (Figura 14), é conjugado, mas bem distribuído para que aconteça as duas ações. Nesse espaço também contempla armários, bebedouros, mesas, cadeiras, materiais didáticos pedagógicos e tecnológicos para uso dos dos docentes.

Figura 14 - sala dos materiais pedagógicos da U.I Sarney Filho.



Fonte: Pesquisa empírica (2021)

As imagens 15 e 16, retratam a sala dos professores e professoras que durante os intervalos das aulas e no horário do recreio, reúnem-se para a conversa informal, lanche e para alguns alinhamentos pedagógicos, quando, necessários. Em observação, sala dos docentes é um espaço onde os professores e professoras, na maioria das vezes, expressam suas angústias acerca do processo ensino aprendizagem, deixando ressaltar em seus discursos suas tristezas pela desvalorização da profissão no atual cenário brasileiro. A sala também serve de espaço para reunir os professores e professoras em reuniões pedagógicas: conselhos de classes, planejamento coletivo e construção do plano de ação anual.

Figura 15 | Sala dos (as) professores (as) da U.I. Sarney Filho/ Parte 1



Fonte: Pesquisa empírica (2021)

Figura 16 - sala de professores e professoras da U.I Sarney Filho/ Parte 2



Fonte: Pesquisa empírica (2021)

A escola dispõe de uma biblioteca, com ar condicionado, mesas e cadeiras, armários, instantes e um bom acervo de livros, catalogados pela bibliotecária municipal de Raposa.

A seguir, vamos visualizar a biblioteca da escola Sarney Filho.

Figura 17 - Biblioteca da escola



Fonte: Pesquisa empírica (2021)

O pátio da escola, é um espaço onde acontece o momento de lanches, as atividades recreativas e apresentações teatrais e culturais previstas no plano de ação da escola.

Figura 18- Pátio da U.I Sarney Filho



Fonte: pesquisa empírica (2021)

A unidade também dispõe de uma cozinha que fica próxima a secretária. Nesse espaço físico caracterizado como a secretária da escola, é onde acontece o atendimento a comunidade com os serviços de expedição de documentos dos estudantes, matrícula e em alguns momentos esse mesmo espaço o gestor conversa com os pais. Pois, na escola não há uma sala destinada a gestão escolar.

Vejamos esses espaços nas figuras 19 e 20.

Figura 19: A cozinha da U.I. Sarney Filho



Fonte: Pesquisa empírica (2021)

Figura 20: A Secretária da Escola



Fonte: Pesquisa empírica (2021)

As salas de aulas são espaçosas, porém algumas são bastante quentes, apesar de possuírem ventiladores. O calor é mais intenso no turno vespertino, o que gera um desconforto nos professores e estudantes. Cada sala possui em média de 35 estudantes, dois ou três ventiladores, um quadro branco, duas janelas, cadeiras e mesas de estudantes e professores. Abaixo a imagem de uma sala de aula da escola.

Figura 21 - sala de aula da U.I Sarney Filho



Fonte: Pesquisa empírica (2021)

A escola é muito ornamentada, há painéis temáticos e coloridos por todo espaço físico, sinalizando as comemorações vivenciadas pela escola. Os eventos da escola Sarney Filho são intensos, pois ela desenvolve vários projetos pedagógicos com a comunidade escolar.

Analisando o Plano de Projetos anuais da escola, percebemos que a mesma desenvolve uma semana de festividades em prol ao dia da Consciência Negra, comemorado em novembro. O evento é celebrado com alusões as lutas contra o preconceito no Brasil. A culinária, a arte, a estética e a religião africana são colocados em foco. Esses foram os relatos orais de professores, gestor e coordenadora pedagógica da escola,

Elencamos alguns desses painéis apresentados nas imagens 22, 23 e 24

Figura 22: Painel de entrada da U.I. Sarney Filho



Fonte: Pesquisa empírica (2021)

Figura 23 mural pedagógico do espaço bibliotecário



Fonte: Pesquisa Empírica (2021)

Figura 24- mural dos girassóis



Fonte: Pesquisa empírica (2021)

Há tempos, a escola era vislumbrada pela comunidade como um lugar cheio de conflitos, indisciplina, violência entre os alunos, uso de drogas nas dependências da escola, enfim, a falta de condutas éticas faziam parte do cenário escolar desta instituição. Atualmente, após vários projetos desenvolvidos pela gestão, supervisão e corpo docente, discentes, funcionários e comunidade, podemos visualizar e conviver em um ambiente totalmente favorável. É claro que ainda tem muito trabalho para desenvolver, pois o processo educativo é complexo e fortemente marcado pelas variáveis pedagógicas, sociais e políticas.

Quanto ao nível econômico e financeiro dos estudantes, na grande maioria são oriundos de famílias assalariadas, pescadores, trabalhadores autônomos, contempladas pelos programas do governo federal, e em alguns momentos os pais se encontram desempregados. Além das dificuldades financeiras, alguns estudantes, conforme o documento do PP, são vítimas de lares conflituosos e sem nenhuma afetividade e respeito entre os membros familiares;

Devido às profundas carências econômicas, historicamente algumas famílias que compõem o cenário da comunidade escolar da Unidade Integrada

Sarney Filho, culturalmente não desenvolveram o prazer pelo o estudo, pois muito cedo essas pessoas tinham que trabalhar para o seu sustento.

Sendo assim, os docentes ainda enfrentam muitos problemas para despertar nos alunos o estímulo necessário pelos estudos e conseqüentemente a falta de acompanhamento familiar no âmbito escolar, é outro elemento que dificulta a aprendizagem dos estudantes

A escola agrega dois públicos bem diferentes, os adolescentes durante o dia e a noite os jovens e adultos da Educação de Jovens e Adultos- EJA

No seu quadro funcional a Instituição de Ensino apresenta 59 funcionários, distribuídos nos três turnos: Matutino, Vespertino e Noturno. Onde 46 servidores são oriundos de concurso público, ou seja, tem função funcional efetiva e 13 servidores possui situação funcional de contratação temporária. Sendo 34 desses servidores, ocupam o cargo de docentes. Todos os docentes possuem nível de Graduação e aproximadamente 90% possuem alguma Especialização e dois professores são mestrados em Educação.

Tabela 02: Distribuição dos servidores da U.I Sarney Filho de acordo com a formação escolar.

CARGO/ FUNÇÃO	QUANTIDA DE	ENS.MÉDIO (formação Geral/ Técnico)		ENS. SUP./ESPECIALIZAÇÃO Com Licenciatura		MESTRADO	
		completo	Incompleto	completo	Incompleto	Completo	Incompleto
Diretor	01			x			
Adjunto	01			x			
SUPERVISOR (A)	02			x			x
ADMINISTRATI VO	05	x		x			
Secretário	01	x					
PROFESSORES	6º Ano	07		X			
	7º Ano	07		X			
	8º Ano	06		X			
	9º Ano	06		X			x

		1/2º EJA	01		X			
		3/4º EJA	01		X			
		5/6 EJA	02		X			
		7/8º EJA	03		X			
Merendeira	04		x					
Vigilante	04		x	x				
Serviços Gerais	08		x	x		X		
TOTAL	59							

Fonte: PP da U.I Sarney Filho-2020

Durante os anos de 2020 e 2021, a escola U.I Sarney Filho, assim como todas as escolas brasileiras, ficaram vazias. O ensino que era presencial passou de uma hora para outra ao ensino remoto, distante. No município da Raposa, aulas passaram ser ministradas pela plataforma, Ambiente Virtual de Aprendizagem Raposense (AVAR), pelos grupos de estudos virtuais, utilizando a tecnologia do aplicativo WhatsApp. Para os alunos sem acesso aos meios digitais foram disponibilizados roteiros de estudos impressos, distribuídos no intervalo de quinze dias na escola. Os roteiros de estudos apresentavam as atividades, textos, páginas dos livros didáticos de cada componente curricular para ser estudados e realizadas pelos alunos. Após a realização dessas atividades, os estudantes entregavam na escola e na oportunidade recebiam outras atividades. Toda essa logística foi elaborada e desenvolvida em decorrência do surgimento da pandemia, Covid-19.

4.2 Metodologia da pesquisa

A pesquisa é uma atividade sistemática que conduz o pesquisador a um entendimento mais preciso sobre a realidade, debruçando-se em uma investigação minuciosa sobre algum fenômeno ou fato social e conseqüentemente buscar subsídios para uma intervenção no objeto estudado, cuja intenção do pesquisador é selecionar as prováveis soluções para o problema. (GIL, 2002)

Ainda segundo Gil (2002) a pesquisa é estruturada dentro de padrões específicos, obedecendo a certos critérios metodológicos, métodos de abordagens, procedimentos diversificados, bem como, a escolha de instrumentos de pesquisa e análises de dados.

Em decorrência do novo contexto que alcançou o Brasil, uma pandemia mundial causada pelo novo Coronavírus - COVID 19, acometendo nosso país em março de 2020, assumindo como protocolo de segurança da Organização Mundial da Saúde - OMS, o distanciamento social, a suspensão de serviços presenciais exceto os essenciais e as medidas preventivas para o combate ao vírus.

No cenário educacional a linguagem abordada pelos especialistas foi a de um ensino a distância, remoto, híbrido, aulas por vídeos, aplicativos, aulas assíncronas e síncronas dentre outros. A educação formal passou a depender das ferramentas digitais, tecnológicas e a comunidade escolar teve que se adequar a esse novo contexto. Essas estratégias foram lançadas com o intuito de garantir a aprendizagem dos estudantes.

Em meio a essa pandemia, um dos serviços suspensos foram as aulas nas escolas, universidades, cursos e outros, considerados não essenciais e com alto risco de contaminação e disseminação do vírus. Logo, a metodologia dessa pesquisa teve que ser repensada para se adequar ao novo cenário apresentado.

Sendo assim, em decorrência do estado pandêmico do Coronavírus (SARS-COV2/COVID-19), ficamos impedidas em atender à exigência da aplicabilidade do produto educacional pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB). Pois, todas as escolas municipais e estaduais maranhenses deixaram de ter aulas presenciais por conta da referida pandemia. Dessa forma, a nossa pesquisa seguiu a Instrução Normativa Nº 04/2020/PPGEEB/UFMA que torna facultativa a intervenção do produto educacional. Eis o que diz o artigo 1º:

Art. 1º Todos os discentes, a partir da Turma 2019, em virtude do Coronavírus (SARS-COV-2/COVID-19), em obediência a Portaria GR nº 2412020-MR, a Resolução nº 1.981- CONSEPE, de 09 de abril de 2020 e a Resolução nº 2.018-CONSEPE, de 10 de junho de 2020, que tratam sobre as atividades remotas no âmbito da Universidade Federal do Maranhão, poderão, **facultativamente**, fazer a intervenção do produto educacional na escola e/ou em outro espaço educacional (UFMA, 2020, p.1).

Ainda no intuito de seguir à risca todos os protocolos sanitários de segurança apresentados pela OMS e pelas secretárias estaduais e municipais de saúde, a aplicabilidade do produto educacional, que no caso, foi o Caderno de Orientações Metodológicas do Ensino da Filosofia Africana no contexto da Lei 10.639/03, ficou inviável, pois os números de pessoas infectadas com o vírus e o número de óbitos só aumentavam no cenário brasileiro. Diante do exposto nos orientamos dentre várias, a citada Instrução Normativa Nº 04/2020/PPGEEB/UFMA, quando assevera no parágrafo único, do artigo 1º:

A intervenção ou a aplicabilidade do produto educacional poderá acontecer dependendo das condições objetivas da pesquisa, como: o acesso a materialidade dos instrumentos de coleta de dados por meio remoto; da quantidade dos sujeitos selecionados para a pesquisa, respeitando os protocolos de segurança sanitária em vigor, e outras situações que não coloquem o pesquisador e seus colaboradores em risco sanitário (UFMA, 2020, p.1).

Como procedimento de efetivação ressaltamos a necessidade desse produto educacional ser aplicado no contexto escolar para que as temáticas africanas sejam vistas e debatidas pelos professores de filosofia e pelos estudantes do 9 ano do Ensino Fundamental – series finais, pois acreditamos que as questões que envolvam o reconhecimento da identidade afrobrasileira são pungentes e cruciais para a compreensão racional de suas ascentralidades e conseqüentemente a implementação de prática de ações pedagógicas que combatam o racismo e que promovam uma educação antirracista.

Compreendemos que o desconhecimento do professor de filosofia da escola pesquisada em desenvolver temáticas filosóficas Africanas e efetivar um estudo acerca dessas temáticas sob o contexto da Lei 10.639/03 é resultado de sua formação inicial e continuada. Sendo assim, uma das propostas desse estudo é a inserção de temáticas filosóficas africanas na proposta curricular do município para os 9 anos do Ensino Fundamental – séries finais.

Através dos estudos dessa pesquisa pretendemos possibilitar ao professor de filosofia da U.I S.F, ferramentas viáveis para encontrar soluções para o problema em questão, bem como expandir os conhecimentos filosóficos do docente acerca das temáticas filosóficas africanas. De posse de novos conhecimentos o professor ganhará novos artifícios para combater as práticas preconceituosas e racistas no cotidiano escolar. (DEMO 1996)

Percebemos que, por ser uma atividade puramente racional, a pesquisa é desenvolvida dentro de padrões da cientificidade, sendo necessário a escolha criteriosa de métodos que venham satisfazer e assegurar a efetivação da pesquisa. Pois assim nos remete o pensador Gil (2002, p.17) ao nos reafirmar que: “a pesquisa desenvolve-se ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequação formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados.”

Nessa conjectura de pensamentos, a escolha dos métodos é rigorosa e criteriosa, pois os “métodos refletem o caminho a ser percorrido na pesquisa, apontando cada etapa a ser seguida, para ser chegar a um determinado fim ou objetivo.” (RICHARDSON 1999, p.22)

Quanto ao método de procedimento a nossa pesquisa se caracteriza como o Estudo de Caso, uma vez que esse procedimento traz em sua essência a formulação de argumentos mais precisos e conseqüentemente a solução para o problema. O estudo de caso fornece ao/a pesquisador/pesquisadora respostas relativas às causas da situação problema. (GIL, 2008)

Ainda sobre o estudo de Caso, Triviños (1987, p. 133) conceitua como sendo: “é uma categoria de pesquisa cujo o objeto é uma unidade que se analisa aprofundamente”.

Sendo assim, o estudo de caso, visa conhecer os detalhes do objeto pesquisado, as causas, o para quê e o porquê da situação analisada, buscando descobrir na origem aquilo de mais relevante do problema. Uma análise minuciosa, reunindo todas as informações precisas do objeto pesquisado, dessa forma, expandindo a compreensão do/a pesquisador/a quanto os detalhes do fato em questão. (GRESSLER, 2004).

Neste sentido, a Unidade que desenvolvemos a análise aprofundada foi a Unidade Integrada Sarney Filho, a qual teve como foco do estudo de caso uma proposta de ensino de Filosofia Africana à Luz da Lei Nº 10.639/03. A referida lei estabelece no Art.26-A, §2º que os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados “em todo currículo escolar”. (Grifos nossos). Tal assertiva ajuda a construir uma proposta curricular municipal para o ensino da filosofia na educação básica, com a inserção de temáticas africanas. Ainda nesse contexto, analisemos o pensamento do pesquisador Ribeiro (2019, p.28), em sua tese de mestrado quando nos afirma que:

Adequar o ensino de Filosofia às exigências da Lei 10.639/03 é fazê-la pensar alguns dos grandes problemas do Brasil, e portanto, trilhar um caminho nunca antes trilhado pela disciplina em terras tupiniquins. Isso impõe a professores de filosofia o desafio de interpretar os dispositivos da Lei 10.639/03 e transformá-los em conteúdos para serem ensinados na educação básica.

Ressaltamos que também seguimos a Instrução da Normativa Nº 04/2020/PPGEEB/UFMA que assegura aos mestrandos e mestrandas a autonomia de escolherem o método de abordagem em atendimento ao momento atual da pandemia do Covid 19. Vejamos:

Art. 4º São garantidos diversos métodos de procedimentos de pesquisa, tais, como: estudo de caso, revisão sistemática de literatura, pesquisa colaborativa, dentre outros.

Parágrafo único. Os métodos de procedimentos adotados deverão levar em conta as possibilidades de suas realizações no contexto de uma investigação remota (UFMA, 2020, p.1).

Quanto ao método de abordagem a nossa pesquisa versa pelo materialismo dialético, uma vez que, a escola sendo um espaço mutável, dinâmico, contraditório, de construção e desconstrução de ideias, conhecimentos, um contínuo movimento de fatos antagônicos, faz-se necessário desenvolvemos uma prática dialética para melhor compreender, interpretar, transformar as ações pedagógicas, na tentativa de viabilizar possíveis soluções para os fenômenos apresentados. Pois, conforme o autor Trivinõs (1987, p. 51) “O materialismo dialético é a base filosófica do marxismo e como tal realiza a tentativa de buscar explicações coerentes, lógicas e racionais para os fenômenos da natureza, da sociedade e do pensamento. ”

Ainda nesse contexto, as palavras da Prof.^a Dr.^a Lílian Anna Wachowicz (2001, p.03) em seus estudos em intitulado : “A Dialética na Pesquisa em Educação”, nos remete a reflexão acerca do método dialético:

(...) explicar uma realidade não somente para compreendê-la, mas para estabelecer as bases teóricas de sua transformação. A intencionalidade acrescenta assim ao método dialético um componente político, que sendo importante não pode deixar de lembrar sempre das possibilidades relativa que possui: a teoria não muda o mundo, mas é uma das condições para sua Mudança.

Analisamos o Materialismo Dialético como um método que nos proporciona o conhecimento da realidade, dos fenômenos tal como são, proporcionando uma compreensão lógica do fato em estudo, pois a Dialética nos fornece as bases filosóficas para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade, uma vez que, os fatos sociais não podem ser vistos isoladamente,

abstraídos de suas interferências políticas, culturais, sociais, econômicas..., haja vista, que a análise dessas influências são de extrema importância para o entendimento do fato pesquisado. (GIL, 2008).

Para o pensador Richardson (1999, p.46), “a dialética é a ciência das leis gerais do movimento do mundo exterior e da consciência humana. ”

Dessa forma, as categorias conceituais adotadas na efetivação da pesquisa foram a essência e aparência. Onde podemos explicitar as concepções do autor Richardson (1999) sobre essas duas categorias. Primeiramente vamos entender o conceito do termo categoria na concepção do autor mencionado.

As categorias são os conceitos básicos que refletem os aspectos essenciais, propriedades e relações dos objetos e fenômenos. São instrumentos metodológicos da dialética para analisar os fenômenos da natureza e da sociedade. Fundamentais para o conhecimento científico e indispensáveis nos estudos de qualquer ciência e na vida social. (RICHARDSON, 1999, p.49;50)

Diante do exposto, vejamos o que o pensador Richardson (1999, p. 52) esclarece em seu juízo sobre as categorias; aparência e essência.

A aparência é a parte superficial, mutável de um fenômeno ou da realidade objetiva. É uma forma de expressão da essência e depende dela.
A essência é uma parte mais profunda e relativamente estável do fenômeno ou da realidade objetiva. Está oculta debaixo das aparências.

Compreendemos que há uma relação de dependência entre as categorias. Ao nos relacionarmos com o fenômeno ou fato social observado e pesquisado, de imediato nos deparamos com a aparência dos mesmos, no decorrer da pesquisa, ao aprofundarmos os estudos, as leituras, começamos a desenvolver uma postura de melhor compreensão da essência do objeto pesquisado. (RICHARDSON, 1999).

Esse caminho metodológico descrito nessas categorias foi percorrido por esse trabalho. A princípio, quando nos propusemos a pesquisar as temáticas da filosofia africana no contexto da Lei 10.639/03 como uma proposta de ensino de temáticas filosóficas africanas para o ensino fundamental – anos finais e para uma possível inserção das temáticas na proposta curricular municipal da Raposa – Ma, tínhamos apenas um conhecimento aparente, superficial acerca de uma possível existência da filosofia africana. Pois dentro dos ditames acadêmicos ainda rege o discurso filosófico do ocidente. Assim no decorrer do trabalho, compreendemos quanta riqueza existente nas produções intelectuais do povo africano e que precisa ser apresentado para os demais continentes, só assim poderá haver uma quebra

dos paradigmas negativos e preconceituosos que foram estabelecidos por outras civilizações, durante séculos, onde silenciaram e apagaram o povo negro da história da humanidade.

No princípio dos nossos estudos ficou estabelecido como colaboradores também identificados como sujeitos da pesquisa o gestor, professor de Filosofia dos 9º Anos A e B do Ensino Fundamental, supervisora pedagógica e os estudantes do ano citado. Entretanto, devido a pandemia da COVID-19 que se iniciou no ano de 2020 e prorroga até os dias atuais, tivemos que adequar a nossa pesquisa a esse novo cenário (fato descrito anteriormente no escopo desse trabalho). Em decorrência dessa trágica eventualidade mundial, os colaboradores ou sujeitos da pesquisa foram: o gestor, a supervisora pedagógica e o professor de filosofia dos 9º ano do Ensino Fundamental da Unidade pesquisada. Ressaltamos que a opção da mudança das nomeclaturas de sujeitos para colaboradores perpassa pelo enfâse do sentido dos termos. O termo sujeito expressa um sentido de passividade, sendo apenas mais um elemento na composição da pesquisa, enquanto o termo colaborador dá uma conotação de proatividade, de participação e interação com o pesquisador e o fenômeno pesquisado. Dessa forma, pesquisador e colaboradores convergem sob uma mesma ótica, ambos buscam a efetivação dos resultados da pesquisa. .

4.3 Análise e Interpretação dos dados da Pesquisa.

A coleta de dados é o processo de extrema relevância para a efetivação da pesquisa. São informações precisas que resume as técnicas metodológicas utilizadas pelo pesquisador.

Os instrumentos de coleta de dados utilizados nessa pesquisa foram a observação, entrevistas e figuras/fotografias.

Frisamos que por conta da Pandemia causada pelo vírus Covi-19, utilizamos de metodologias remotas e presenciais no desenvolvimento dos instrumentos de coletas de dados. Sendo assim, seguimos as prerrogativas previstas na Instrução Normativa Nº 04/2020/PPGEEB/UFMA que descreve: "Art. 5º As pesquisas poderão acontecer de forma híbrida, ou seja, remota e presencial, desde que se leve em consideração os protocolos de segurança em relação ao Covid 19" (UFMA, 2020, p.1).

Acrescentamos que antes de iniciarmos as observações na U.I. Sarney Filho, tivemos que protocolar o pedido de autorização com o gestor da referida unidade para a autorizar o início das investigações. O pedido foi realizado através de um documento identificado como Carta de Apresentação (ANEXO A). Após a expedição da autorização pelo gestor iniciamos as observações por meio de um roteiro de observação (APÊNDICE A).

Conforme Marconi; Lakatos (1992, p. 107), “a observação utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver ou ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar”.

Ainda nesse contexto, o autor Gil (2008 p.100) nos descreve acerca da importância da observação para a efetivação da pesquisa. Assim nos relata:

A observação constitui elemento fundamental para a pesquisa. Desde a formulação do problema, passando pela construção de hipóteses, coleta, análise e interpretação dos dados, a observação desempenha papel imprescindível no processo de pesquisa

De maneira geral, a observação da U.I. Sarney Filho, se deu pela estrutura física predial, as dependências internas e externas, os murais pedagógicos, os cartazes, o imobiliário, o PP da escola e a Proposta Curricular de Filosofia do 9º ano da Unidade. Vale ressaltar que durante as observações não foi identificado nenhum mural pedagógico que retratasse a imagem de uma criança ou adolescente negro. Portanto, esse detalhe, já evidenciou a ausência de uma educação pautada nos princípios étnicos raciais. Apesar que, no plano de ação da escola tem um projeto de alusão ao dia da consciência negra (realizada no mês de novembro). Sendo assim, pelas observações e entrevistas compreendemos que somente no mês de novembro se faz referências às produções do povo africano, pois a data faz parte do calendário festivo da escola.

As entrevistas foram realizadas com o gestor da escola, a supervisora pedagógica do ensino fundamental – séries finais e o docente de Filosofia das turmas dos 9º anos. (APÊNDICE B). Realizamos uma entrevista semiestruturada que segundo Triviños (1987, p.146) é:

Aquele que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, frutos de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração de conteúdo da pesquisa.

O autor Flick (2013), nos indica o caminho das entrevistas on-line e ressalta que podemos fazer entrevistas on-line de forma síncrona e/ou assíncronas através das redes sociais, utilizando os recursos técnicos do mundo virtual e tecnológico. Ele ainda nos afirma que uma das vantagens desse tipo de entrevistas é a economia de tempo e custos, bem como o alcance de pessoas que estão distantes. Cabe ressaltar que a Instrução Normativa Nº 04/2020/PPGEEB/UFMA descreve no Art. 5º, a metodologia de forma remota, híbrida e/ou presencial no desenvolvimento da pesquisa. Em linhas gerais, as entrevistas propostas nesse estudo utilizou-se das entrevistas realizadas de forma híbrida e/ou presencial, por meios dos aplicativos e recursos do meio digital.

Para um maior entendimento em relação as figuras e/ou imagens, fotografias, cabe destacar o pensamento do autor Gil, 2008, p.195), quando afirmar que: “O termo figura inclui desenhos, gráficos, mapas, esquemas, fotografias, fluxogramas, organogramas etc. As figuras são utilizadas para auxiliar visualmente na compreensão de conceitos complexos.”

De maneira geral, as fotografias e/ou figuras foram utilizadas durante todo corpo dissertativo da pesquisa, tanto nas seções da revisão de literatura, quanto na parte empírica do trabalho. As figuras estão dispostas nas seções da revisão de literatura, fizemos uso da web, sites, relacionados aos estudos da filosofia africana e ocidental, na parte empírica, tiramos fotografias que caracterizam os espaços físicos, a fachada, os murais pedagógicos da U.I. Sarney Filho, fotografamos ainda, o centro urbano da cidade de Raposa - Ma, no qual se localiza a escola pesquisada. Pois em consonância com as informações encontradas no PP/2020 da Unidade, a localização geográfica da escola, reflete diretamente na prática educativa da escola. As fotografias foram tiradas pelo aparelho celular (smart) no momento das observações presenciais em visita a Unidade. No caderno de Orientações Metodológicas para o ensino de temáticas filosóficas africanas, foram usadas figuras de websites.

Elencamos a seguir as fotografias que foram tiradas pela pesquisadora durante a observação na escola. São elas:

- a-U.I. Sarney Filho - fachada, dependências internas e externas;
- b- Murais pedagógicos da U.I. Sarney Filho

c- Centro Urbano da cidade de Raposa - Ma.

A representação gráfica proposta na forma de análise e interpretação dos dados se materializaram por meio de quadros, tabelas e fotografias.

Os quadros foram utilizados nas respostas dos colaboradores/as (gestor, supervisora pedagógica e do docente de Filosofia) da pesquisa na parte seção empírica. Também foram utilizados nas seções da revisão de literatura, ao serem expostos com informações sobre a divisão dos períodos da filosofia ocidental e africana. Sobre o uso de quadro de resposta, Barros (1990) destaca que quando a informação que se quer representar não é numérica, pode-se representá-la por meio de quadro de respostas, sendo assim, os quadros, trazem em sua essência dados qualitativos da pesquisa desenvolvida.

As tabelas, também estão expostas na parte empírica da nossa Dissertação, especificamente na exposição das dependências físicas da unidade pesquisada, bem como, na demonstração do quantitativo de profissionais pedagógicos e não pedagógicos que compõem o quadro de funcionários da U.I. Sarney Filho. De acordo com as normas ABNT, as tabelas geralmente mostram valores numéricos e estáticos, apresentando os resultados de forma clara e objetiva (ABNT, 2020).

O produto educacional construído nesse estudo foi um Caderno de Orientações Metodológicas (APÊNDICE C) para o Ensino de temáticas de Filosofia Africana no contexto da Lei 10.639/03. Esse material é destinado aos professores de Filosofia do 9ºano do Ensino Fundamental - séries finais, como um suporte didático - pedagógico na intenção de colaborar com os docentes de filosofia ao ministrarem aulas com temáticas filosóficas africanas sob a ótica da Lei 10.639/03 na perspectiva de promover uma educação pautada nos princípios étnicos-raciais.

Infelizmente devido ao cenário pandêmico (Covid-19), o produto educacional não pode ser aplicado, como já foi exposto no escopo desse trabalho. Obedecendo os critérios que regem a Instrução Normativa Nº 04/2020/PPGEEB/UFMA que assegura aos mestrandos e mestrandas de tornar facultativo a aplicabilidade do produto educacional. Dessa forma, elaboramos um produto educacional passível de ser aplicado pelos professores de filosofia, pois o mesmo é constituído de um plano de aula que explica cada etapa da temática abordada. Além do cumprimento das prerrogativas estabelecidas na Instrução Normativa Nº 04/2020/PPGEEB/UFMA, recorreremos também a Portaria nº 17 de 28

de Dezembro de 2009, no Art. 07, § 3ºb ao estabelecer a obrigatoriedade na conclusão do curso, a entrega de um trabalho que poderá ser apresentado em diversos formatos, no caso, a construção de um Caderno de Orientações Metodológicas para o ensino de temáticas de Filosofia Africana, se materializando como o produto educacional da nossa referida pesquisa. Sendo assim, estruturamos o produto educacional em formas de temáticas com encaminhamento pedagógico para um melhor aproveitamento por partes dos docentes. Em face do exposto descrevemos a proposta para a aplicabilidade do nosso produto educacional na subseção 5.4.

4.3.1 O lugar das vozes dos colaboradores da pesquisa

Nesta parte da pesquisa traçaremos a análise e interpretação dos dados, a qual é formada por concepção ou concepções de vistas acerca de uma determinada temática de um estudo que são reveladas por pessoas selecionadas para tal. Dessa forma, consideramos de extrema relevância o lugar, a postura e o conhecimento que os colaboradores desenvolvem na trajetória de um estudo de caráter investigativo.

Para um melhor entendimento dos termos; análise e interpretação no contexto de uma pesquisa, recorreremos a finalidade desses termos em estudo investigativo, descrito conforme o autor Gil (2008, p. 156).

A análise organiza e sumaria os dados de forma tal que possibilita o fornecimento de respostas ao problema proposto pela investigação. Interpretação procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtido.

Em linhas gerais a análise são as respostas apresentadas pelos colaboradores no momento da entrevista. Já a interpretação é um estudo aprofundado das respostas obtidas dos colaboradores em relação a outros conhecimentos sobre o fato pesquisado

Outro aspecto pertinente a análise e a interpretação de dados são a questão da Ética. Ao descrevemos as respostas obtidas nas entrevistas, as identidades dos colaboradores devem ser mantidas em sigilo, ou seja, não os identificar. Partindo desse pressuposto, utilizamos os nomes de origem africana para os colaboradores da nossa pesquisa. Conforme os costumes africanos de algumas

partes desse continente, atribuir um nome a uma criança é de extrema relevância, pois o nome releva a natureza individual do Ser. (Lopes; Simas. 2021).

Em alguns países do continente africano, quando os pais escolhem o nome para os filhos, devem levar em conta o horário que a criança nasce e as tradições culturais da tribo. O nome para os negros africanos constitui a ideia de pertencimento, sendo carregado de historicidade e significados. (Lopes; Simas 2021).

Em decorrência da riqueza cultural do solo africano, e de seus mais variados dialetos linguísticos, alguns nomes de pessoas podem ter significados diferentes e mais comuns em determinadas regiões e em outras não. Portanto, os nomes atribuídos aos nossos colaboradores da pesquisa apresentada, podem sofrer alterações em seus significados, dependendo dos aspectos culturais de cada tribo.

Mediante essa ideia da importância do nome para a cultura africana, recorreremos ao pensamento dos autores, Lopes; Simas (2021, p.39) no livro *Filosofias Africanas*: “Conhecer o nome de uma pessoa é também conhecer uma parte de sua vida, sua origem, sua divindade protetora, sua situação no seio de sua família; e, mais ainda, ter acesso à essência espiritual da pessoa. ”

4.3.1.2 O Gestor, a Supervisora Pedagógica e o Professor de Filosofia da U.I.Sarney Filho

Os colaboradores da pesquisa foram identificados com nomes oriundos do solo africano. Como já foi mencionado antes acerca da relevância que alguns lugares africanos dão as crianças no momento dos seus nascimentos é um gesto carregado de simbologia e acima de tudo, de conexão com seus ancestrais.

Em face do exposto, vejamos os nomes selecionados:

Anaya¹¹ (Supervisora Pedagógica). É preta. Sua formação acadêmica contempla o bacharel e a licenciatura em Ciências Biológicas. É mestra em Ensino de Ciências e Matemática.

Atua na educação há 8 anos e na atualidade exerce o cargo de coordenadora do Projeto de Recomposição de Aprendizagem SEMED/RAPOSA, Supervisora da Unidade Integrada Sarney Filho e Consultora Educacional na empresa Interface Educacional.

Danso¹²: (Professor de Filosofia): É pardo. Licenciado em Filosofia. Possui Pós em Gestão e Supervisão Escolar. Atua na educação desde 2007. É docente de Filosofia do Ensino Fundamental do 6º ao 9º Ano no Município da Raposa da Unidade Integrada Sarney Filho.

Jawari¹³: (Gestor): É branco. Licenciado em Letras. Possui especialização em Gestão Escolar. Tem mais de 20 anos de experiência na área de Gestão Escolar no município da Raposa. Atualmente é gestor geral da Unidade Integrada Sarney Filho.

O conhecimento filosófico está atrelado à racionalidade, a criticidade e na evolução do pensamento autônomo. A filosofia é um conhecimento essencialmente humano que possibilita aos homens e as mulheres uma compreensão racional sobre si mesmo, os outros e a realidade que os cercam. É um saber investigativo sobre os fenômenos, fatos que fazem parte do mundo. Essa nova forma de entender a realidade foi inaugurada, segundo a tradição ocidental, na Grécia Clássica VI a.C e que se estendeu por toda história da cultural ocidental. (WONSOVICZ, 2005)

Somos essencialmente ávidos pela busca do conhecimento, do saber. O filósofo grego, Sócrates¹⁴, afirmava que o verdadeiro sábio é aquele que reconhece sua própria ignorância e busca incansavelmente entendimento dos fatos.

Nesse sentido com base em nossas descrições, perguntamos aos nossos colaboradores da pesquisa sobre o que compreendam acerca do conhecimento filosófico.

Quadro 03: Qual o seu entendimento acerca da Filosofia?

PARTICIPANTES	RESPOSTAS
Anaya	<i>Área do conhecimento humano que investiga e estuda sobre a existência humana e a construção do conhecimento de forma racional. Estudando a mente humana, os valores, a ética...</i>
Danso	<i>É o amor pela sabedoria, a busca do conhecimento, área do</i>

11- O nome Anaya (nome feminino), oriundo da (Ibo, Nigéria) e tem como significado, Olhar para Deus. <https://expressodasilhas.cv/lifestyle/2018/01/30/nomes-africanos-e-o-seu-significado/56395>

¹² O Nome Danso (nome masculino) surgiu a partir da língua *akan* pertencente a Gana, que significa “confiante”, “seguro”. (PORTAL GELEDÉS. 2020)

¹³ O nome Jawari (nome masculino), provavelmente tem sua origem no país Senegal e significa, “paz amorosa” (PORTAL GELEDÉS. 2020)

¹⁴ Uns dos filósofos mais proeminente da filosofia grega antiga. Sua existência se deu entre 470 a 399 a.C. estabeleceu os fundamentos da Filosofia Ocidental. <https://www.todamateria.com.br/socrates/>

	<i>conhecimento dedicada à construção de saberes lógicos e racionais.</i>
Jawari	<i>É o estudo fundamental do conhecimento humano. Estudo dos valores humanos. Conhecimento racional.</i>

Fonte: pesquisa empirica 2021

As respostas dadas pelos colaboradores evidenciaram os seus entendimentos assertivos sobre o conhecimento filosófico, fato este que evidencia as características peculiares da filosofia. As respostas também trazem à tona uma análise do currículo de Filosofia adotado pela maioria das universidades brasileiras, pois percebemos a coerência de pensamento expressa nos comentários dos colaboradores.

Todos frisaram que a filosofia é um conhecimento humano investigativo e que está presente na existência humana. Sendo a busca de vários saberes.

Cabe ressaltar que a filosofia não traz respostas prontas e acabadas, mas o processo do verdadeiro filosofar proporciona as pessoas ferramentas necessárias para que as mesmas sejam capazes de construir suas próprias respostas, desprovidas de preconceitos e dogmas. A reflexão filosófica precisa ser aplicada na vida, principalmente no espaço escolar, não podemos considerar a filosofia apenas como um saber abstrato e acadêmico, mas como um entendimento racional sobre a nossa existência e tudo o que nos cerca. É através da reflexão filosófica que adquirimos o entendimento necessário para a transformação do meio que estamos inseridos.

Assim reafirma Wonsovicz (2005), que o filosofar para o pensador Marx, não consistia somente em pensar na realidade, mas transformá-la. Então, partindo desse pressuposto marxista, o processo do filosofar é compreender a realidade a partir das nossas experiências, desenvolvendo posturas para transformá-la. Face ao exposto, compreendemos que a filosofia, sendo uma área de conhecimento humano tão peculiar ao desenvolvimento pleno dos seres, não pode estar fora do contexto escolar. Entretanto, o ensino da filosofia nas escolas é ainda alvo de muito retalhamento por parte da sociedade e das políticas públicas. Nesse contexto perguntamos aos colaboradores, conforme a visão de cada um, quais seriam os maiores obstáculos para o ensino da filosofia no contexto escolar da educação básica. Contemplemos as respostas:

Quadro 04: Quais seriam os obstáculos para o ensino da filosofia no Brasil?

PARTICIPANTES	RESPOSTAS
Anaya	<i>A compreensão da sociedade em relação a necessidade de ensinar filosofia para crianças, adolescentes, o que gera consequências negativas, uma vez que a filosofia sendo um campo de estudo que ensina alunos a construir seus saberes e a compreender as diferentes visões do mundo de forma racional, a ausência deste ensino causa, portanto, uma fragilidade na educação dos nossos alunos. Outros desafios são: a desvalorização da filosofia, preconceito e a discriminação dela enquanto disciplina do currículo.</i>
Danso	<i>Hoje a maior dificuldade ou obstáculo encontra-se na falta de estrutura para o ensino da filosofia, ou seja, não está baseado apenas na consciência crítica do aluno, mas sim em um ensino que possa oferecer livro didático como fonte de conteúdo para o aprendizado.</i>
Jawari	<i>Vejo no cotidiano do educando das redes públicas a falta de material didático acessível para tal estudo. Essa é uma das maiores dificuldades.</i>

Fonte: pesquisa empírica 2021

Os nossos colaboradores apontam em suas análises algumas das dificuldades enfrentadas pelo o ensino da filosofia, enquanto disciplina escolar. Eles mencionaram falta de estrutura física das escolas, desvalorização do componente curricular no currículo brasileiro, rejeição e desinteresse por parte dos alunos e demais professores, escassez no material didático, ausência de tecnologia, falta de uma proposta curricular, enfim, são inúmeras preocupações e lutas para manter a filosofia como disciplina curricular nas salas de aulas das escolas brasileiras. Ainda nesse contexto, somos conhecedores que uma parte dos professores e professoras que lecionam a disciplina da filosofia não estão aptos para o exercício da função. Isso acontece pelo fato de que nas escolas públicas vários docentes de outras disciplinas complementam sua carga horária com o ensino da filosofia. O que gera ainda mais rejeição por parte dos estudantes. Outra grande dificuldade é o

distanciamento dos conteúdos abordados em sala de aula com a realidade dos alunos, conseqüentemente causa desinteresse e frieza por parte dos estudantes. Essa desconexão de teoria e prática torna o ensino da filosofia obsoleto para a grande maioria dos estudantes brasileiros.

A referida lei 11.884/08 garante o ensino de filosofia no Ensino Médio nas grades curriculares brasileiras, juntamente com as Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCNEM), nos quais encontram as propostas curriculares para ensino da filosofia, mesmo com todo esse aparato pedagógico esse ensino, ainda, encontra diversas dificuldades na efetivação dos seus objetivos e conteúdos. Agora, pensemos nas fragilidades da disciplina Filosofia no ensino fundamental, que vão desde a formação acadêmica dos professores até o entendimento dos estudantes no que tange as temáticas filosóficas. Pois, a presença da filosofia no ensino fundamental é extremamente carente de leis educacionais. As professoras e professores de filosofia desse nível estão sempre em busca de novas metodologias para despertar o interesse das crianças e adolescentes. É nesse contexto complexo, conflituoso e paradoxal que se faz necessário ressignificar a identidade do professor. (LORIERI. 2002).

Para compreendermos melhor esses obstáculos acerca do ensino da filosofia no Brasil é preciso que conheçamos um pouco da trajetória histórica dessa área de conhecimento enquanto disciplina curricular na educação básica. E o que veremos mais adiante em nossos questionamentos.

Quadro 05: Quais os conhecimentos você tem sobre a história do ensino da Filosofia no Brasil?

PARTICIPANTES	RESPOSTAS
Anaya	<i>Por não ser da área específica meus conhecimentos são limitados quanto a filosofia no Brasil e como está evoluindo ao longo dos anos no nosso país. Entretanto o que vem chamando minha atenção ao longo dos anos quanto educadora é a ausência da compreensão dos educadores sobre a importância desta disciplina no currículo da educação básica e como esta contribui para o desenvolvimento intelectual dos estudantes.</i>

Danso	<i>A filosofia no Brasil se inicia a partir das escolas normais onde teve seu viés trazida pelos padres jesuítas no século XVI tendo como sua primeira metodologia Ratio Studiorum que eram experiências vivenciadas no colégio romano onde foi adicionada as práticas pedagógicas e mais tarde com o surgimento da primeira faculdade de filosofia no Brasil, a faculdade de São Bento e que perdura até os dias de hoje.</i>
Jawari	<i>A filosofia tem um universo filosófico gigantesco em toda a Europa. No Brasil essa força de pensadores surge com intensidade, surgindo obras maravilhosas de grandes pensadores como o livro, “A filosofia contemporânea no Brasil” e outras. A filosofia ficou popularizada no Brasil também através de canais de televisão a partir de 1970 com o programa saia justa e outros questionamentos importantes para esse novo mundo filosófico.</i>

Fonte: pesquisa empirica 2021

Como é sabido o ensino de filosofia no Brasil já sofreu diversas alterações e perseguições na sua implementação por parte das políticas públicas educacionais. Durante a sua trajetória, o ensino da Filosofia, ora era contemplado como disciplina escolar, e em outras ocasiões era silenciado nas salas de aula, ou seja, retirado do currículo escolar brasileiro.

A filosofia chega ao Brasil juntamente com os jesuítas no século XVI, tendo um caráter extremamente catequético, como todo ensino jesuíta. A educação no período colonial era voltada para elite e atendia os comandos da Igreja católica. O ensino da filosofia era baseado em estudos doutrinários, registros, livresco, assimilação das teorias oriundas do pensamento europeu. (RIBEIRO.2019).

Logo após a expulsão dos jesuítas do território brasileiro, ocorreram as reformas pombalinas, que apesar das tentativas de mudanças na educação, o ensino no Brasil, ainda continuava com o cunho dogmático.

Mais o grande embate do ensino de filosofia ocorreu na década de 60, com a promulgação da Lei 4.024/61, a primeira Lei das Diretrizes e Bases da

Educação Brasileira, a disciplina de Filosofia passa ter um caráter facultativo. Mas, tarde com a implantação da lei 5.692/71, a Filosofia é extinta, oficialmente, do currículo da educação básica brasileira. Sendo substituída pelas disciplinas: Educação Moral e Cívica e Ordem Social Política Brasileira (OSPB), cujo objetivos das mesmas era desenvolver uma educação pautada nos princípios de amor à pátria e a obediência as leis estabelecidas. (GELAMO 2010).

No contexto da lei 9.394/96, a filosofia reaparece, porém não como uma disciplina, mas como um conteúdo nos temas transversais, proposta estabelecida pelos Parâmetros Curriculares Nacionais- PCN's. Somente no corpo da Lei 11.884/08, a filosofia passou a integrar novamente o currículo como disciplina de caráter obrigatório.

Diante desse breve panorama de exposição da luta do ensino de filosofia no Brasil, percebemos que essa disciplina é marcada por profundas instabilidades, principalmente no que se refere a sua permanência ou não no currículo da educação básica brasileira. Tais idas e vindas no contexto escolar, ocasionou consequências nefastas, como a desvalorização dessa área de conhecimento, tanto por partes das demais disciplinas, quanto por parte dos próprios estudantes.

A mais recente luta foi quando a BNCC foi implantada e as discussões em torno da exclusão da filosofia voltaram à tona. Tal situação gerou profundas revoltas em alguns professores e estudantes em todo Brasil, em prol da permanência dessa área de conhecimento nos currículos da educação brasileira. Portanto, a luta pela valorização desse ensino é algo histórico e inacabado. Precisamos, enquanto professoras e professores de filosofia traçamos novos caminhos para a filosofia, retirá-la do campo da "inutilidade" para da ação, evidenciando sua importância e contribuição valiosa na formação de seres críticos e atuantes no contexto sócio político.

Quantas dificuldades que o ensino de filosofia enfrentou para que obtivesse a sua inserção na grade curricular da educação brasileira. Entretanto, sua luta ainda permanece, pois, sua estadia nas salas de aulas vive sobre as supostas ameaças de novas políticas educacionais.

Até aqui as nossas análises versaram pelo ensino da filosofia com base europeia, sendo esse estudo reconhecido pelo mundo acadêmico intelectual como a única vertente verdadeira acerca da história da filosofia, enfrenta dificuldades para sua permanência no contexto escolar brasileiro, agora, imaginem os obstáculos que

encontramos para alinharmos o ensino da filosofia com a Lei 10.639/03. É o caminho que percorremos a seguir com ajuda dos nossos colaboradores da pesquisa.

Quadro 06: O que você sabe sobre Filosofia Africana?

PARTICIPANTES	RESPOSTAS
Anaya	<i>Compreendo a filosofia africana, como aquela que envolve temáticas relacionadas a África e sua história, assim como, suas relações políticas, estudos sobre as religiões e dogmas.</i>
Danso	<i>Tenho pouco conhecimento sobre a filosofia africana. Apenas algumas leituras.</i>
Jawari	<i>De fato tenho pouco conhecimento sobre a filosofia africana, porém creio que essa filosofia vem ajustar causas e práticas do povo africano.</i>

Fonte: pesquisa empirica 2021

Pelas narrações dos nossos participantes, percebemos que os mesmos tiveram pouco ou nenhum contato com a filosofia africana. O participante Danso é professor licenciado de Filosofia e na sua fala o mesmo evidencia do pouco conhecimento que tem acerca da filosofia africana, que nos leva a inferir que Danso não obteve esse conhecimento nem mesmo na Academia. Mais quais os motivos que silenciaram os povos africanos e negligenciaram sua história ao longo dos séculos? Para fundamentar os nossos questionamentos trazemos o pensamento da pesquisadora Lino, 2018. p.06, quando afirmar com veemência que:

É bem verdade que a supremacia branca, sempre inviabilizou, negatizou e, por vezes, excluiu a contribuição das civilizações africanas na história da humanidade. O continente africano é sempre descrito a partir de uma perspectiva europeia na qual sua existência começa com a chegada das potências europeias ao continente em que caracteriza os africanos como selvagens, bárbaros e inferiores, por isso precisam dominados, escravizados durante centenas de anos.

Ainda nessa linha de análise, a pesquisadora Lino, nos relata que mediante a todo esse cenário de negação da civilização africana, consequências nefastas se apresentam até os dias atuais.

Por consequência disso o africano passa a negar-se como negro, despreza sua cultura, crença, não conhece a história dos seus ancestrais, e a cada

dia que passa sofre com isso, através do racismo, preconceito, discriminação, homofobia e por não conseguir se defender devido à falta de identidade, ele tenta ser um negro-branco, isto é, embranquecer-se. (LINO. p.06.2018)

Em oposição a esse panorama de negação que envolve a civilização africana, pensadores negros africanos ou oriundos de diversas diásporas resgatam as produções intelectuais dos seus ancestrais e ao mesmo tempo desenvolvem teorias peculiares ao universo africano. Essas junções de ideias, teorias é o que podemos nomear de filosofia africana.

Há ainda, grandes discussões, principalmente no meio acadêmico quanto a existência ou não de uma filosofia africana. Mas, se a grande maioria dos filósofos afirmam que o processo do filosofar é inerente aos seres humanos, então, por que a rejeição as produções filosóficas africanas? Essa reflexão já foi explanada em outro momento desse trabalho. Portanto, o que queremos, com a retomada dessa análise é apenas provocar, ainda mais, questionamentos acerca do pensamento filosófico africano.

Quadro 07: Em sua formação acadêmica você desenvolveu estudos sobre a filosofia africana?

PARTICIPANTES	RESPOSTAS
Anaya	<i>Não.</i>
Danso	<i>Não tive nenhuma disciplina que contemplasse essa área do conhecimento no ensino da filosofia.</i>
Jawari	<i>Absolutamente nada.</i>

Fonte: pesquisa empírica 2021

As respostas dos nossos participantes quanto ao questionamento descrito só vem reforçar as ideias já expostas no escopo desse trabalho, quanto a hegemonia do currículo de raiz europeia nas formações acadêmicas. Embora a Lei 10.639/03 preconize a inclusão da história e da cultura afro-brasileira e africana nos currículos da educação básica e superior, mais o que vimos nas práticas educacionais é ainda o não cumprimento da lei em sua essência, apesar de 20 anos de sua promulgação, principalmente no ensino de filosofia.

Conforme revela dados de uma pesquisa elaborada pelo Grupo de Pesquisa Afroperspectivas, Saberes e Interseções (AFROSIN), da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) realizada com professores e professoras

de Filosofia do Ensino Médio em escolas públicas aponta que: 84% dos entrevistados tinham conhecimento da alteração realizada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB e que os conteúdos de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena haviam sido inseridos de caráter obrigatório no currículo, 76,9% dos docentes de filosofia não cumprem a obrigatoriedade estabelecida pela LDB e 100% dos docentes entrevistados não tiveram esses conteúdos em suas formações acadêmicas. Outro aspecto relevante dessa pesquisa é a ausência de materiais didáticos pedagógicos para o ensino de filosofia que atenda a demanda da LDB no desenvolvimento de aulas voltadas para uma educação das Relações Étnico-Raciais. (NOGUERA, 2014,p.16).

Dessa forma, a pesquisa aponta algumas dificuldades relatadas pelos docentes na promoção de um ensino de filosofia em consonância com a Lei 10.639/03. Esses mesmos estudos apontam que se faz necessário uma reforma curricular nos cursos de graduação de Filosofia nas Universidades brasileiras.

No próximo questionamento trataremos nos conhecimentos que os nossos colaboradores têm acerca da lei 10.639/03.

Quadro 08: O que você sabe sobre a Lei 10.639/03?

PARTICIPANTES	RESPOSTAS
Anaya	<i>Lei que trata sobre a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira. Sendo necessário a inclusão de conteúdos relacionados a essa temática no currículo escolar.</i>
Danso	<i>Essa lei foi estabelecida dentro das Diretrizes e Bases da Educação Nacional para incluir na rede de ensino a obrigatoriedade da temática história e cultura afro-brasileira tendo como objetivo a valorização da cultura negra.</i>
Jawari	<i>A lei 10639/03 que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira em todas as escolas públicas e particulares do ensino Fundamental e Médio.</i>

Fonte: pesquisa empirica 2021

Ao analisarmos as respostas dos nossos colaboradores percebemos que os mesmos possuem conhecimento acerca da referida Lei. Talvez a maior dificuldade que sentem é como implementar a Lei 10.639/03 no componente

curricular, filosofia. Cabe aqui retomarmos as discussões da trajetória e dos embates na regulamentação da lei.

O professor Ribeiro (2019), ressalta em sua Dissertação, intitulada: “Entre Ensino de Filosofia, Ludicidade e a Lei 10.639: Uma Proposta Afroperspectivista para Aulas de Filosofia a partir do Card Game Combate Filosófico.” (2019), p. 11.

A promulgação da lei 10.639/03, representou um marco na história dos movimentos negros no país, sendo verdade inclusive, que para compreender o contexto em que a lei foi pensada e proposta até sua promulgação, é preciso que se compreenda a própria história da militância negra no Brasil republicano sob a liderança do Movimento Negro Unificado (MNU) e a história das lutas do MNU por uma educação que fizesse frente ao racismo e à discriminação da população negra na sociedade brasileira.

Tendo ainda como referência teórica os estudos do autor Ribeiro (2019), ao relatar que no ano de 1978 foi criado o “Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial” e que mais tarde o termo, negro, seria adicionado ao movimento, no qual passou a ser denominado de Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial. Esse movimento em 1982, apresentou como uma de suas ações, a luta pela introdução da História da África e do Negro no Brasil. (RIBEIRO, 2019),

A luta do Movimento Negro Unificado por um currículo antirracista pelo reconhecimento e valorização da população negra ganha apoio de vários outros movimentos sociais brasileiros. A população negra durante décadas foi excluída do contexto educacional brasileiro, a percepção da história e cultura desse povo era estigmatizada como seres incapazes de assumir papéis de relevância na sociedade, o que se reservava a essa população era apenas os serviços subalternos. Sua história, cultura e contribuição ímpar para a formação da nação brasileira fora silenciada durante um longo período de tempo.

Toda essa mobilização do Movimento Negro Unificado por uma reparação aos danos causados a nação negra, bem como, a reivindicação por um currículo brasileiro menos embranquecido e mais afrodescendente, resultaria mais tarde na promulgação da Lei 10.639/03.

Cabe ressaltar que a luta de vários líderes políticos contra o racismo no Brasil, dentre eles, o deputado federal Abdias Nascimento, que através de várias ações no senado, destaca-se o projeto de Lei Nº 1.332/1983, que traziam em sua redação as “medidas de ações compensatórias” para os negros e as negras brasileiros. (RIBEIRO, 2019, p .15).

No ano de 1999 é aprovado o projeto de Lei Nº 259/1999, elaborado pelos deputados Ben-Hur Ferreira e Ester Grossi. Conforme autores Gonçalves e Silva (2019, p.213), o projeto abordava que:

Como justificativa e restauração da verdadeira contribuição da população negra no desenvolvimento do Brasil, demarcando a necessidade de desmistificar o eurocentrismo contido nos livros didáticos distribuídos nas escolas, entendendo que professores e alunos são vítimas dessas distorções nas instituições de ensino. Tornou-se necessário que o Estado adquirisse o compromisso político de adequação dos currículos escolares a realidade étnica brasileira. Nesse contexto é de suma importância que a história do povo negro seja resgatada em sua amplitude a fim de promover a equidade no plano social, econômico e político.

Esse projeto de Lei foi a mola propulsora para a promulgação da Lei 10.639. Mas, o desfecho de toda essa mobilização, iniciada pelo Movimento Negro Unificado em 1980, se deu com a atuação do Presidente da República, vigente no ano de 2003, Luiz Inácio Lula da Silva, ao promulgar o projeto de lei aprovado em 1999. A referida lei federal 10.639/03 modifica a LDB em seus artigos 26, 2ª e 79 B, determinando a obrigatoriedade da inclusão do ensino da história e cultura afro-brasileira no currículo do Ensino Fundamental e Médio. Entretanto, uma nova luta se inicia desde a promulgação da lei a sua efetivação nas propostas curriculares das redes de ensino brasileiro. (RIBEIRO,2019).

Há duas década da promulgação da Lei 10.639/03 e apesar dos pequenos avanços nos debates acerca de uma educação étnico raciais no cenário político e social brasileiro, na inserção de algumas temáticas africanas e afro-brasileira nos livros didáticos de alguns componentes curriculares, um aumento nas ofertas de curso de pós graduação voltados para o Ensino da História Africana e Afro-Brasileira, ainda esbarramos em vários entraves na aplicabilidade da Lei 10.639/03 no contexto educacional, principalmente no que se refere no ensino de filosofia. As transformações acontecem em passos lentos, segundo as autoras, Gonçalves e Silva, (2019, p.224), esse fato se expande em decorrência de:

Por não haver uma fiscalização da prática da lei nas Instituições de Ensino, não tem nenhum tipo de exigência vindas das secretárias federais e estaduais no que se reporta à implementação da Lei 10.639/03, ficando a responsabilidade dos supervisores e docentes implementá-la ou não.

Como percebemos a inclusão da História e da Cultura Africana e Afro-brasileira no currículo da educação brasileira foi fruto de muita luta e resistência de várias pessoas, o que representa um marco na história da população negra. Entretanto, precisamos ainda, que mais pessoas se comprometam como essa causa

e que o povo brasileiro se reconheça como afrodescendentes, oriundo de ancestrais africanos. Assim sendo, precisamos de professores e professoras qualificados, preparados para disseminar uma educação antirracista, combatendo atitudes e discursos preconceituosos dentro e fora da sala de aula. Daí a necessidade que os cursos de Licenciaturas apresentem temáticas africanas em seus currículos, dando suporte teórico e metodológico para os futuros professores e professoras.

Nessa perspectiva no próximo questionamento, os nossos colaboradores apresentam algumas maneiras de articulação da Lei 10.639/03 com o ensino de filosofia. Vejamos:

Quadro 09: Como você poderia articular temáticas de Filosofia Africana nas aulas de filosofia?

PARTICIPANTES	RESPOSTAS
Anaya	<i>Apesar da minha formação ser em outra área, acredito que os debates em sala de aula com temáticas de filosofia africana só iria enriquecer as aulas de filosofia, além de contribuir para o resgate da identidade de todos. Ao apresentar o pensamento filosófico africano, pensadores negros aos estudantes por meio de diversas leituras, pesquisas e outros recursos, o professor possibilitará um leque de conhecimentos aos seus alunos.</i>
Danso	<i>A partir de atividade que apresentem a temática das relações raciais. A partir da leitura de textos discursivos relativos à população negra, questões sociais, educacionais. Exemplo: o dia da consciência negra.</i>
Jawari	<i>A partir de leituras, pesquisas sobre o conhecimento construído pelo povo africano durante décadas.</i>

Fonte: pesquisa empírica 2021

A lei 10.639/03 indica em sua redação que o conteúdo da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana deve ser ministrado em todo currículo da rede de ensino, ou seja, em todos os componentes curriculares. É possível desenvolver um estudo de filosofia africana nas aulas de filosofia, evidenciando o conhecimento do povo africano, bem como, a contribuição da cultura africana para a construção do povo brasileiro? Essa é a proposta desse estudo, apresentar como produto final um caderno de orientações metodológicas com temáticas de filosofia africanas como recurso pedagógico e didático que possa auxiliar os professores e professoras de

filosofia que desejam romper com as barreiras do preconceito e alargar os horizontes dos seus estudantes no entendimento de que o processo do filosofar pertence a todos os povos. Dessa forma, contribuir para a desmitificação a figura que, historicamente, foi cultuada que o homem negro e a mulher negra são generalizadas como bandidos e que só podem ocupar lugares na sociedade com ocupações subalternas.

Quando começamos a pesquisa na Unidade Integrada Sarney Filho, a proposta curricular do ensino de filosofia não contemplava nenhuma temática africana e nem de outro povo que não fosse europeu. A partir dessas articulações, estudos, atualmente a proposta curricular do ensino de filosofia do município de Raposa, já apresenta algumas temáticas de origem africana, dentre elas, a ética ubuntu.

Em tempos remotos, os saberes africanos, afrodescendentes ficavam restritos somente ao dia da Consciência Negra, como conteúdos abordados nas datas comemorativas e não como saberes construídos historicamente por um povo de grande relevância para a formação da nação brasileira.

Os nossos colaboradoress deram ótimas dicas para a articulação do ensino da filosofia africana com o ensino de filosofia tradicional. É preciso expandir o pensamento filosófico, articulando com os saberes de todos os povos.

Quadro 10: Você considera que há distinção ou similaridade entre o ensino da filosofia tradicional e o ensino da filosofia africana?

PARTICIPANTES	RESPOSTAS
Anaya	<i>Todo conhecimento filosófico que adquirimos em nossas formações foi tão somente o conhecimento europeu, da filosofia tradicional. Mas, acredito que há mais distinção do que similaridade. Porém um não pode invalidar a riqueza do outro.</i>
Danso	<i>Sim. A partir da representatividade do contexto histórico-cultural.</i>
Jawari	<i>A filosofia seja ela tradicional ou africana tem o mesmo objetivo que é o conhecimento humano de valores, razões, mente e linguagem, agora faz-se necessário entender a cultura de cada povo, seus motivos e costumes para diferenciarmos essa filosofia ou melhor adequarmos.</i>

No contexto brasileiro essa discussão acerca da valorização da intelectualidade africana tem se tornando cada vez mais significativa e pontual, principalmente porque perspassa pela questão do reconhecimento da identidade do povo brasileiro. Portanto, temáticas como essas apresentadas pelos professores e pelas professoras de filosofia geram momentos de debates em sala de aula que podem enfraquecer e/ou até romper as barreiras de um pensamento reducionista, historicamente construído, de que a filosofia se restringe às poucas culturas privilegiadas da humanidade, especificamente as europeias. O pensador Munanga (2014) nos faz alerta ao afirmar que a devolução dessa memória é de suma relevância para os estudantes brasileiros, sejam negros ou não, porque todos tiveram seus pensamentos e comportamentos afetados por uma educação envenenada. A discussão suscitada pelo autor é que esse veneno, seria o racismo empregado no tecido social, cultural e epistemológico da nossa sociedade. (MUNANGA, 2014.)

Mediante a essas proposições, identificamos que para o exercício da filosofia africana nas salas de aulas, requer mudanças de posturas do professor e da professora de filosofia, e a primeira delas é que os mesmos tenham um olhar descolonizador sob o currículo escolar do ensino de filosofia, rompendo com o pensamento de que a filosofia pertence somente a um eixo geopolítico.

A análise produzida por Rafael Mello Barbosa em 2014, nos chama atenção quanto à universalização do pensamento filosófico, nos conduzindo à reflexão que os demais conhecimentos são socializados e reconhecidos, enquanto o conhecimento filosófico ainda permanece próprio do povo europeu.

Se julgamos que a filosofia é algo congênere ao gênero humano, porque então, a maioria absoluta dos filósofos tem imensa dificuldade em assumir que a filosofia é algo igualmente africano ou ameríndio tanto quanto grego? Vale lembrar que isso é exclusivo no que tange a filosofia, no caso da matemática ou da música, filósofos, matemáticos e músicos, ao aceitarem a universalidade da matemática e da música, aceitam imediatamente que muitos outros povos as tenham desenvolvido com princípios e discursos diferenciados. Falamos de matemática árabe, hindu, egípcia; das diversas musicalidades africanas e ameríndias. O mesmo não ocorre com a filosofia, este é um lugar dogmático para a filosofia. Podemos atribuir outras ciências e artes aos outros povos, mas a filosofia é (e deverá continuar sendo) algo próprio ao europeu. (BARBOSA, 2014, p.388).

Com base nas informações da análise trazidas pelo autor, reconhecemos que esse é o cenário para o ensino de filosofia africana nas salas de aulas brasileiras e que precisamos quanto professores e professoras de filosofia

mudarmos tal realidade. Para efetivarmos essa mudança faz-se necessário e urgente desenvolvermos práticas pedagógicas voltadas para a construção de uma educação multicultural, levando em consideração as especificidades de cada contexto histórico cultural.

Como muito bem enfatizaram os nossos colaboradores em suas respostas ao afirmarem que existem similaridade quanto aquisição de novos conhecimentos, formulação ideias e na sistematização de raciocínio. Entretanto, há muito distinção quanto a produção dos conhecimentos, dos saberes e fazeres de cada povo.

A história de cada homem e mulher deve ser contada pelos mesmos, a partir de suas experiências, vivências, lutas, e não sob as perspectivas que mais convém os colonizadores.

Dessa forma, podemos pensar, enquanto docentes de filosofia e comprometidos com a transformação do nosso meio, na construção da verdadeira cidadania afrodescendente.

Quadro 11: Quais os conhecimentos você tem sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico raciais para o ensino da História e cultura Afro-brasileira e Africana?

PARTICIPANTES	RESPOSTAS
Anaya	<i>Somente conhecimentos prévios, não tenho conhecimento teórico e prático sobre as Diretrizes citada.</i>
Danso	<i>Meu entendimento é a partir do contexto da qual a lei trata da temática das diversidades étnico raciais para a educação tendo consciência política e histórica que venha fortalecer a identidade e direitos da população negra.</i>
Jawari	<i>Da homologação em 18 de maio de 2004 e do parecer 03/2004 do conselho pleno do CNE que caracteriza a aprovação do projeto de resolução dessas diretrizes.</i>

Fonte: pesquisa empírica 2021.

O Conselho Nacional de Educação através da Resolução CNE/CP n.º 1, de 17 de junho de 2004, institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Art. 2º As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africanas constituem-se de orientações, princípios e fundamentos para o planejamento, execução e avaliação da Educação, e têm por meta, promover a educação de cidadãos atuantes e conscientes no seio da

sociedade multicultural e pluriétnica do Brasil, buscando relações étnico-sociais positivas, rumo à construção de nação democrática. (BRASIL, 2004.p.1)

A referida Resolução teve como base o Parecer N.º: CNE/CP 003/2004, aprovado em: 10/3/2004, apresentado por Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva como relatora do citado documento. Vale ressaltar que o parecer apresenta como demanda:

Este parecer visa a atender os propósitos expressos na Indicação CNE/CP 6/2002, bem como regulamentar a alteração trazida à Lei 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, pela Lei 10.639/200, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica. Desta forma, busca cumprir o estabelecido na Constituição Federal nos seus Art. 5º, I, Art. 210, Art. 206, I, § 1º do Art. 242, Art. 215 e Art. 216, bem como nos Art. 26, 26 A e 79 B na Lei 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que asseguram o direito à igualdade de condições de vida e de cidadania, assim como garantem igual direito às histórias e culturas que compõem a nação brasileira, além do direito de acesso às diferentes fontes da cultura nacional a todos brasileiros. (BRASIL, 2004.p.1)

O participante Danso apresenta em sua resposta a finalidade dos documentos supracitados que é o fortalecimento da identidade do povo negro, bem como a garantia dos seus direitos em uma sociedade que é marcada pelo preconceito. A demanda por reparações aos povos africanos e seus descendentes são pungentes e necessárias. Pois a sociedade e o Estado precisam reparar os danos emocionais, psicológicos políticos, sociais, culturais, educacionais que afetaram e ainda afetam essa população. Para isso, precisamos desenvolver nas salas de aulas debates críticos que visam romper com a política de branqueamento instituída na sociedade brasileira. (PARECER CNE/CP 3/2004)

Quadro 12: Você considera que o ensino da Filosofia Africana poderá contribuir para o combate do racismo no contexto escolar?

PARTICIPANTES	RESPOSTAS
Anaya	<i>Acredito que toda discussão e ensino sobre essa temática, pautadas em estudiosos da área, podem com certeza colaborar diretamente para a redução dos casos de racismo no Brasil.</i>
Danso	<i>Sim. A partir da inserção de temas relevantes étnico racial que garanta um ensino que supere as desigualdade e o racismo.</i>
Jawari	<i>Absolutamente que sim, a filosofia por ser um estudo profundo da razão da mente e dos valores do Ser. A filosofia africana só</i>

vem contribuir no combate ao racismo nas escolas. Pois a mesma vem mostrar valores e costumes de outros povos, fazendo com que as pessoas entenda a nacionalidade de um povo.

Fonte: pesquisa empirica 2021

Identificamos que em todas as respostas de nossos colaboradores que a aplicabilidade das temáticas de filosofia africana em sala de aula, contribuirá de forma significativa para combate de práticas antirracistas no contexto educacional. Pois, tais temáticas buscam a valorização dos ensinamentos dos povos africanos.

O contexto escolar é um espaço de profunda interação social, construção e reconstrução de conhecimentos. Entretanto, a escola por ser esse espaço de grandes interações marcada pelas diversidades culturais, sociais, religiosas, políticas, evidencia os conceitos e preconceitos existentes nas relações. Assim sendo, ações racistas são vivenciadas diariamente, as vezes de forma explícita e em outros momentos difarçadas em piadas, comentários “sem intenções” e que na maioria das vezes são reforçadas pelas mídias sociais. Portanto, discutir as relações étnicos raciais, no cenário educacional, nas aulas de filosofia, é desenvolver estratégias para a luta contra o racismo, bem como, articular o exercício da cidadania e promover a igualdade racial.

Inserir as temáticas africanas propostas pela Lei 10.639/03 que mais tarde foi ampliada para atender as questões dos povos indígenas, complementada pela Lei 11.645/08 é um reconhecimento das lutas dos nossos antepassados na construção da cultura brasileira, assim como uma ação reparadora dos danos causados aos povos originários.

Educar na perspectiva das relações étnicos raciais é garantir aos estudantes os direitos de reconhecimento das suas identidades e conseqüentemente proporcionar aos nossos alunos mudanças em suas atitudes, principalmente no combate de qualquer prática antirracista, discriminatória presente nas ações de seus cotidianos.

A autora Borges relata em seu artigo, intitulado de: Inclusão da História e da Cultura Afro-brasileira e indígena aos currículos da Educação Básica e Superior: momento histórico impar, (2010), p. 76-77 a importância da inclusão das histórias desses povos no currículo da educação brasileira, bem como o impacto dessas

reflexões na vida dos estudantes. Assim nos afirma:

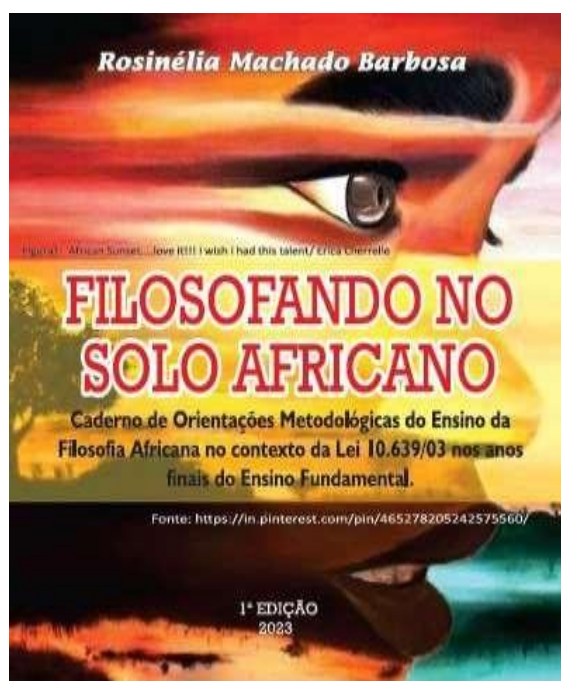
Com a promulgação destas Leis se espera promover uma educação que reconheça e valorize a diversidade cultural, tomando a educação comprometida com as origens do povo brasileiro. A implementação das referidas Leis apresenta ao sistema educacional desafios: a promulgação das leis abre novas demandas para a produção de conhecimentos sobre africanidades, lutas do negro no Brasil, a Consciência Negra, a resistência indígena no contato com os brancos, a cultura indígena, entre outros.

A aplicabilidade desses estudos nas salas de aulas brasileiras requer por partes de todos os educadores, principalmente, os que ministram o ensino de filosofia, mudanças em suas posturas pedagógicas e que através dos seus ensinamentos esboçados em suas aulas priorizem o desenvolvimento pleno dos educandos em todas suas as dimensões.

4.4 O Produto Educacional da Pesquisa

O produto educacional que elaboramos foi um Caderno de Orientações Metodológicas do Ensino de temáticas de Filosofia Africana, intitulado "Filosofando no Solo Africano: Caderno de Orientações Metodológicas do Ensino da Filosofia Africana no contexto da Lei 10.639/03 nos anos finais do Ensino Fundamental. " A proposta do produto descreve algumas práticas pedagógicas de temáticas da filosofia africana para serem desenvolvidas com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental- anos finais. As propostas esboçadas no produto buscam atender as demandas apresentadas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana da Lei nº 10.639/03.

Figura 25: Capa do Caderno de Orientações Metodológicas.



Fonte: Produto Final 2022

O Caderno de Orientações Metodológicas do Ensino da Filosofia Africana no Contexto da Lei 10.639/03 nos Anos Finais do Ensino Fundamental está sob a licença do Creative Commons (CC) com atribuições que permitem compartilhamento, desde que seja atribuído o crédito de autoria (BY), sem permissão para alteração de seu conteúdo (ND), e não permite sua utilização para fins comerciais (NC).

Segue o código da licença visualizado no produto educacional proposto. (Figura 26)

Figura 26: Licença do produto educacional (CC BY-NC-ND).



Fonte: <http://br.creativecommons.net/licencas/>

O produto educacional está estruturado em temáticas de estudos filosóficos africanos, seguindo um padrão organizacional de encaminhamento

metodológico, possibilitando aos professores e professoras que tiverem acesso, uma melhor visualização no momento da aplicabilidade das temáticas.

Organização do Caderno de Orientações Metodológicas de Filosofia Africana no contexto da Lei 10.639/03 nos anos finais do Ensino Fundamental.

As temáticas estão apresentadas com as seguintes denominações: Temática filosófica I: o que é Filosofia Africana? Temática filosófica II; O Símbolo da Filosofia Africana; Temática filosófica III. Contribuições do Egito para o Pensamento Filosófico Ocidental, Temática filosófica IV: Pensadores da Filosofia Africana; Temática filosófica V: Ética Ubuntu, eu sou porque você é.

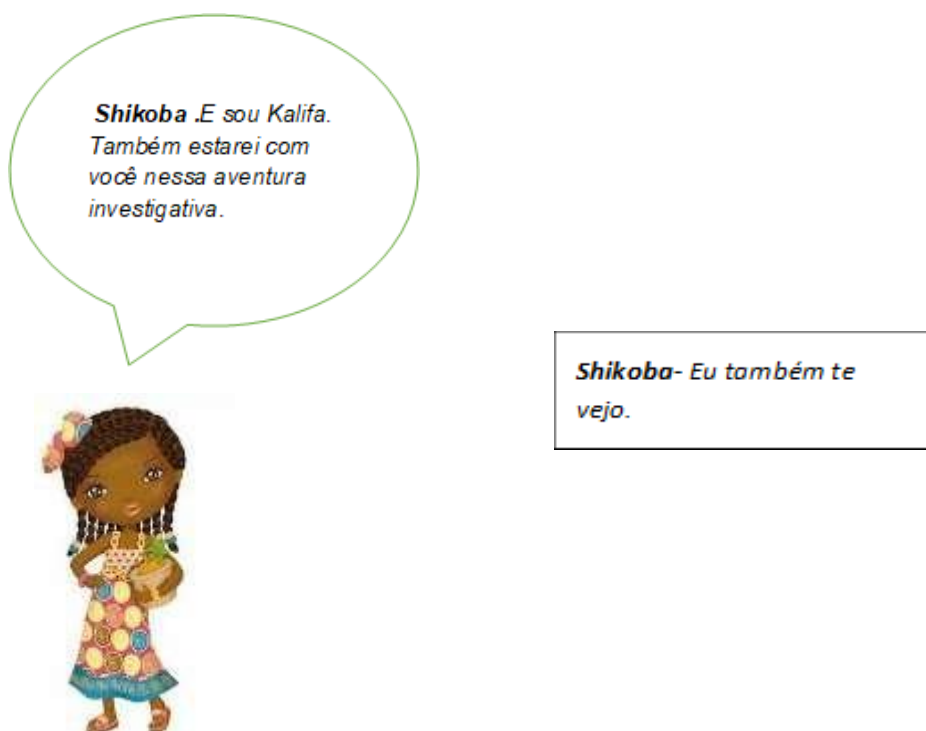
Cada temática é constituída por uma organização teórica metodológica que traz indicação de leituras, filmes e sites para o aprofundamento da aprendizagem dos docentes e estudantes. Discorre, ainda, um plano de aula, propostas de atividades, texto-base para cada tema abordado, com a intenção de facilitar o trabalho dos professores e professoras.

Cabe ressaltar que os planos de aulas são organizados em competências e habilidades, conforme o documento vigente da educação brasileira, a Base Nacional Comum Curricular- BNCC. Entretanto, sabemos que o ensino da filosofia para o Ensino Fundamental – anos finais, não é contemplado no documento supracitado. As habilidades propostas nos planos de aulas são produções dos docentes de filosofia do município da Raposa-Ma, presentes no Documento Curricular Raposense.

No intuito do nosso caderno de Orientações Metodológicas ser mais atraente para os professores e as professoras, temos os personagens, Akin e Kalifa, que mostram o desdobramento de cada aula, como podemos visualizar nas figuras 27 e 28.

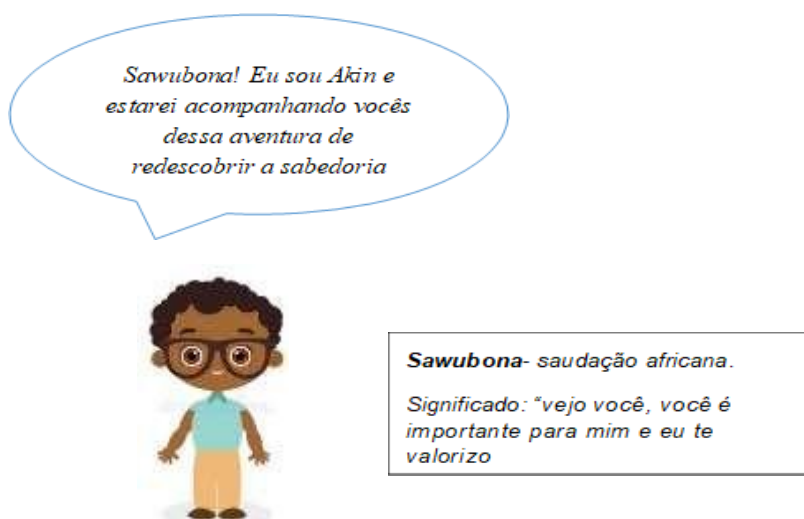
As temáticas apresentam, ainda, alguns ícones para uma melhor compreensão das etapas que constituem os temas, orientando passo a passo como ministrar as temáticas abordadas. (Figura 29)

Figura 27: Menina Africana.



Fonte: <https://i.pinimg.com/236x/d6/53/51/d653516e999abd177c85d75cdafb6c97.jpg>

Figura 28: Menino Africano



Fonte: <https://i.pinimg.com/originals/65/15/7b/65157bf9b771f87096ce012f9ae62fb4.png>

Figura 29: Nossos ícones

Agora, vamos conhecer a lista dos nossos ícones que estarão presentes nessa aventura às terras africanas.



Produção filosófica: os estudantes desenvolverão suas produções filosóficas: relatos, atividades, gamificação, jogos, mapas conceituais e mentais, construção de podcast, videos, narrativas, projetos, seminários, fórum, semana filosófica/humanística ..



Construindo argumentos: com posse de novos conhecimentos, os alunos formulam argumentos acerca da temática estudada.



Perguntas no ar: momento de indagações, questionamentos sobre a temática abordada.



Problematizando: confronto de ideias, de conhecimentos, quebra de paradigmas e formulação de novas ideias.



Aprofundando aprendizagem: novas leituras, pesquisas, videos, estudos sobre a temática desenvolvida.



Diálogo investigativo: interação entre os estudantes e professores.



Dicas filosóficas: sugestões de atividades.

Discorreremos a seguir as temáticas da filosofia Africana que foram abordadas na construção desse caderno, bem como, os detalhes de cada etapa na hora da aplicabilidade de cada temática na sala de aula.

Cada temática inicia com a apresentação do tema selecionado exposto pelos personagens Kalifa e Akin, em seguida teremos o quadro com o objeto de conhecimento, o tempo previsto da quantidade de aulas, os objetivos, as habilidades, competências, atividades avaliativas e as metodologias a serem desenvolvidas e os recursos utilizados.

Após a exposição do plano de aula, seguiremos para as próximas etapas. Primeiro pela etapa da sensibilização, com questionamentos acerca do tema abordado, cujo o intuito é desenvolver uma sondagem dos conhecimentos prévios dos estudantes, aqui vamos denominar de confronto de ideias. No segundo momento, partiremos para a etapa da problematização. Nessa etapa, trazemos como sugestões as estratégias didáticas: análises de textos, vídeos, letras de músicas, para que, a partir do entendimento dos mesmos, possamos iniciar os debates filosóficos, que é a construção de novos conhecimentos. Logo após, partiremos para as atividades e sugestões de como os professores e estudantes poderão aprofundar seus estudos. Nessa sessão, apresentaremos links, livros, filmes.. como fontes de aprofundamento da aprendizagem.

Finalizamos as temáticas com as dicas filosóficas, que são desafios propostos para os estudantes, atividades interativas e avaliativas.

O esquema acima é padrão para todas as temáticas. Entretanto, vale ressaltar que apesar da utilização do termo “padrão”, foge da proposta desse trabalho, apresentar um esboço fechado de como trabalhar cada temática. Voltamos reafirmar que esse estudo é apenas uma sugestão metodológica para a aplicabilidade dessas temáticas em sala de aula, pois compreendemos que a criatividade e a inovação são características peculiares do educador brasileiro.

A primeira temática traz como objeto de conhecimento, “O Pensamento filosófico africano”, mais especificamente, “O que é a Filosofia Africana? Contemplemos o plano de aula na figura 30:

Fígura 30: Plano de aula nº 01

Plano de aula nº 01	
Componente Curricular: Filosofia	
Público Alvo: Estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental- Anos Finais.	
Objeto de conhecimento:	Filosofia Africana.
Competência Especifica 4	Interpretar e expressar sentimentos, crenças e dúvidas com relação a si mesmo, aos outros e às diferentes culturas, com base nos instrumentos de investigação das Ciências Humanas. Ou seja, promovendo o acolhimento e a valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza
Habilidades	EF69FILRP02: Reconhecer que o exercício do pensar é ação inerente a condição humana e que variam de acordo com as experiências individuais e coletivas vivenciadas nos mais diversos contextos: territorial, cultural, econômico, social, político e epistêmicos. EF69FILRP08: Reconhecer que o pensamento filosófico está presente em diferentes culturas, além do mundo ocidental.
Objetivos de aprendizagem	Compreender que o pensamento filosófico está presente em todas as culturas, pois o exercício do filosofar é inerente ao Ser Humano. Possibilitar aos alunos um estudo reflexivo do pensamento filosófico de povos não ocidentais.
Duração	2 aulas
Metodologia	1-Promover um debate com os estudantes sobre as curiosidades e os conhecimentos que os mesmos tem

	<p>sobre o continente africano: 2 - Apresentação de Power Point com imagens da África: cultura, paisagens, economia, localização geográfica 3- Discussão filosófica acerca do conhecimento de Filosofia que os estudantes já possuem. 4- Apresentação do estudo sobre filosofia Africana, abordada no texto: “Uma origem Africana da Filosofia : Mito ou Realidade”, do autor, Molefi Asante. 5- Apresentação do perfil do autor, através de videos.</p> <p>6- Construção do mapa mental sobre Filosofia Africana e suas principais características. 7- Desenvolver a atividade de gamificação sobre os conhecimentos adquiridos nessa aula.</p>
Recursos	Data show, texto xerocado, computador, lápis de cor, folhas de papel sulfite.
Avaliação	Autoavaliação dos estudantes sobre sua aprendizagem acerca da filosofia africana. Produção do mapa mental. Promover um concurso do melhor mapa mental, estabelecendo premiações. (atividade de gamificação)

Fonte: Produto Final 2022

Após a exposição e compreensão do plano, conforme as orientações da BNCC, começaremos a etapa da sensibilização, constituídos dos seguintes questionamentos: Qual é o conhecimento que você possui sobre o continente africano? Onde se localiza? Como foi o processo de colonização? Quais os costumes desse povo? Como vive sua população? Você sabe os nomes dos países que formam esse continente? Por que ainda temos tanto preconceito em relação ao povo negro? O que é uma diáspora? Se o negro faz parte da formação do povo brasileiro, por que sei tão pouco sobre os meus ascendentes? Quais as produções intelectuais desenvolvidas pelo povo africano?

Esses questionamentos tem o intuito de fazer os estudantes expor os seus conhecimentos sobre a temática abordada. Em seguida recorreremos aos

recursos didáticos tecnológicos do Power Point, apresentando imagens sobre os diversos aspectos; social, econômico, cultural, político, geográfico do Continente Africano. Agora, adentrando no segundo momento, teremos a etapa da problematização, com a leitura do texto, “Uma origem Africana da Filosofia : Mito ou Realidade”, do autor, Molefi Asante. O texto aborda uma versão acerca dos conhecimentos intelectuais produzidos pelos africanos e ainda nos remete a reflexão do solo que originou a filosofia, que nesse caso, ela é oriunda do solo africano.

A partir da análise da leitura do texto, o professor ou a professora do ensino de filosofia deverá iniciar um grande debate filosófico. Porém, deverá ter muita atenção para permitir que todos os alunos sejam escutados com respeito. Pois, o diálogo é dos recursos metodológicos fundamentais nas aulas de filosofia. O autor Lorieri, no livro Filosofia: fundamentos e métodos, diz o seguinte, quanto a importância de escutar a palavra do outro:

Levar em consideração a palavra do outro não significa simplesmente concordar ou fazer de conta que concorda. Significa considerar: primeiro, se entendi bem; segundo, se entendi as razões que a fundamentam; terceiro, se concordo com que foi dito pela força das razões apresentadas; quarto, se isso é igual ou é diferente do que eu pensava sobre o tema; se igual, eu reforço em mim o que penso e , se diferente, verifico a diferença e aí, posso discordar do outro (apresentando razões para tanto) ou posso concordar , modificando o que eu pensava a respeito. Nessa última situação, fiz uma modificação baseada em argumentos ou razões boa para tal; fiz uma autocorreção, uma correção do meu pensamento. (LORIERI, 2002, p.79)

Observe que a partir do entendimento proposto pelo Lorieri, acerca da relevância da escuta dos argumentos expostos pelos estudantes nas aulas de filosofia, desenvolvemos em nós, professores e nos nossos alunos, a arte da dialética, fundamentada no diálogo investigativo.

Vale salientar que quando os professores de filosofia apresentarem essa temática, possa gerar grandes conflitos de ideias entre os estudantes, alguns vão discordar e outros começarão a despertar para novos conhecimentos. Sob a ótica da historicidade da Filosofia essa postura é bastante aceitável, pois os mesmos durante anos aprenderam somente a filosofia eurocêntrica.

Entretanto, a escola é o melhor espaço para acontecer esse confronto de argumentos. Sendo um lugar de interação social e construção de conhecimentos, não poderá silenciar o debate dessas temáticas, mas buscar cada vez mais desenvolver posturas conscientes quanto ações discriminatórias e intolerantes,

promovendo um diálogo desprovido de qualquer forma de preconceito entre os seus membros.

Na próxima etapa teremos a Produção Filosófica, são atividades propostas para melhor assimilação das ideias apresentadas. Nessa primeira temática a proposta de atividades é a construção de um mapa mental com as principais ideias sobre a filosofia africana.

Abaixo, a imagem (figura 31) dessa etapa de aprendizagem no caderno de orientações metodológicas para o ensino de temáticas filosóficas africanas:

Figura 31: Produção Filosófica nº 01



PRODUÇÃO FILOSÓFICA:

Esse é o momento que o estudante desenvolverá suas produções. A atividade proposta para a primeira temática filosófica é a construção de um mapa mental.

Fonte: Produto Final 2022

Cada aluno/a de posse de uma folha de papel sulfite e lápis coloridos, sob a orientação do/a professor//a será convidado a construir um mapa mental com o título: Filosofia Africana, o que é?

Com o intuito de aprofundar a aprendizagem dos estudantes e professores sobre a temática abordada, trazemos o tópico APROFUNDANDO A APRENDIZAGEM.

Confira na imagem abaixo (figura 32), a nossa proposta:

Figura 32: APROFUNDANDO A APRENDIZAGEM.



APROFUNDANDO A APRENDIZAGEM

Estratégia: sala de aula invertida.

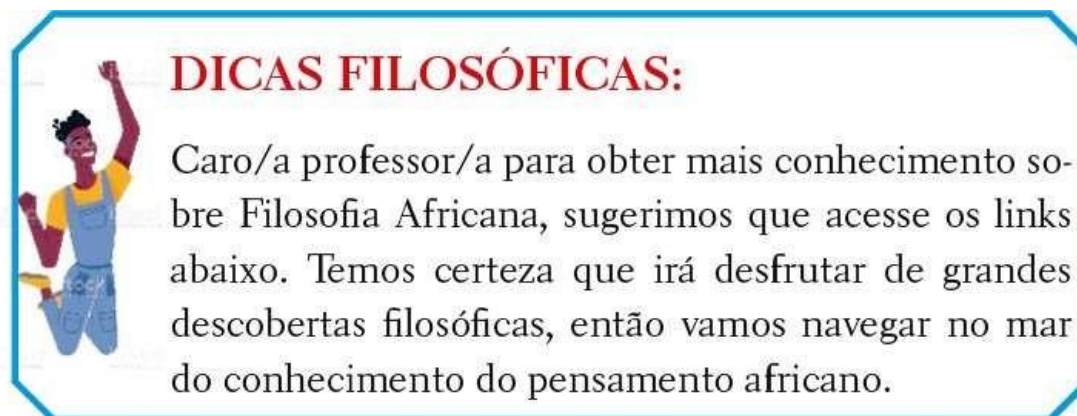
Os estudantes deverão acessar o link abaixo e desenvolver uma leitura do texto:

“A África e a Filosofia de Yoporeka Somet “, para as discussões filosóficas nas próximas aulas. Eis o link: <https://filosofia-africana.weebly.com/>

Fonte: Produto Final 2022

Para finalizar a primeira temática trazemos as Dicas Filosóficas, que são sugestões de leitura e pesquisa para os professores. Confira na imagem que segue:(Figura 33)

Figura 33: Dicas Filosóficas



<https://diplomatique.org.br/a-filosofia-africana-e-o-ensino-de-filosofia-no-brasil/>

<https://www.youtube.com/watch?v=IMubZgdiDmg>

<https://filosofia-africana.weebly.com/>

Fonte: Produto Final 2022

A segunda temática estudada traz como conteúdo, “O símbolo da Filosofia Africana”, contrapondo a versão que somente a coruja é o único símbolo da filosofia. Com essa temática pretendemos ampliar os conhecimentos dos nossos estudantes, rompendo com as diversas barreiras, dentre elas, a do “racismo epistêmico” de que a coruja é o único animal capaz de agregar todas as características essenciais para ser transformada em símbolo da filosofia, versão apresentada pelos estudos tradicionais da filosofia.

Na filosofia africana o símbolo do conhecimento é a Galinha d’angola. Essa versão é apresentada pelo autor, Renato Noguera, em seus estudos acerca da abordagem afroperspectivista.

No caso, da filosofia ocidental, a coruja tem funcionado como o animal-símbolo. A coruja remete à deusa Atenas, muitas vezes chamada, em sua versão romana, de coruja de Minerva. A coruja funciona como símbolo da sabedoria. É importante que fique retinto, para denegrir a filosofia,

enegrecer o pensamento filosófico, ou, produzir uma filosofia de cor é necessário fazer da filosofia uma coisa de preto. O que isso significa? Não quero dizer que existe algo que pertence aos indígenas, outras coisas que só podem ser ditas por asiáticos ou caminhos que só podem ser trilhados por negras e por negros, ou ainda, algumas verdades seriam, apenas, brancas. Não se trata disso. Mas, talvez, o contrário. Entendo que existem forças que ficaram invisíveis, modos de pensamento que foram relegados às margens. Por essa razão, não podemos ficar restritos à produção filosófica ocidental e aos seus signos. Mas, podemos e devemos criar outros signos. (NOGUERA, 2011, p.11).

Ainda nesse contexto da filosofia afroperspectivista, quais as características marcantes que a galinha d'angola apresenta para ser enaltecida como símbolo do conhecimento africano? Para responder esse questionamento recorreremos as palavras do autor Noguera (2011):

É neste sentido que, no caso da filosofia afroperspectivista, o animal-símbolo é a galinha d'angola. A filosofia afroperspectivista faz do trabalho de filósofas e filósofos, a arte de ciscar, espalhar e deslocar conceitos. Se a coruja observa e contempla numa visada de 360º ou como disse Hegel no prefácio da *Filosofia do Direito*, a coruja só alça vôo no crepúsculo; a galinha d'angola cisca no terreiro, se mantém na terra, atada à imanência, ciscando no alvorecer ou no crepúsculo. Diferente do caráter contemplativo da coruja, animal com gosto para observar e esperar o melhor momento para a abordagem da presa; a galinha d'angola é rodante, cisca no terreiro, transforma qualquer instante no melhor momento para seus movimentos. A galinha d'angola está para a filosofia afroperspectivista, assim como a coruja está para a filosofia ocidental. A comparação não serve para hierarquizar, tampouco definir o tipo mais apropriado de animal para a filosofia. Apenas, buscar deixar retinto que a filosofia afroperspectivista precisa de outros assentamentos, outras forças para se compor e existir. (NOGUERA, 2011, p.11).

Nesse sentido entendemos que a sala de aula é o espaço privilegiado para problematizar, refutar o que já foi aprendido e desenvolver novas ideias. O professor de filosofia ao apresentar a galinha d'angola, como símbolo do conhecimento da filosofia na abordagem afroperspectivista deve ficar atento aos argumentos dos estudantes, alguns podem ser carregados de curiosidade, já outros, podem ser pejorativos e imbuídos de preconceitos.

Na imagem (Figura 34), trazemos o plano de aula nº 02, com as etapas a serem percorridas para a efetivação da aula.

Figura 34: Plano de aula nº 02

Plano de aula nº02	
Componente Curricular: Filosofia	
Público Alvo: Estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental- Anos Finais.	
Objeto de conhecimento:	Símbolo da Filosofia Africana
Competência Específica 3	Identificar, comparar e explicar a intervenção do ser humano na natureza e na sociedade, exercitando a curiosidade e propondo ideias e ações que contribuam para a transformação espacial, social e cultural, de modo a participar efetivamente das dinâmicas da vida social.
Habilidades	EF69FILRP04: Analisar e interpretar diversas formas de conhecer o mundo à sua volta, compreendendo a multiplicidade de linguagens expressa no pensamento humano
Objetivo de Aprendizagem	Conhecer as produções intelectuais dos povos africanos, oriundos de tradições escritas e/ ou orais, compreendendo a importância de investigar o pensamento mitológico presente na matriz africana.
Duração	2 aulas

Metodologia	Iniciamos a nossa aula pela etapa da sensibilização, com questionamentos acerca da temática. Após o momento de debate filosófico, desenvolver o momento de leitura coletiva dos textos sobre a temática. Apresentar um quadro comparativo dos símbolos da filosofia grega e africana, motivando a curiosidade dos alunos para identificar os elementos semelhantes e diferentes nos mitos gregos e africanos. Solicitar aos estudantes que pesquisem mitos africanos e que os apresentem através da técnica do <i>storytelling</i> (narrativas criativas que mistura realidade e imaginação). Sugere-se, ainda, a construção de um painel com as principais características do país, Angola e um levantamento do índice quantitativo da população negra no Brasil.
Recursos	Textos xerocados, imagens da coruja e da galinha d'angola, ferramentas digitais.
Avaliação	Roda de conversa filosófica sobre os novos conhecimentos adquiridos na aula. Produção de um texto coletivo, a partir dos argumentos expostos na Roda de Filosofia. Apresentação das narrativas (técnica do <i>storytelling</i>)

Fonte: Produto Final 2022

Iniciemos nossa aula com a etapa da sensibilização, com questionamentos acerca do significado das simbologias presentes no cotidiano das pessoas. Após esse momento, apresentaremos a imagem de uma Coruja, como símbolo da filosofia tradicional. É importante salientar que os professores deverão conduzir esse momento permitindo que os estudantes expressem seus

conhecimentos sobre a temática, exaurindo todas as possibilidades de entendimento sobre o objeto estudado. Na etapa da problematização, os professores expõem a imagem da galinha d'angola, identificando-a como o símbolo da filosofia africana.

Ao expor as imagens dos animais: coruja e galinha d'angola, o/a professor/a deverá apresentar as características dos mesmos que os levaram a serem símbolos do saber em cada cultura. Evidenciando que para os estudos filosóficos há múltiplas maneiras de compreender o mesmo objeto analisado.

A técnica do storytelling é arte de narrar história envolvendo vários recursos como personagens, conflitos, ambiente, criando conexões entre os elementos citados nas narrativas.

Na sessão, Produção Filosófica, os estudantes serão investigados a buscar e conhecer diversos mitos de origem africana, conforme demonstra a figura 35.

Figura 35: Produção filosófica nº 02

PRODUÇÃO FILOSÓFICA



Professores/as ao desenvolvermos a temática: **Símbolo da Filosofia Africana**, abrimos a nossa mente para outra vertente dos estudos filosóficos, a Mitologia. Nessa linha de pensamento, convidamos os/as estudantes a pesquisarem outros mitos africanos para serem apresentados na próxima aula, através da dinâmica, a roda de filosofia.

Abaixo sugerimos alguns sites sobre mitos africanos.

<https://www.youtube.com/watch?v=-FEO1Xgh07o&t=88s>

<https://www.youtube.com/watch?v=vH10D4lEITk>

<https://www.youtube.com/watch?v=d8fZBT6-C3g>

Fonte: Produto Final 2022

Na terceira temática apresentada no produto final tem como estudo:
“Contribuições do Egito para o pensamento filosófico Ocidental.

Em História da África, tratada em perspectiva positiva, não só de denúncia da miséria e discriminações que atingem o continente, nos tópicos

pertinentes se fará articuladamente com a história dos afrodescendentes no Brasil e serão abordados temas relativos: - ao papel dos anciãos e dos griots como guardiões da memória histórica; - à história da ancestralidade e religiosidade africana; - aos núbios e aos egípcios, como civilizações que contribuíram decisivamente para o desenvolvimento da humanidade;

O ensino de Cultura Africana abrangerá: - as contribuições do Egito para a ciência e filosofia ocidentais (...). (BRASIL, 2004, p. 21,22)

Os fragmentos supracitados constituem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Nesse contexto, o conteúdo abordado na terceira temática é apontado pelo documento a ser inserido no currículo de maneira real, no sentido do reconhecimento e valorização dos feitos e contribuições do povo negro para as demais culturas.

Contemplemos a figura 36 que aborda o plano de aula 3, evidenciando as etapas a serem percorridas nesse estudo.

Figura 36: Plano de aula nº 03

Plano de aula nº 03	
Componente Curricular: Filosofia	
Público Alvo: Estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental- Anos Finais.	
Objeto de conhecimento:	Contribuições do Egito para o pensamento filosófico ocidental.
Competência Especifica 4	Interpretar e expressar sentimentos, crenças e dúvidas com relação a si mesmo, aos outros e às diferentes culturas, com base nos instrumentos de investigação das Ciências Humanas. Ou seja, promovendo o acolhimento e a valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
Habilidades	EF69FILRP08: Reconhecer que o pensamento filosófico está presente em diferentes culturais

	<p>além do mundo ocidental.</p> <p>EF69FIL15:</p> <p>Elaborar hipóteses a partir das situações problemas apresentados para a formulação de argumentos críticos e coesos</p>
<p>Objetivo de Aprendizagem</p>	<p>Conhecer as produções intelectuais dos povos do antigo Egito, reconhecendo-os como indivíduos dotados de plena razão e sabedoria.</p> <p>Perceber as ideologias que marcaram os povos do continente africano.</p>
<p>Duração</p>	<p>3 aulas</p>
<p>Metodologia</p>	<p>Iniciamos a nossa aula pela etapa da sensibilização, com questionamentos acerca da temática. Para tal, entregaremos para os estudantes uma cópia da letra da música, Faraó da cantora Margareth Menezes. Possibilitem aos estudantes, momentos de interação com texto da música. Na etapa de problematização retome a leitura do texto; “Uma origem africana da filosofia: Mito ou Realidade? “, trabalhado na primeira temática filosófica. Deixem os estudantes analisarem os dois textos e depois fazerem suas inferências. Ainda nesse etapa, apresentaremos o vídeo: “Contextualizando a filosofia africana”.</p> <p>Convide o professor de História para um bate papo filosófico sobre a Civilização Egípcia e suas principais contribuições para o ocidente.</p> <p>Promover uma competição entre os estudantes, para o grupo que responder mais questões do quiz em menor tempo. Depois apresentar o resultado da</p>

Recursos	competição na própria plataforma, com a entrega de um pequeno troféu para a equipe campeã. Caso, a escola não tenha acesso a internet, as perguntas do quiz poderão ser escritas em pequenos pedaços de papéis.
	Textos xerocados, ferramentas digitais (computador, datashow, pendrive...)
Avaliação	Debates filosóficos, responder um quiz sobre o antigo Egito e a filosofia africana.

Fonte: Produto Final 2022

Sabemos que em todas as temáticas inicia-se pela etapa da sensibilização que é constituída de questionamentos acerca do objeto de conhecimento apresentado, sendo que a partir dessa prática os estudantes expõem os seus conhecimentos prévios.

Sugerimos que o/a professor/a apresente a letra da música Faraó de Margareth Menezes. Depois solicitar aos alunos que façam uma analogia entre a letra da música e a temática abordada.

É interessante ressaltar que nessa temática utilizaremos os recursos tecnológicos como: datashow, celular, notebook.. para exibição de vídeos e aplicação do quiz. Entretanto, compreendemos que em algumas escolas ainda há carência desses recursos, por isso, trazemos também como sugestão a leitura do texto: “Uma origem africana da filosofia: Mito ou Realidade? “, do pensador Molefi Asante, (exposto na primeira temática). E quanto o quiz, os professores poderão utilizar a estratégia metodológica do bingo filosófico, com perguntas e respostas.

Na sessão produção filosófica, desenvolveremos uma palestra, conforme as orientações apresentadas na figura 37.

Figura 37: Produção Filosófica nº 03

PRODUÇÃO FILOSOFICA:



Convide o/a professor/a de história da própria escola ou não para dar uma palestra sobre o Egito e suas contribuições para o Ocidente. O/a professor/a deverá estimular os/as seus/uas alunos/as para o desenvolvimento da oralidade e formulações de conceitos, perguntas durante a palestra.

Fonte: Produto Final 2022

Na quarta temática abordaremos como conteúdo, “Pensadores da filosofia africana”, tal temática está presente na abordagem apresentada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Contemplemos o documento nas páginas 22 e 23 respectivamente:

-O ensino de História e Cultura Africana se fará por diferentes meios, inclusive a realização de projetos de diferente natureza, no decorrer do ano letivo, com vistas à divulgação e estudo da participação dos africanos e de seus descendentes na diáspora, em episódios da história mundial, na construção econômica, social e cultural das nações do continente africano e da diáspora, destacando-se a atuação de negros em diferentes áreas do conhecimento, de atuação profissional, de criação tecnológica e artística, de luta social (entre outros: rainha Nzinga, Toussaint-L'Ouverture, Martin Luther King, Malcom X, Marcus Garvey, Aimé Césaire, Léopold Senghor, Mariama Bâ, Amílcar Cabral, Cheik Anta Diop, Steve Biko, Nelson Mandela, Aminata Traoré, Christiane Taubira). (BRASIL, 2004, p. 22,23)

Para a efetivação dessa temática, seguiremos os passos propostos no plano de aula nº 04 (Figura 38).

Figura 38: Plano de aula nº 04

Plano de aula nº 04	
Componente Curricular: Filosofia	
Público Alvo: Estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental- Anos Finais.	
Objeto de Conhecimento:	Pensadores da Filosofia Africana.
Competência Específica 5	Comparar eventos ocorridos simultaneamente no mesmo espaço e

	<p>em espaços variados, e eventos ocorridos em tempos diferentes no mesmo espaço e em espaços variados.</p>
<p>Habilidades</p>	<p>EF69FILRP07: Identificar na história homens e mulheres que através do exercício do pensar filosófico abriram possibilidades infinitas para o uso da racionalidade.</p> <p>EF69FILRP09:</p> <p>Ler textos filosóficos de modo que possamos articular conhecimentos filosóficos as diferentes formas de conhecimento.</p>
<p>Objetivo de Aprendizagem</p>	<p>Identificar os filósofos oriundos do continente africano e suas respectivas dispóras, reconhecendo o valor de suas produções intelectuais para a construção do conhecimento humano.</p>
<p>Duração</p>	<p>2 aulas</p>
<p>Metodologia</p>	<p>Iniciamos a nossa aula pela etapa da sensibilização, com questionamentos acerca da temática. Para a execução dessa etapa começamos pela apresentação de alguns filósofos já estudados pelos alunos. Em seguida apresente o mapa do continente africano. Na etapa da problematização desenvolveremos o estudo acerca dos pensadores africanos, utilizando o material didático pedagógico construído pela autora ADILBÊNIA MACHADO, intitulado como: “Alguns pensadores africanos.”</p> <p>Logo após toda essa explanação, os estudantes construirão a galeria dos filósofos, com os pensadores que os estudantes já conheciam e com os</p>

	pensadores africanos. O professor poderá dividir a turma por períodos históricos. Cada ficha deverá ter a imagem do filósofo e as informações do mesmo. A última imagem da galeria dos filósofos deverá ser composta pela imagem dos alunos/as da turma.
Recursos	Slides, datashow, textos, computador, fichas com imagem dos filósofos, papéis de cores variados.
Avaliação	Debates de ideias, apresentação de seminário a partir da construção da galeria dos filósofos.

Fonte: Produto Final 2022

Após a explanação desses pensadores os estudantes serão convidados para construir uma galeria dos pensadores africanos, conforme as orientações apresentadas na figura 39

Figura 39: Produção filosófica nº04

PRODUÇÃO FILOSÓFICA:



O docente dividirá a turma em equipes para a construção da galeria dos filósofos. Nessa galeria constará todos os pensadores estudados pelos alunos, em destaque os filósofos africanos. A ficha deverá conter a imagem do filósofo e as informações pertinentes ao mesmo. O último quadro dessa galeria deverá apresentar a imagem dos estudantes, como filósofos juvenis da sociedade contemporânea.

Fonte: Produto Final 2022

A quinta temática traz como objeto de conhecimento, “Ética Ubuntu, eu sou porque nós somos”, tal questão está sendo bastante discutida entre os intelectuais da contemporaneidade. Ética Ubuntu é retratada como a Ética Africana.

Conforme essa abordagem estamos todos conectados em uma total relação de interdependência, ou seja, eu necessito dos outros seres vivos e das divindades para desenvolver minha complexidade de ser gente.

O professor de Filosofia inicia a aula referente a essa temática como os questionamentos: Você sabe o que é ética? E moral? Existem diferenças entre esses termos? Quais? E ética Ubuntu, já ouviu falar? Qual seria o significado dessa palavra? E o sentido etimológico desse termo, qual será?

Após essa etapa da sensibilização, o professor propõe a leitura filosófica, “A lenda do Ubuntu”. Seguiremos os passos expostos no plano de aula da quinta temática. (Figura 40).

Figura 40: Plano de aula 05

Plano de aula nº 05	
Componente Curricular: Filosofia	
Público Alvo: Estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental- Anos Finais.	
Objeto de conhecimento	Ética Ubuntu: Eu sou porque nós somos.
Competência Específica 4	Interpretar e expressar sentimentos, crenças e dúvidas com relação a si mesmo, aos outros e às diferentes culturas, com base nos instrumentos de investigação das Ciências Humanas. Ou seja, promovendo o acolhimento e a valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza
Habilidades	EF69FILRP010: Produzir conceitos, juízos, argumentos para a construção de uma prática investigativa. EF69FIL14: Compreender a dimensão do pensamento ético construindo ao longo da história humana, percebendo que o entendimento das condutas morais tem como fundamento a vivência cultural dos povos.
Objetivo de Aprendizagem	Apresentar aos estudantes a ética ubuntu como fundamento da filosofia africana, modo de viver dos povos africanos, tendo como princípios a cooperação, solidariedade, alteridade e

	<p>generosidade, rompendo com as barreiras da intolerância e promovendo uma cultura de bem estar coletivo.</p>
Duração	3 aulas
Metodologia	<p>Na etapa de sensibilização, iniciaremos apresentando imagens que representem a ética ubuntu e solicitando que os alunos as descrevam oralmente em detalhes. Logo em seguida o professor inicia os questionamentos acerca da temática.</p> <p>Após o debate de ideias, começaremos com a etapa da problematização. Disponibilizem o texto: “Lenda Africana, ubuntu” para que os alunos façam a leitura e em seguida estimulem os estudantes a esboçarem suas interpretações para a construção de novos argumentos. Exibição dos dois vídeos acerca da temática.</p> <p>Solicitar que os alunos façam a relação do texto com os vídeos registrando por escrito.</p> <p>Propor que os estudantes produzam vídeo minuto sobre a ética ubuntu e depois apresentar para turma (trabalho em equipe). O professor deverá explicar antes a constituição de um vídeo minuto e os passos para a sua montagem.</p>
Recursos	Slides, datashow, textos, computador, papel cartão de cores variados, papel 40kg, pinceis, giz de cera.
Avaliação	<p>Leitura da produção textual.</p> <p>Apresentação do vídeo minuto.</p>

Fonte: Produto Final 2022

Na etapa da problematização (figura 41) o professor deverá exibir dois vídeos para que os estudantes tenham subsídios suficientes para desenvolver suas produções filosóficas.

Figura 41: Etapa da problematização nº 05

ETAPA DA PROBLEMATIZAÇÃO:



Desenvolvermos a leitura do texto, **Lenda africana ubuntu**, com os alunos. Depois, o docente abrirá espaços para discussões filosóficas e conseqüentemente a formulação de novos argumentos. Após esse momento de fruição de novas ideias, apresentaremos os pequenos vídeos para fundamentar os argumentos esboçados.



Vídeo 1: UBUNTU :

<https://www.youtube.com/watch?v=vDwOxLqCT3w>

Vídeo 2: Ubuntu: o que significa essa filosofia africana e como pode nos ajudar nos desafios do hoje.

<https://www.youtube.com/watch?v=KaQSIvWV7wo&t=58s>

Fonte: Produto Final 2022

Após as reflexões produzidas nas rodas de conversas, agora é momento da produção filosófica, exposta na imagem. (Figura 42)

Figura 42: Produção Filosófica nº 05

Propor que os estudantes produzam vídeo minuto sobre a ética ubuntu e depois apresentar para a turma (trabalho em equipe). Essa atividade poderá ser desenvolvida dentro ou fora da escola. Depois, o/a professor/a organiza um momento de apresentações dos vídeos, o cineubuntu, com direito a pipocas e muitas reflexões filosóficas.

PRODUÇÃO FILOSÓFICA:



Solicitar que os alunos façam a relação do texto com os vídeos registrando por escrito. (atividade individual). Essa produção textual deverá ser compartilhada com todos na roda de filosofia.

Fonte: Produto Final 2022

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há duas décadas que a Lei 10.639/03 foi promulgada e ainda nos deparamos com os inúmeros desafios quanto a sua inserção, de maneira efetiva, no currículo escolar da educação brasileira. Nesse estudo, de forma específica, as nossas discussões versaram acerca do ensino da filosofia sob a ótica de temáticas africanas para o ensino fundamental – anos finais. No decorrer da construção dessa pesquisa percebemos o quanto é complexo e desafiador agregar as temáticas apontadas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, nas propostas curriculares brasileiras de filosofia. Mas, por que esses entraves ainda existem, apesar de tanto tempo da existência da lei 10.639/03? Quais são esses empecilhos que ainda esbarram para a efetivação desses conteúdos, apesar dos avanços alcançados nos debates acerca das temáticas africanas no cenário político e social? Quais seriam as reais causas desses impasses?

Esses e outras inquietações foram surgindo quanto mais aprofundávamos as nossas análises, deixando de lado as causas aparentes para buscarmos a essência da problemática investigada. Tais questionamentos trazem em suas essências inquietações filosóficas no campo da ciência política. Portanto, a discussão sobre a produção de conhecimento filosófico no solo africano perpassa por uma reflexão política hegemônica, onde fatos históricos são retratados sob a ótica de uma versão favorável aos ditames do povo colonizador.

Dessa forma, a história dos povos africanos é repassada de geração em geração, durante séculos, em uma perspectiva negativa no que cerne a cultura e as produções intelectuais do continente africano. Conhecimentos que foram de grande valia para o avanço da humanidade.

A imagem histórica social dos negros e negras construída sob olhares da raça branca européia se expandiu como única e absoluta no cenário mundial, onde classificaram os povos africanos como seres fracassados, compassivos e inferiores. Entretanto, a falácia mais abusiva é que a nação preta é desprovida de produzir qualquer tipo de conhecimento, pois são seres incapazes de pensar, inferir, raciocinar, ou seja, são animais irracionais. Essa postura de inferiorizar e objetificar

os povos africanos, foi um dos postulados para expandir no cenário mundial a invisibilização das produções cognitivas da população negra.

O autor Renato Noguera aponta em seus estudos o processo de animalização sofrida pela raça negra como estratégia escravocrata dos europeus. Esse processo, o autor designa como zoomortização. Vejamos:

Vale a pena registrar que uma espécie de racismo antinegro é a desumanização radical que se transborda em zoomorfização sistemática. Os povos negros foram interpretados pelos europeus como criaturas sem alma, animalizados, tomados como coisas. O eurocentrismo colonial dividiu os seres humanos em raças e desqualificou todos os povos não europeus; mas isso incluiu algumas gradações. E, sem dúvida, os povos africanos foram designados pelo eurocentrismo como menos desenvolvidos. A zoomorfização sistemática desses povos foi um elemento decisivo para embassar a escravidão negra. Para os europeus os negros eram bárbaros, incivilizados e, portanto, sem filosofia. (NOGUERA, 2014, p.25)

Portanto, se o fundamento do conhecimento filosófico é o pensamento racional e que o ato de pensar é algo natural da ação humana, então porque ao longo da construção da história da humanidade a produção intelectual dos povos negros se tornou invisível, imperceptível aos olhos de todos? Quando analisamos esse questionamento recorreremos ao significado do termo, “racismo epistêmico”, para compreender a invalidação das produções africanas frente aos conhecimentos europeus, que são vistos como verdadeiros e inquestionáveis. Conforme essa ideologia dominante eurocêntrica de invalidar as epistemologias produzidas por qualquer raça, principalmente a negra, torna os povos europeus como os únicos capazes de produzir saberes filosóficos.

Durante séculos o povo negro viveu às sombras do seu colonizador, o povo europeu. Tais marcas foram tão profundas que até o atual contexto, ainda sofrem os resquícios de uma colonização nefasta, onde a raça colonizadora julga-se ser superior em detrimento da outra. As consequências são as mais impactantes possíveis, sendo o próprio negro produto dessa ação nociva, vez que, em alguns momentos o negro acaba negando sua origem, passando a identificar-se com cultura do colonizador. Estas marcas, são percebidas no contexto escolar no dia a dia, principalmente, nas salas de aulas, quando os professores reforçam os discursos dominantes, reafirmando os brancos como os grandes heróis da história humana. Dai a importância da efetivação da aplicabilidade da Lei 10.639/03 para assegurar uma educação antirracista no contexto escolar. Portanto, a autora Ribeiro,

2019, em sua análise faz referência dessa importância, principalmente quando a Lei 10.639/03 é atrelada ao ensino da filosofia.

A aplicabilidade da lei 10.639/03 garante a reflexão sobre os saberes africanos nos espaços escolares, ampliando a possibilidade de leitura e reescrevendo a história desses povos, passando a ser a ferramenta primordial na reconstrução imagética do continente africano, refletindo filosoficamente sobre seu lugar, (re) construindo na criança negra a referência positiva de sua história. A proposta de uma sociedade mais simétrica e multipolar passa pelo reconhecimento de sua história. (RIBEIRO, 2019. p.12)

Assim sendo, é de caráter emergencial que os pensadores africanos e afrodescendentes rescrevam a história sobre a África, colocando os negros como sujeitos ativos dos seus legados. Para que tal objetivo seja alcançado é necessário, também, que o ensino da filosofia cumpra as exigências propostas na Lei 10.639/03 e que desenvolva uma descolonização epistemológica, promovendo uma emancipação de pensamento dos homens e mulheres.

É importante salientarmos que precisamos, enquanto professores e professoras, desenvolvermos posturas que quebrem essa construção histórica e social que fora estabelecida em relação a identidade dos africanos em terras brasileiras. Somos uma nação de afrodescendentes e necessitamos resgatar nas salas de aulas temáticas que contemplem as conquistas, costumes, crenças, lutas e principalmente a resistência desses povos na formação da nação brasileira. Caso contrário, a história dos africanos continuará se resumindo apenas em figuras decorativas e folclóricas, em alusão ao dia da Consciência Negra, data comemorada em novembro.

Ainda ressaltando o pensamento da autora Ribeiro, 2019 onde frisa sobre a importância do papel dos docentes na luta contra o racismo na sala de aula. Assim nos diz:

Nesse sentido, tornamos a afirmar que o papel do corpo docente é primordial nesse processo, proporcionando o ato de investigar, ler, compreender, apontar e sugerir leituras que conduzam o aluno a identificar o lugar de África na história do mundo, argumentando e assumindo uma posição racional dentro das ementas previstas na lei 10639/03. (RIBEIRO,2019.p.11)

As autoras Gonçalves e Silva (2019), nos remete a análise de que é possível trabalhar conteúdos de africanidades em todas as disciplinas que constituem o currículo escolar brasileiro. Comungamos dessa ideia acerca da possibilidade de ministrar aulas com essas temáticas. Pois, a proposta do produto

final da pesquisa é um Caderno de Orientações Metodológicas para o ensino da filosofia africana, cujo a intenção é apresentar e sugerir aos professores, estratégias pedagógicas para melhor conduzir a aplicabilidade das temáticas africanas em sala de aula. Ressaltamos, ainda, que as metodologias esboçadas nesse caderno, não se encerram em si mesmas, pois acreditamos no poder criativo dos professores e professoras que constituem o cenário educacional brasileiro.

Compreendemos que discutir as relações étnico raciais em salas de aulas é possibilitar aos estudantes brasileiros afrodescendentes saberes indispensáveis para suas formações, quanto homens e mulheres comprometidos com a transformação social e política da comunidade que estão inseridos. Saberes relevantes e eficazes para combater os discursos racistas, intolerantes e preconceituosos presentes no cotidiano brasileiro. Dessa forma, a escola torna-se o chão de ações democráticas na luta em prol da igualdade dos direitos de todos. Afinal de contas, a promulgação da lei 10.639/03 foi fruto de luta de várias pessoas pertencentes das mais variadas esferas sociais. Agora, cabe a todos nós, engajados com essa causa, rescrever a história do continente africano sob a incumbência de desmistificar a imagem estereotipada e pejorativa construída dos negros em terras brasileiras.

Esta dimensão política nos leva a ter cuidado com as armadilhas racistas que se construíram ao longo dos processos de ensino das imagens das pessoas africanas e seus descendentes em nosso país. Desde o início do processo colonial, difundiram-se imagens estereotipadas e redutoras das pessoas que foram escravizadas reificando-as na função de escravo/coisa {...}. Estas imagens findaram por impactar nossas percepções sobre a identidade nacional que buscaram expurgar a presença das heranças africanas nos rastreios sobre nossas dinâmicas de constituição de nossas imagens de nós mesmas, restando-nos, quando muito, o exótico, o excêntrico, o primitivo. É em busca a uma reconsideração dessas imagens, como objetivo político, que a prática de ensino de uma outra imagem da história do continente africano e das próprias pessoas africanas aparece. (NASCIMENTO, 2015, p.19)

O ensino da filosofia no contexto da lei 10.639/03 nas salas de aulas brasileiras requer mudanças de posturas e consciência por parte dos docentes que ministram essa disciplina, pois o conhecimento filosófico que propagamos é basicamente os de bases europeias e/ou em algumas vezes euro-americana. Então, para compreendemos com veemência as nossas raízes africanas como sujeitos afrodescendentes devemos alargar os horizontes da filosofia. Partindo da premissa de que todo ser humano é capaz de desenvolver o ato de pensar, o que aliás é ação

peculiar dos homens e mulheres pertencentes a qualquer espaço geográfico. Portanto, a provocação do ensino de filosofia em promover uma educação antirracista e justa rebervera uma análise crítica filosófica da própria história da filosofia e de seu ensino. Argumenta-se assim, o pesquisador Reis (2022, p.142 em seu artigo intitulado de: A Filosofia fora das Grades (Curriculares): a Lei 10.639/03 e os desafios para um ensino de filosofia antirracista.

Para além do desenho geopolítico europeu, a filosofia e seu ensino devem colocar em questão as hierarquias e as dicotomias fundadas em um projeto civilizatório epistemicida. A contracolônização do pensamento, das práticas e da vida, como ação de combate à exclusão e ao silenciamento de sujeitos desumanizados, exige o confronto com geopolíticas racistas/sexistas do conhecimento. É aí que o currículo e o ensino de filosofia em perspectiva decolonial podem contribuir para deslocar o discurso eurocêntrico e rechaçar a lógica colonial-racista que sustenta a subalternização ontológica e epistêmica de grupos marginalizados, com base em critérios raciais.

Em linhas gerais a nossa pesquisa vem ressaltar que o ensino da filosofia no contexto da Lei 10.639/03 traz em sua essência ferramentas viáveis no combate ao preconceito e aos discursos intolerantes. Pois, enquanto professores e professoras de filosofia acreditamos no poder da reflexão e na autocrítica para desfazer os discursos prontos e acabados. E é através do ensino da filosofia que conseguimos tamanha proeza. Precisamos estreitar os laços das teorias com as práticas sociais e políticas, tornando o ensino da filosofia menos absoleto e mais próximo da realidade dos jovens e adolescentes brasileiros.

O estudante de qualquer raça deverá se reconhecer como protagonista da história brasileira, valorizando os seus ancestrais como colaboradores dessa história, sob a visão de que todos os povos foram e são importantes para a formação da nação brasileira.

Nesse sentido, reafirmamos que precisamos resgatar a nossa identidade afrodescendente, reconstruir o papel do negro na história brasileira, pois, “enquanto os leões não começarem a escrever sua própria história, as narrativas das caçadas irão glorificar os caçadores”¹⁵. Essa nova narrativa deverá ser escrita a partir do chão da escola, lugar propício para o exercício da cidadania e apropriação de conhecimentos que possam gerar a formação de homens e mulheres atuantes na elaboração de uma sociedade mais democrática e menos intolerante.

Embuidos dessa motivação de vislumbrar a efetivação de uma política reparadora aos maltratos e mazelas cometidas contra os nossos ancestrais negros e

¹⁵ Provérbio africano. Disponível em: <https://revistaraca.com.br/a-historia-da-africa/acesso> em janeiro.2023

que convidamos os leitores, professores e professoras de filosofia a pensarem, a partir de um viés epistemológico africano em propostas metodológicas que agregam os conteúdos propostos nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, fazendo com que a Lei 10.639/03, seja de fato, consubstanciada nas salas de aulas brasileiras, tornando o espaço escolar em um local mais pluralizado, respeitando as tradições de todos os povos.

Argumenta-se, por fim, que assim como o conhecimento do ocidente é válido e relevante o africano também é, como o de qualquer outra nação. Todos os povos, em todas suas dimensões, foram peças essenciais para a formação da humanidade.

Evidentemente que todas as reflexões esboçadas nesse estudo, são parciais, abertas a novos diálogos e pesquisas para melhor ampliar os nossos horizontes de professores investigadores. Portanto, as provocações são convites a maiores aprofundamentos no que tange a promoção de uma educação antirracista.

Destarte, o ensino da filosofia precisa se comprometer-se com as questões raciais, possibilitando aos estudantes afrodescendentes, instrumentos epistemológicos viáveis na reconstrução de uma nova narrativa de seus ancestrais, combatendo o racismo presente no chão das escolas. É tarefa da filosofia promover uma sociedade pautada no diálogo e no conhecimento das diferenças, suscitando o respeito e a prática da Democracia Brasileira.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: Introdução à filosofia**: São Paulo: Moderna, 2009.
- ARISTÓTELES. **Metafísica**. Tradução de Edson Bini: São Paulo:Edipro, 2006.
- ASANTE, Molefi Kete. Uma origem africana da filosofia: mito ou realidade? Revista Humanidades e letras. V. 1, N. 1. 2014.
- ASANTE, MolefiKete. Afrocentricidade: Notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. (Org.). Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009, p. 93- 110.
- ASANTE, Molefi Kete: **Afrocentricidade**. Tradução Renato Nogueira Jr. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2015. Disponível: <http://asante.net/articles/1/afrocentricity/> Acesso em 30 dez.2020.
- ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade como Crítica do Paradigma Hegemônico Ocidental: Introdução a uma Ideia**. Ensaios Filosóficos, V. XIV. Dez 2016. Tradução: Renato Noguera, Marcelo J. D. Moraes, Aline Carmo. Disponível: [http://ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo14/02_ASANTE Ensaios Filosoficos V olume XIV](http://ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo14/02_ASANTE_Ensaios_Filosoficos_V_olome_XIV). Acesso em 22 jan 2021
- ASANTE, Molefi. K. Afrocentricity: The theory of social change. Buffalo, NY: Amulefi, 1980
- ASANTE, Molefi Kete. **A ideia Afrocêntrica em Educação**. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação – RESAFE. Nº 31: mai/out. 2019, p 136-148. Tradução Ricardo Matheus Benedicto. Disponível : <https://doi.org/10.26512/resafe.vi30.28261>. Acesso em out/2021.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023. Informação e documentação: referências - elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, 2000.
- BARBOSA, Rafael Mello. **Ensino de Filosofia e a lei 10639**. Rio de Janeiro. Editora Pallas, 2014. Disponível : <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/18346>. Acesso em: 03 fev 2022.
- BARBOSA, Rafael Mello. **Educação e Relações Étnico-Raciais**. Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V. 1 N. 2 - pag 386 -392 (jun-set

2015). Disponível:
 <<https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/download/18346/13427>>.
 Acesso em 20.dez. 2020.

BARROS, Aidil de Jesus Paes de. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

BORGES, Elizabeth Maria de Fátima. **Inclusão da História e da Cultura Afrobrasileira e Indígena nos Currículos da Educação Básica e Superior: Momento Histórico Impar**. Revista Mestrado em História, v.12, n 1, jan/jun. Vassouras: 2010, p. 71-84.
 Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/article/view/21>. Acesso: 19. 07.2022.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1988/constituicao-1988-5-outubro-1988-322142-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: maio 2021.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico- Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília – DF. MEC, 2004.

BRASIL. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. Brasília - DF. MEC, 2004.

BRASIL. **Lei nº. 10.639/2003 de 9 de janeiro de 2003**. D.O.U. de 10 de janeiro de 2003. Brasília, 2020.

BRASIL. **Lei nº. 5.692/1971 de 11 de agosto de 1971**. D.O.U de 12 de agosto de 1971. Brasília, DF, 12 de Agosto de 1971.

BRASIL. **Lei n º 4.024/61 de 20 de dezembro de 1961**. D.O.U de 20 de dezembro de 1961. Brasília, DF, 20 de dezembro de 1961.

BRASIL. **Projeto de Lei de nº 1.332/83 de 04 de junho de 1983**, Dispõe sobre Ação Compensatória, visando a Implementação do Princípio da Isonomia Social do Negro, em Relação aos demais Segmentos Étnicos da População Brasileira, Conforme Direito Assegurado pelo Artigo 153, Paragrafo Primeiro, Da Constituição da República. Brasília, DF, 04 de Junho.1983

BRASIL. **Lei nº 11.645/08 de 10 de Março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Brasília, DF, D.O.U. DE 11/03/2008

BRASIL. **Lei Ordinária 11.684 de 02 de Junho de 2008. Altera o art. 36 da Lei 9394, de 20 de Dezembro de 1996**, que estabelece as Diretrizes e Bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 03 de Junho de 2008.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 259/1999, de Março de 1999**, Dispõe sobre a obrigatoriedade da inclusão, no currículo oficial da Rede de Ensino, da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" e dá outras providências. Brasília, DF, 11 de Março de 1999.

BRASIL. **Parecer CNE/CP Nº 003/2004 ou Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC, 2004.

BRASIL. **Parecer CNE/CP Nº 15/2008 ou Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília: MEC, 2008.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Brasília. MEC, 2017.

BRASIL. **Portaria Normativa Nº 17, de 28 de dezembro de 2009 - dispõe sobre o Mestrado Profissional no âmbito da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES**.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.

CLIVE, Mário. **História da Filosofia Africana**: [e-book]. Amazon Kindle, 2020. Disponível em: https://www.amazon.com.br/Hist%C3%B3ria-M%C3%A1rio-Clive-eBooks-Kindle/s?rh=n%3A5559928011%2Cp_27%3AM%C3%A1rio++Clive

COTRIM, Gilberto. **Filosofia Temática**. São Paulo: Saraiva, 2008.

COTRIM, Gilberto, FERNANDES Mirna. **Conecte filosofar**. São Paulo: Saraiva, 2011.

DANTAS, Luis Thiago Freire. **O Ensino da Filosofia Africana nas Diretrizes Curriculares do Paraná: Impedimentos Epistêmicos?** InterMeio: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, Campo Grande, MS, v.20, n.40, p.58-80, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/intm/article/view/2318/1394> Acesso em: 15 dez.2019.

DANTAS, Luis Thiago Freire. **Filosofia Desde África: Perspectivas Descoloniais**. Área de Concentração: História da Filosofia - Universidade Federal de Paraná. Curitiba.

2008 (Tese de Doutorado). Disponível em:
<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/>. Acesso em: 12 dez. 2019.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **O que é Filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G. **Uma conversa, o que é, para que serve? (Parte I)**. In: DELEUZE, G. e PARNET, C. Diálogos. São Paulo: Escuta, 1998.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 1996

FLICK, U. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2013.

GELAMO, Rodrigo Pelloso. **O Ensino de Filosofia no Brasil: um breve olhar sobre algumas das principais tendências no debate entre os anos de 1934 a 2008**. Educação e Filosofia, Urbelândia, v.24, nº 48, p. 331-350, jul/dez 2010. ISSN 0102-6801. Disponível em:
<https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/7973>. Acesso em: dez 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, S. C; SILVA, P. A. **As dificuldades da implantação da Lei 10.639/2003 e algumas de suas implicações**. CSONline: Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, nº. 28, 2019, p. 211-226. Disponível em:
<https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/17447/14733> Acesso em: 03 maio. 2022.

GRESSLER, Lori Alice. **Introdução a pesquisa**. 2 ed. São Paulo. Loyola, 2004

HERNÁNDEZ SAMPIERI, Roberto (Org). **Metodologia de pesquisa**. 5 ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

JAEGER, Werner. **Paideia: los ideales de la cultura griega**. Trad. Joaquín Xiral (libros I y II) e Wenceslao Roces (libros III y IV). México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

JAEGER, Werner. **Paideia: A formação do homem grego**. Tradução de Artur M. Parreira. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

JASPERS, Karl. **Introdução ao pensamento filosófico**. São Paulo, SP: Cultrix. 2014.

JÚNIOR, Marcos. **História da filosofia antiga: filósofos e contexto histórico**. 2013. Disponível em: <http://www.estudopratico.com.br/historia-da-filosofia-antiga-filosofos-e-contexto-historico/>. Acesso em: 01/06/2021.

JÚNIOR, Renato Nogueira dos Santos: **Afrocentricidade e educação: os princípios gerais para um currículo afrocentrado**. Revista África e Africanidades. Ano 3. Nº 11. Nov.2010. Disponível em: www.africaeaficanidade.com. Acesso: 10 nov.22.

KANT, Immanuel. **Observations sur le sentiment du beau et du sublime**. In Oeuvres philosophiques. Paris: Gallimard/NRF, 1980, vol I, p.458 (AK.II, 213).

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do Trabalho Científico, procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projetos e relatórios, publicações e trabalhos científicos**. 4 edição, São Paulo: Atlas, 1992.

LANDIM, F. L. P.; LOURINHO, L. A.; LIRA, R. C. M.; SANTOS, Z. M. S. A. **Uma reflexão sobre as abordagens em pesquisa com ênfase na integração qualitativo- quantitativa**. Revista Brasileira em Promoção da Saúde. Fortaleza, v. 19, n. 001, p. 53 - 58,2006.

LIPMAN, Matthew. **A Filosofia do Ensino Fundamental**. Trad.Port. São Paulo: Summus, 1990.

LINO, Paula Celeste da Silva. **A Descolonização dos saberes no Sul global a partir de uma abordagem afrocêntrica: Identidade Cultural e Histórica Africana na Academia**. Monografia de Bacharelado.Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab. São Francisco do Conde. 2018. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/864>. Acesso em dez.2022.

LORIERI, Marcos Antônio. **Filosofia no Ensino Fundamental**. São Paulo. Cortez, 2002.

LOPES, Nei e SIMAS Luiz Antônio. **Filosofias Africanas**. 3º ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2021.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem escolar: estudos e proposições**, 22ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

MACHADO, Adilbênia Freire. **Filosofia Africana para Descolonizar Olhares: Persepctivas para o Ensino das Relações Étnico-Raciais**. Tear: Revista de Educação Ciência e Tecnologia. Canoas, v.3, n.1, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/view/1854>. Acesso em maio 2021.

MACHADO, Adilbênia Freire. **Filosofia africana e currículo: aproximações**. Revista SulAmericana de Filosofia e Educação. Número 18: maio-out/2012, p. 4-27. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/4455>. Acesso em: nov.2021.

MARANHÃO. Instrução Normativa Nº 04/2020/PPGEEB/UFMA: **Formas Metodológicas de Apresentação do Produto Educacional na Dissertação durante o Período de Distanciamento Social do Novo Coronavírus (Sars-Cov-2/Covid-19)**

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2007.

MORENA Mariah. **O que é Afrocentricidade?**, 2018. Disponível em <https://faleafrofuturo.medium.com/o-que-%C3%A9-afrocentricidade-ca1a0819b156>. Acesso em 10. Jan.2020.

MAZAMA, Ama. **The Afrocentric Paradigm**. Trenton: Africa World Press, 2003.

NASCIMENTO, Danilo Rodrigues e ROCHA, Flávia Rodrigues Lima da. **Filosofia Africana e a Lei 10.639/2003**, 2016. Disponível em < <https://periodicos.ufac.br/index.php/simposiufac/article/view/845/443>.> Acesso em 10.jan.2020.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. **Ensino da filosofia africana: dimensões metafilosóficas na dimensão curricular**. Revista NESEF. Fil. Ens., Curitiba v.6, n.6, p. 17-25. Jun./Dez. 2015. Disponível em <https://revistas.ufpr.br/neseef/article/view/54801>. Acesso em Jan 2023.

NOGUERA, Renato. **O Ensino da Filosofia e a Lei 10.639**. Rio de Janeiro: Pallas: Biblioteca Nacional, 2014.

NOGUERA, Renato. Renato Nogueira, professor e pensador: afroperspectividade: por uma filosofia que descoloniza.. Portal Geledés,. Entrevistador: Thomaz Amorim. Brasil. Julho, 2015.

MUNANGA, Kabengele. **A questão da diversidade e da política de reconhecimento das diferenças**. Crítica e Sociedade - revista de cultura política, v. 4, n. 1, p. 34-45. jul. 2014, 2014. Tradução . . Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/criticasociedade/article/view/26989/14725>. Acesso em: 28 jan. 2021.

OLIVEIRA, Raimundo Nonato Nogueira; GADELHA, Paulo José de Paula. **Filosofia: Investigando o Pensar**. Fortaleza: Edjovem, 2009.

OMOREGBE, Joseph I. **Filosofia Africana: ontem e hoje**. Trad. Renato Nogueira Jr. Massachusetts/Oxford, Blacwell Publishers, 1998.

PAULA, A **Filosofia Africana que você precisa conhecer**. Arte Ref. Notícias em arte contemporânea. Novembro.2019. Disponível em: <https://arteref.com/filosofia/a-filosofia-africana-que-voce-precisa-conhecer/> Acesso em: Set. 2020.

PIMENTEL, Ijaelson Clidório; SILVA, Antônio Gomes da. **Filosofia para além do Eurocentrismo: Uma Abordagem em Afroperspectivismo no Ensino de Filosofia**. Revista Problemata: R.Intern.Fil, v.10, n. 1, p. 104-124. 2019. ISSN2236-8612. Disponível em <https://periodicos.ufpb.br/index.php/problemata/article/view/46177>. Acesso em maio 2022

PORTA, Mario Ariel González. **A Filosofia a partir de seus problemas**. 3 ed. Loyola, São Paulo, 2002.

REIS, Diego dos Santos. **A filosofia fora das grades (curriculares) : a Lei 10.639/03 e os desafios para um ensino de filosofia antirracista**. Revista Teias. Rio de Janeiro, v.23. n 68. Jan./Mar 2022. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/54025>. Acesso em Jan. 2023.

REALE, Giovanni. História da filosofia antiga. São Paulo: Loyola, 1993. 1v.

RIBEIRO, Luís Felipe Bellintani. **História da Filosofia**. Florianópolis: Filosofia/EaD/UFSC, 2008.

RIBEIRO, Katiúscia. **O laboratório de filosofia africana Geru Mãe na UFRJ e os desafios para produção de conhecimento sobre filosofia africana e as relações raciais**. Revista Encantar - Educação, Cultura e Sociedade - Bom Jesus da Lapa, v. 1, n. 1, p. 09-27, jan./abr. 2019. Disponível em: ISSN 2675-1291| DOI: <http://dx.doi.org/10.5935/encantar.v1.n1.002>. Acesso: 10.jun.2021

RIBEIRO, Marcelo dos Santos. **Entre Ensino de Filosofia, Ludicidade e a Lei 10.639: Uma Proposta Afroperspectivista para aulas de Filosofia a partir do Card Game Combate Filosófico**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Filosofia e Ensino do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ. Dez.2019. Disponível em: https://dippg.cefet-rj.br/ppfen/attachments/article/81/37_Marcelo%20dos%20Santos%20Ribeiro.pdf. Acesso em: 03. Fev.2022.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: método e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999..

RUSSELL, Bertrand. **Os Problemas da Filosofia**. Tradução Jaimir Conte. Florianópolis, 2005.

SANTOS, Giselle Cristina dos Anjos. **Os estudos feministas e o racismo epistêmico**. Rev. Gênero, Niterói, v. 16, n. 2, p. 7 – 32. 1 sem. 2016.

SANTOS, Rodrigo dos. **O ensino de filosofia e a lei 10.639 (Resenha)**. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação. nº.18: maio-out. 2012, p.98-108. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/4527> Acesso em: 16.jun.2021.

SANTOS, Rodrigo dos. **Filosofia africana e etnofilosofia: Uma abordagem da concepção de Paulin Hountondji a partir do baraperspectivismo**. Revista Das Questões nº 4.ago/set 2016, p 75-110. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/dasquestoes/article/view/16211>. Acesso em: 20.maio.2022.

SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 13 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

SAVIANI, Dermeval. **Educação socialista, pedagogia histórico-crítica e os desafios da sociedade de classes**. In LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval (orgs.) **Marxismo e Educação: debates contemporâneos**. 2.ed. Campinas: Autores Associados, 2008

SEVERINO, ANTONIO JOAQUIM. **Filosofia da educação: construindo cidadania**- São Paulo: FTD, 1994.

SILVA, Natália Regina Brito da. **Os fundamentos da afrocentricidade, afroperspectiva e afrorreferência e seus discursos**: Outras possibilidades para o Ensino das Artes Visuais. Monografia. Pró-Reitoria de Pós Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Dom Pedro II. Rio de Janeiro. Maio.2020. Disponível em:<http://www.cp2.g12.br/blog/propgpec/files/2020/12/NAT%C3%81LIASILVA2019TCC.pdf>. Acesso em: 20 jun 2021.

SIQUEIRA José Jorge. **África Negra E (Etno) Filosofia: História e Modulação no Conhecimento Contemporâneo (Interface Com A Cultura Brasileira)**. Revista de História Comparada - Programa de Pós-Graduação em História Comparada-UFRJ. , Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 283-314, 2019. - ISSN: 1981-383X. Disponível em: [Comp https://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada](https://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada) - ISSN: 1981-383X. Acesso: maio/2022

SOMET, Yoporeka. **A África e a Filosofia**. Revista Sísifo. v. 1, n. 4, Novembro, 2016.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

TAMOSKAS, Thiago. **Filosofia africana: pensadores africanos de todos os tempos**. [e-book]. Amazon Kindle, 2020. Disponível em: <https://www.amazon.com/Filosofia-Africana-Pensadores-Africanos-Portuguese-ebook/dp/B08QPN37Z>.

TRIVIÑOS. Augusto Nivaldo. **Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa na Educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UNIDADE INTEGRADA SARNEY FILHO. Projeto **Político Pedagógico**. Raposa, 2019.

VERNANT, Jean-Pierre. **As origens do pensamento grego**. Tradução de Ísis Borges B. da Fonseca. 16. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2006.b

WACHOWICZ, Lílian Anna. **A Dialética na Pesquisa em Educação**. Revista Diálogo Educacional, vol. 2, núm. 3, enero-junio, 2001, pp. 1-11 Pontifícia Universidade Católica do Paraná Paraná, Brasil. ISSN 1518-3483. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articuloa?id=189118142012>

WONSOVICZ, SILVIO. Metodologia do Ensino da Filosofia. Centro Universitário Leonardo da Vinci. Santa Catarina Grupo UNIASSELVI. 2010.

WONSOVICZ, SILVIO. **Crianças, adolescentes e jovens filosofam**. Florianópolis: Sophos, 2005.

Sites Consultados:

<https://expressodasilhas.cv/lifestyle/2018/01/30/nomes-africanos-e-o-seu-significado/56395>

<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2020/09/abdias-do-nascimento-conheca-um-dos-maiores-ativistas-negros-do-brasil.html>

http://www.abdias.com.br/movimento_negro/quilombismo.htm

<https://www.gruposummus.com.br/autor/molefi-kete-asante>

<https://www.geledes.org.br/afroperspectividade-por-uma-filosofia-que-descoloniza/>
acesso: maio 2022.

<https://www.geledes.org.br/cheikh-anta-diop-derrubou-o-racismo-cientifico-ao-provar-que-o-egito-antigo-era-uma-civilizacao-negra/> Acesso: Maio 2022

<https://brasilecola.uol.com.br/biografia/santo-agostinho./> acesso: Abril.2022

<https://unifei.edu.br/personalidades-do-muro/extensao/abdias-do-nascimento/>
Acesso em: abril/2022

<https://www.todamateria.com.br/eurocentrismo/> Acesso: abril.2022.

<https://ppgeduc.ufrrj.br/docentes/renato-noguera/> Acesso: abril.2022.

<https://neamp.pucsp.br/liderancas/abdias-do-nascimento./> acesso: abril/2022.

<https://arteref.com/filosofia/a-filosofia-africana-que-voce-precisa-conhecer/>
Acesso: junh/2021

<https://pretaegorda.blogspot.com/2015/11/uma-origem-africana-da-filosofia-mito.html?m=1>

<https://www.todamateria.com.br/socrates/>

ANEXO A



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ENSINO DA
EDUCAÇÃO BÁSICA (PPGEEB)



CARTA DE APRESENTAÇÃO PARA CONCESSÃO DE PESQUISA DE CAMPO

Prezado(a) Senhora(a) _____

Vimos por meio desta apresentar-lhe o(a) estudante

_____,
 regularmente matriculado(a) no Mestrado Profissional Gestão de Ensino da
 Educação Básica, da Universidade Federal do Maranhão para desenvolver uma
 pesquisa de conclusão de curso,
 intitulada: _____

Na oportunidade, solicitamos autorização de Vossa Senhoria em permitir a realização da pesquisa neste recinto educacional para que o(a) referido(a) estudante possa coletar dados por meio de observações, entrevistas, questionários e outros meios metodológicos que se fizerem necessários.

Solicitamos ainda a permissão para a divulgação desses resultados e suas respectivas conclusões, preservando sigilo e ética, conforme termo de consentimento livre que será assinado pelos sujeitos envolvidos na pesquisa. Esclarecemos que tal autorização é uma pré-condição.

Colocamo-nos à disposição de V. S^a para quaisquer esclarecimentos.

São Luís, ____ / ____ / ____

Prof. Dr. ANTONIO DE ASSIS CRUZ NUNES

Coordenador do PPGEEB/UFMA

APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE

Pesquisadora: Rosinelia Machado Barbosa	
Local da pesquisa: U.I. Sarney Filho	Local: Raposa/Ma
Colaboradores da Pesquisa: Estudantes do 9ª Turmas: A e B Professor de Filosofia Gestor Escolar Supervisor Pedagógica	
Tipo de Pesquisa: Estudo de Caso	Instrumento de Coleta de Dados: Observações, entrevistas on-line, figuras/imagens
Data:	Horário de início: Finalização:

CRITÉRIOS A SEREM OBSERVADOS:

- 1- Quanto à turma:
 - a- Quantidade de Estudantes:
 - b- Comportamento: e envolvimento dos estudantes
 - c- Participação nos debates na aula
- 2- Quanto ao Ambiente:
 - a- Organização/Estrutura Física
 - b- Limpeza, ventilação
 - c- Ornamentação
 - d- Horários de aulas/ rotina escolar
- 3- Quanto à Metodologia utilizada pelo docente:
 - a- Acolhimento/ envolvimento com os estudantes
 - b- Recursos Didáticos
 - c- Planejamento
 - d- Avaliação de Aprendizagem
- 4- Quanto ao trabalho da gestão e supervisão escolar.
 - a- A rotina
 - b- Envolvimento com a avaliação de aprendizagem
 - c- Acompanhamento pedagógico.

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM GESTOR, SUPERVISORA
PEDAGÓGICA E PROFESSOR DE FILOSOFIA DO 9 ANO A e B

- 1- Qual o seu entendimento acerca da Filosofia?
- 2- Quais seriam os obstáculos para o ensino da Filosofia no Brasil?
- 3- Quais os conhecimentos você tem sobre a História do ensino da Filosofia no Brasil?
- 4- O que você sabe sobre Filosofia Africana?
- 5- Em sua formação acadêmica você desenvolveu estudos sobre a Filosofia Africana?
- 6- O que você sabe sobre a Lei 10.639/03?
- 7- Como você poderia articular temáticas de Filosofia Africanas nas aulas de filosofia?
- 8- Você considera que há distinção ou similaridade entre o ensino da filosofia tradicional e o ensino da filosofia africana?
- 9- Quais os conhecimentos você tem sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnicas raciais para o ensino da História e cultura Afro-brasileira e Africana?
- 10- Você considera que o ensino da Filosofia Africana poderá contribuir para o combate do racismo no contexto escolar?

APÊNDICE C

PRODUTO EDUCACIONAL

Figura: <https://i.pinimg.com/originals/9c/47/e4/9c47e497a42bfb54e71fd622d7e674c0.jpg>



Rosinéia Machado Barbosa

FILOSOFANDO NO SOLO AFRICANO

1ª EDIÇÃO - 2023

Rosinéia Machado Barbosa

Figura1- African Sunset....love it!!! i wish i had this talent/ Erica Cherrelle

FILOSOFANDO NO SOLO AFRICANO

Caderno de Orientações Metodológicas do Ensino da
Filosofia Africana no contexto da Lei 10.639/03 nos anos
finais do Ensino Fundamental.

Fonte: <https://in.pinterest.com/pin/465278205242575560/>

1ª EDIÇÃO
2023



FILOSOFANDO NO SOLO AFRICANO

Metodológicas do Ensino da Filosofia Africana no contexto da Lei 10.639/03 nos anos finais do Ensino Fundamental.



ROSINÉLIA MACHADO BARBOSA

FILOSOFANDO NO SOLO AFRICANO

Metodológicas do Ensino da Filosofia Africana no contexto da Lei 10.639/03 nos anos finais do Ensino Fundamental.



**1ª EDIÇÃO
2023**

Copyright © 2018 by Elisa Maria dos Anjos
Todos os direitos reservados ao autor.

Agência de Inovação, Empreendedorismo, Pesquisa, Pós-
Graduação e Internacionalização
Fernando Carvalho Silva

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Gestão de
Ensino da Educação Básica
Profª Dra. Vanja Maria Dominices Coutinho Fernandes

Autor (a) do produto educacional
Rosinéia Machado Barbosa

Orientador (a) do produto educacional
Antônio Assis de Cruz Nunes

Imagem da capa
África

<https://gartic.com.br/imgs/mural/pr/professor2020/africa.png>

CAPA

Rosinéia Machado Barbosa
Raimundo N. B. Macedo

DESIGNER GRÁFICO

Raimundo N. B. Macêdo

PUBLICAÇÃO

UFMA

CONSELHO EDITORIAL

Rosinéia Machado Barbosa



BY



NC



ND

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
1 INTRODUÇÃO	9
2 ORGANIZAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA	12
TEMÁTICA FILOSÓFICA I: O QUE É FILOSOFIA AFRICANA?	17
ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO	19
TEMÁTICA FILOSÓFICA II: O SIMBOLO DA FILOSOFIA AFRICANA	30
ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO	33
TEMÁTICA FILOSÓFICA III: CONTRIBUIÇÕES DO EGITO PARA O PENSAMENTO FILOSÓFICO OCIDENTAL	39
ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO	43
TEMÁTICA FILOSÓFICA IV: PENSADORES DA FILOSOFIA AFRICA	45
ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO	48
TEMÁTICA FILOSÓFICA V: ÉTICA UBUNTU, EU SOU PORQUE VOCÊ É	51
ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO	57
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	63



APRESENTAÇÃO:

Professoras e Professores,

O pensador africano, Joseph Omoregbe (1998) expressa em suas palavras que os elementos essenciais da reflexão filosófica estão presentes em todos os povos. É com esse pensamento que começamos a trilhar o caminho da importância dos saberes filosóficos africanos no contexto da lei 10.639/03 para a formação dos adolescentes do 9º ano do Ensino Fundamental, anos finais.

Muitos são os debates em relação à existência da filosofia africana, bem como o lugar de surgimento da filosofia. Entretanto, o trabalho vigente não traz em seu escopo a validação ou não desses questionamentos. Nossa finalidade é apontar e evidenciar a presença dos saberes africanos antes mesmo do colonialismo europeu, conhecimentos indispensáveis para a formação de outras culturas, e, em especial a brasileira.

Dentro desta perspectiva, a efetivação da Lei 10.639/03 foi resultado das lutas de muitos educadores e ativistas brasileiros, que buscaram incansavelmente fomentar um diálogo antirracista na escola, apresentando diversas temáticas étnico-raciais para compor os objetos de conhecimento dos componentes curriculares de maneira obrigatória. Entretanto, o que ainda observamos

nos currículos educacionais é uma presença irrelevante, ou na grande maioria, uma ausência de temáticas africanas na constituição dos objetos de conhecimento a serem estudados em sala de aula, principalmente no que tange o ensino da filosofia.

Como aprendemos na escola, nos livros didáticos, os relatos da cultura, economia, religiosidade, epistemologia africana, deram-se a partir dos olhares e concepção europeia, do pensamento Ocidental. Partindo dessas concepções, na maioria das vezes, o povo africano, os afrodescendentes foram marginalizados e excluídos da produção intelectual filosófica, como se os mesmos só passassem a ter uma história, uma cultura a partir da chegada dos colonizadores brancos. Todavia, a legitimação dessa história atribuída ao povo africano é europeia e não africana como de direito. Consequentemente o preto e a preta perdem sua identidade, se descaracterizando da sua essência.

Sendo assim, este caderno de orientações metodológicas sobre temáticas filosóficas africanas, produto de nossa pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Gestão do Ensino da Educação Básica- Universidade Federal do Maranhão, traz em sua essência a possibilidade de conhecermos e aprofundarmos no estudo das temáticas filosóficas africanas, evidenciando a produção intelectual filosófica do povo preto, bem como, a luta em prol de uma educação fundamentada nos princípios das relações étnico-raciais.

Rosinelia Machado Barbosa
Mestranda - PPGEEB

1 - Introdução

O produto educacional que desenvolvemos encontra-se identificado como Caderno de Orientações Metodológicas do Ensino da Filosofia Africana no contexto da Lei 10.639/03, nos anos finais do Ensino Fundamental.

A proposta do produto educacional versa em ações pedagógicas metodológicas que orientem os professores e professoras de Filosofia do Ensino Fundamental- anos finais na inserção de temáticas filosóficas africanas no espaço escolar

Compreendemos a importância da lei 10.639/03 para o desenvolvimento de uma educação pautada nas relações étnico raciais, bem como para o combate ao preconceito e discriminação presente na sociedade brasileira, pois somos uma nação diáspora, afrodescendente, oriunda de uma tradição negra. Entretanto, desde a homologação da Lei referida, ainda temos muitas dificuldades de efetivá-la no contexto da sala de aula, principalmente no que concerne às temáticas filosóficas africanas, pois durante toda a nossa vida acadêmica, pouco foi falado e/ou explorado sobre a produção filosófica do povo africano.

Cabe aqui salientar que a nossa intenção não é desvalorizar a produção filosófica de nenhum povo, principalmente o euro-

peu, pretendemos apenas possibilitar aos estudantes a oportunidade de terem uma diversidade de conhecimentos e que esse alargamento de saberes diversificado é imprescindível para a formação de novas ideias.

Devemos proporcionar aos nossos educandos momentos de descobertas, investigação, análise crítica filosófica dos saberes construídos historicamente por diversas sociedades em diferentes épocas, desmitificando os estereótipos utilizados para caracterizar os povos.

Tendo essa perspectiva como referência, a construção do Caderno de Orientações metodológicas tem como finalidade a articulação de temáticas filosóficas africanas no contexto na Lei 10.639/03 e os fundamentos de uma educação das relações étnico-raciais. Evidenciando assim, que o pensar filosófico está presente na história de todos os povos, independentemente de localização geográfica. Pois pensar, descobrir, instigar, conhecer são habilidades propícias do processo do filosofar e peculiares à essência humana. Nesse contexto, buscamos através do ensino de temáticas filosóficas africanas despertar em nós e em nossos alunos/as um novo olhar acerca do continente africano, primando por uma educação antirracista.

Assim reforça os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM):

O objetivo da disciplina Filosofia não é apenas propiciar ao aluno um mero enriquecimento intelectual. Ela é parte de uma proposta de ensino que pretende desenvolver no aluno a capacidade para responder, lançando mão dos conhecimentos adquiridos, as questões advinhas das mais variadas situações. Essa capacidade de resposta deve ultra-

passar a mera repetição de informações adquiridas, mas ao mesmo tempo, apoiar-se em conhecimentos prévios. (BRASIL, 2006, P.29)

O Caderno de Orientações Metodológicas sobre a proposta de ensino de temáticas filosóficas africanas no ensino fundamental- anos finais é constituído de 55 páginas. As páginas apresentadas incluem os elementos pré-textuais, elementos textuais – organização teórico metodológica e cinco temáticas filosóficas. Cada temática é constituída por uma organização teórico metodológica que traz indicação de leituras, filmes, sites para o aprofundamento da aprendizagem, em seguida temos os elementos pós textuais e as referências.

Apresentamos ainda, ícones com imagens de crianças e/ou adolescentes pretos para uma melhor compreensão das etapas das temáticas. Temos ainda os personagens, Akin e Kalifa, que apresentarão o desdobramento das aulas.

Ressaltamos que para cada temática há um plano de aula fundamentado em competências e habilidades, conforme o documento vigente da educação brasileira, a Base Nacional Comum Curricular- BNCC. Entretanto, sabemos que esse documento não contemplou o ensino da filosofia no Ensino Fundamental, o que entendemos como um retrocesso para educação formal, a ausência desse componente curricular na referida etapa. Em contrapartida, quando analisamos esse documento percebemos nitidamente que suas bases são essencialmente filosóficas.

No plano de aula as competências utilizadas são as competências específicas para as ciências humanas do Ensino Fundamental – anos finais, em quanto as habilidades que constam no

plano de aula foram construídas pelos professores de filosofia da cidade de Raposa no momento em que os mesmos elaboraram o Documento Curricular Raposense em 2022 e do grupo de habilidades do pensamento filosófico proposto pelo pensador Lipman,

Acreditamos que o produto educacional, como fruto de nossas pesquisas do mestrado profissional do Programa de Pós-graduação na Gestão da Educação Básica- PPGEEB, possa contribuir para a formação continuada dos docentes, bem como, possibilitar aos alunos e alunas afro-descendentes brasileiros/as um novo olhar para história do continente africano, reconhecendo e valorizando as raízes africanas na formação do povo brasileiro. Uma vez que, reconhecemos as nossas ancestralidades, tomamos consciência que é necessário e urgente implantar nas nossas salas de aulas uma educação pautada em princípios étnico-raciais.

2 - Organização teórica-metodológica

Gostaria de apresentar os personagens que irão nos acompanhar ao longo dessa trajetória filosófica no solo Africano.



Figura 2: menino afro-americano

Fonte: <https://i.pinimg.com/originals/65/15/7b/65157bf9b771f87096ce-012f9ae62fb4.png>

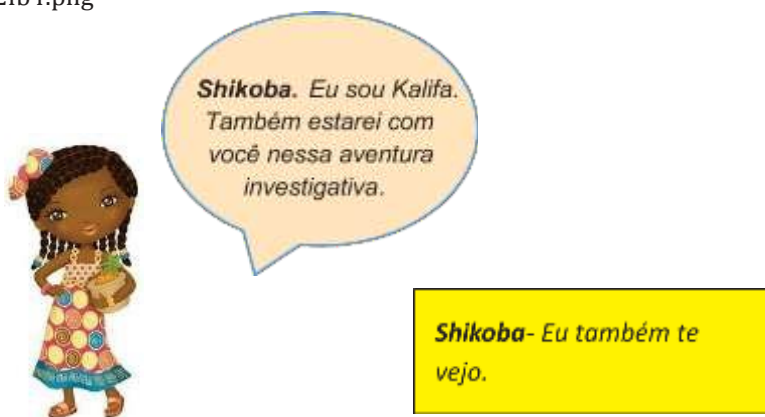


Figura 3: menina africana.

<https://i.pinimg.com/236x/d6/53/51/d653516e999abd177c85d75cdfb6c97.jpg>

Agora, vamos conhecer a lista dos nossos ícones que estarão presentes nessa aventura às terras africanas.



Produção filosófica: os estudantes desenvolverão suas produções filosóficas: relatos, atividades, gamificação, jogos, mapas conceituais e mentais, construção de podcast, videos, narrativas, projetos, seminários, fórum, semana filosófica/humanística....



Construindo argumentos: com posse de novos conhecimentos, os alunos formulam argumentos acerca da temática estudada.



Perguntas no ar: momento de indagações, questionamentos sobre a temática abordada.



Problematizando: confronto de ideias, de conhecimentos, quebra de paradigmas e formulação de novas ideias.



Aprofundando a aprendizagem: novas leituras, pesquisas, videos, estudos sobre a temática desenvolvida.



Diálogo investigativo: interação entre os estudantes e professores.



Dicas filosóficas: sugestões de atividades.

Figura 4: mapa da Africa/greatbigcanvas





- Temática Filosófica I

O Pensamento Filosófico Africano. Filosofia Africana



Olá, professores e professoras!

Nesta temática iremos desenvolver um estudo sobre a filosofia africana, com a possibilidade de compreendermos que a Filosofia é um saber universal e que cada nação, independente da sua localização geográfica, articula os seus mais diversos saberes.

Levar para a sala de aula temáticas filosóficas africanas é oportunizar novas conquistas de conhecimento aos estudantes, como também munir-los de ferramentas epistemológicas no combate ao racismo. Pois, se refletirmos um pouco sobre as temáticas referentes às matrizes afrobrasileiras, o papel do preto na história brasileira abordado em sala de aula resume-se apenas ao contexto da escravidão. Destarte discutir as relações étnico-raciais na sociedade brasileira, é antes de tudo, um ato de cidadania, um dever e direito de todos.

“Trazer a filosofia africana para a educação brasileira aumenta o repertório de reflexões com o qual estudantes têm contato, ajuda a compreender as continuidades e descontinuidades entre o pensamento que produzimos aqui e o que se produziu e produz na África, fazendo com que possamos entender o que esse continente nos legou e, sobretudo, nos ajudou a desconstruir o racismo velado que paira sobre nossa sociedade, uma tarefa de cidadania”,

Wanderson Flor

Plano de aula	
Componente Curricular: Filosofia	
Público Alvo: Estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental- Anos Finais.	
Objeto de conhecimento:	Símbolo da Filosofia Africana
Competência Específica 3	Identificar, comparar e explicar a intervenção do ser humano na natureza e na sociedade, exercitando a curiosidade e propondo ideias e ações que contribuam para a transformação espacial, social e cultural, de modo a participar efetivamente das dinâmicas da vida social.
Habilidades	EF69FILRP04: Analisar e interpretar diversas formas de conhecer o mundo à sua volta, compreendendo a multiplicidade de linguagens expressa no pensamento humano
Objetivo de Aprendizagem	Conhecer as produções intelectuais dos povos africanos, oriundos de tradições escritas e/ ou orais, compreendendo a importância de investigar o pensamento mitológico presente na matriz africana.
Duração	2 aulas
Metodologia	<p>Iniciamos a nossa aula pela etapa da sensibilização, com questionamentos acerca da temática. Após o momento de debate filosófico, desenvolver o momento de leitura coletiva dos textos sobre a temática. Apresentar um quadro comparativo dos símbolos da filosofia grega e africana, motivando a curiosidade dos alunos para identificar os elementos semelhantes e diferentes nos mitos gregos e africanos.</p> <p>Solicitar aos estudantes que pesquisem mitos africanos e que os apresentem através da técnica do <i>storytelling</i> (narrativas criativas que mistura realidade e imaginação). Sugere-se, ainda, a construção de um painel com as principais características do país, Angola e um levantamento do índice quantitativo da população negra no Brasil.</p>
Recursos	Textos xerocados, imagens da coruja e da galinha d'angola, ferramentas digitais.

	Promover uma competição entre os estudantes, para o grupo que responder mais questões do quiz em menor tempo. Depois apresentar o resultado da competição na própria plataforma, com a entrega de um pequeno troféu para a equipe campeã. Caso, a escola não tenha acesso a internet, as perguntas do quiz poderão ser escritas em pequenos pedaços de papéis.
Recursos	Textos xerocados, ferramentas digitais (computador, datshow, pendrive...)
Avaliação	Debates filosóficos, responder um quiz sobre o antigo Egito e a filosofia africana.

Encaminhamento metodológico:

ETAPA DA SENSIBILIDADE:



Caro/a professor/a, nesse primeiro momento desenvolveremos a apresentação da temática com o intuito de despertar a curiosidade dos estudantes acerca da mesma. Para isso, o/a professor/a inicia com PERGUNTAS a respeito do continente africano, destimificando e ampliando o conhecimento dos/as alunos/as.



Sugestão de questionamentos: Qual é o conhecimento que você possui sobre o continente africano? Onde se localiza? Como foi o processo de colonização? Quais os costumes desse povo? Como vive sua população? Você sabe os nomes dos países que formam esse continente? Por que ainda temos tanto preconceito em relação ao povo negro? O que é uma

diáspora? Se o negro faz parte da formação do povo brasileiro, por que sei tão pouco sobre os meus ascendentes? Quais as produções intelectuais desenvolvidas pelo povo africano?



Apresentação das imagens do continente africano. Nesse momento, o/a professor/a poderá estabelecer uma análise comparativa sobre os conhecimentos que os estudantes expressaram sobre a África com as imagens do continente africano apresentadas pelo/a professor/a.



ETAPA DA PROBLEMATIZAÇÃO:

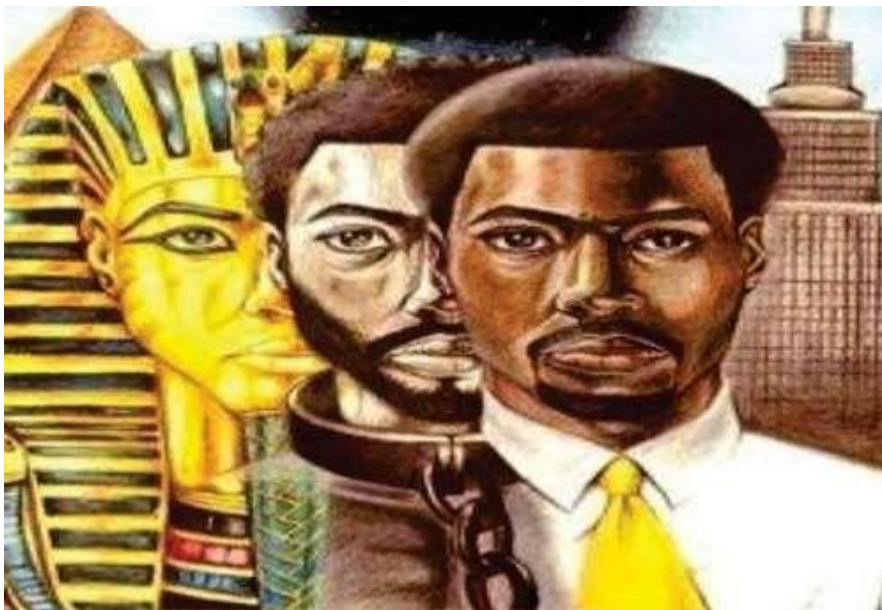
Leitura do texto, “Uma origem Africana da Filosofia : Mito ou Realidade”, do autor, Molefi Asante”. Após a leitura partilhada do texto, o/a professor/a deverá promover um debate filosófico, problematizando os novos conhecimentos adquiridos.

Ao apresentar o texto, o/a professor/a deverá mostrar o perfil do autor, através do video do youtube <https://www.youtube.com/watch?v=YVtR71DMpk0>

Leitura Filosófica:

Uma origem africana da filosofia: Mito ou Realidade?

Figura 05: afrocentricidade – Molefi Kete Asante



Fonte: <https://i1.sndcdn.com/artworks-000211132011-nogagj-t500x500.jpg>

Existe uma crença comum entre os brancos de que a filosofia se origina com os gregos. A ideia é tão comum que quase todos os livros sobre filosofia começam com os gregos, como se eles precedessem todos os outros povos quando se trata da discussão dos conceitos de beleza, arte, números, escultura, medicina e organização social. Na verdade, esse dogma é hegemônico nas academias do mundo ocidental, incluindo as universidades e academias africanas. É mais ou menos assim:

A filosofia é a maior de todas as disciplinas.
Todas as outras disciplinas se derivam da filosofia.
A filosofia é uma criação dos gregos.
Os gregos são brancos.
Portanto, os brancos são os criadores da filosofia.

Na perspectiva desse dogma, outros povos e culturas podem contribuir com o pensamento, como os chineses – Confúcio -, mas pensamentos não são filosofia; só os gregos podem contribuir para a filosofia. De acordo com esse raciocínio, os povos africanos podem ter religião e mitos, mas não filosofia. Assim, essa noção privilegia os gregos como os criadores da filosofia, a mais alta das ciências.

Existe um problema sério com essa linha de raciocínio. A premissa é falsa na medida em que os estudiosos revelaram que a origem da palavra “filosofia” não está na língua grega, embora venha do grego para o inglês. De acordo com dicionários de etimologia grega, a origem dessa palavra é desconhecida. Mas isso ocorre se você está procurando pela origem na Europa. A maioria dos europeus que escrevem livros sobre etimologia não consideram as línguas zulu, xhosa, yorubá ou amárico, quando chegam a uma conclusão sobre se a origem da palavra é conhecida ou desconhecida. Eles nunca pensam que um termo usado por uma língua europeia pode ter vindo da África.

Existem duas partes na palavra “filosofia”, como ela chegou até nós a partir do grego, “Philo”, que significa amigo (*brother*) ou amante e “Sophia”, que significa sabedoria ou sábio. Assim, um filósofo é chamado de “amante da sabedoria”.

A origem de “Sophia” está evidente na língua africana Mdu Ntr, a língua do antigo Egito, onde a palavra “Seba”, que significa “o sábio”, aparece pela primeira vez em 2052 a.C., no túmulo de Antef I, muito antes da existência da Grécia ou do grego. A palavra tornou-se “Sebo” em copta e “Sophia” em grego. Como para o filósofo, o amante da sabedoria, é precisamente aquilo que se entende por “Seba”, o Sábio, em escritos antigos de túmulos egípcios. Diodoro da Sicília, escritor grego, em seu **Sobre o Egito** - escrito no primeiro século antes de Cristo - afirma que muitos dos que são “celebrados entre os gregos pela inteligência e ensino, aventuraram-se para o Egito nos tempos antigos, para que pudessem participar de suas tradições e copiar seus ensinamentos. Os sacerdotes do antigo Egito relatam em sua história, a partir dos registros dos livros sagrados, que foram visitados por Orfeu e Museu, Melampo, Dédalo, e, além desses, o poeta Homero, o espartano Licurgo, o ateniense Solon, Platão, o filósofo, Pitágoras de Samos, e o matemático Eudoxo, assim como Demócrito de Abdera e Enópides de Quios, também estiveram lá”.

Obviamente, muitos gregos que aprenderam filosofia aventuraram-se na África para estudar. Eles foram por muitas razões intelectuais. Pode-se ver que os gregos apreciaram o fato de que no Egito existiam homens e mulheres de grande habilidade e conhecimento, assim como os antigos egípcios apreciavam o fato de que havia homens e mulheres de maior conhecimento na Etiópia.

Segundo Heródoto, que escreveu no século V a.C. no Livro II de **História**, os etíopes diziam que os egípcios não eram nada mais que sua colônia. É claro que ainda hoje há todo um siste-

ma de descrença sobre a história, experiências e conhecimentos dos povos da África, criado durante os últimos cinco séculos de dominação europeia. A retórica que nega a capacidade da África foi desenvolvida para acompanhar a desapropriação desse continente. Isso foi feito juntamente com as conquistas europeias da África, Ásia e América. A colonização não era apenas uma questão da terra, era uma questão de colonizar informações sobre a terra. Todavia, acredito que os antigos sabiam melhor que os especialistas contemporâneos da importância para os não-africanos de estudar na África.

Não houve Alemanha, França, Inglaterra, Itália, Estados Unidos ou Espanha para falar quando os gregos começaram a viajar para a África para estudar. Na verdade, eles primeiramente foram para a África e depois voltaram para a Grécia criando a Era de Ouro grega. Não foi antes, mas depois de terem estudado no Egito que esses povos conseguiram algum treinamento avançado. O que estou dizendo é que eles tinham que vir para a África e estudar com os sábios do antigo Egito, que eram negros, para ter condições de aprender medicina, matemática, geometria, arte e assim por diante. Isso aconteceu muito antes da existência de qualquer civilização europeia.

Por que os filósofos gregos estudaram na África? Tales, o primeiro filósofo é lembrado por ter estudado na África. Dizem que aprendeu filosofia dos egípcios. Eles estudaram no Egito porque era a capital cultural do mundo antigo. Pitágoras é conhecido por ter estudado por pelo menos vinte e dois anos na África. Pode-se obter uma boa educação em vinte e dois anos, talvez até alcançar um Ph.D.! Os gregos buscavam a informação filosófica

que os africanos possuíam. Quando Isócrates escreveu sobre seus estudos no livro **Busirus**, disse: “Eu estudei filosofia e medicina no Egito”. Ele não estudou esses assuntos na Grécia na Europa, mas no Egito e na África.

Não é só a palavra filosofia que não é grega, a prática da filosofia já existia muito antes dos gregos. Imhotep, Ptahhotep, Amenemhat, Merikare, Duauf, Amenhotep, filho de Hapu, Akhenaton e o sábio de Khunanup, são apenas alguns dos filósofos africanos que viveram muito tempo antes da Grécia ou de algum filósofo grego existir.

Quando os africanos terminaram de construir as pirâmides, dois mil e quinhentos anos antes de Cristo, faltavam mil e setecentos anos para que Homero, o primeiro escritor grego, aparecesse!

E quando Homero surgiu e começou a escrever **A Ilíada** não demorou muito tempo para relatar o que havia acontecido ou o que estava acontecendo na África. Os deuses gregos reuniam-se na Etiópia. Dizem que Homero passou sete anos na África. O que ele poderia ter aprendido naquelas aulas com aqueles sábios professores? Poderia ter aprendido direito, filosofia, religião, astronomia, literatura, política e medicina.

Os africanos não esperaram pelos gregos para descobrir como construir as pirâmides. Você pode imaginar os egípcios em pé em volta de pedreiras ou nas margens do Nilo, dois mil e quinhentos anos antes de Cristo, especulando sobre quando algum europeu viria sozinho para ajudá-los a medir o tamanho do planeta, calcular a largura, amplitude e profundidade, determinar a

exato helicoidal crescente de Serpet (*Sirius*) e as inundações do Nilo, ou diagnosticar doenças do corpo humano?

Liderados pelo faraó da História Africana, Cheikh Anta Diop, um novo quadro de estudiosos surgiu para desafiar todas as mentiras que foram ditas sobre a África e os africanos. Eles são os únicos que, como diz o poeta Haki Madhubuti, caminham na direção do medo, não para longe dele. Eles são exemplos reais de coragem e compromisso.

Numa grande conferência patrocinada pela UNESCO, em 1974, no Cairo, sobre o “Povoamento do Egito”, dois negros, Diop e Théophile Obenga, caminharam na direção do medo e quando terminaram de apresentar seus trabalhos haviam quebrado todas as mentiras que foram ditas sobre africanos. Usando a ciência, a lingüística, a antropologia e a história, esses dois grandes gigantes intelectuais demonstraram que os antigos egípcios eram negros. Eles usaram um teste de melanina na pele de uma múmia, a arte nas paredes de tumbas, correspondências com outras línguas africanas e os testemunhos dos antigos.

É muito interessante para mim que os antigos gregos soubessem muito melhor do que a atual safra de europeus, que são tomados como autoridade sobre o assunto, que os antigos egípcios viveram muito antes da chegada dos gregos, romanos, árabes e turcos ao Egito, e eram africanos, de fato, africanos negros.

Segundo Heródoto, em **História**, Livro II, os Colchians eram egípcios “porque, assim como os egípcios, tinham a pele negra e cabelo lanoso”. Aristóteles diz em **Physiognomonica** que “os egípcios e os etíopes são muito escuros”.

A cor dos antigos egípcios não deve ser questão de debates; essa só vem à tona porque sempre encontramos alguma pessoa branca que se esforça para manter a afirmação de que os africanos não poderiam ter construído as pirâmides e, especialmente, não africanos negros. É claro, todos devem saber que os egípcios eram africanos, mas o fato é que eles não eram apenas africanos, os egípcios tinham especificamente pele negra com cabelo lanoso.

A filosofia começa 2800 anos a.C. com pessoas de pele negra do Vale do Nilo, ou seja, 2200 anos antes do aparecimento de Tales de Mileto, considerado o primeiro filósofo ocidental. Nossos ancestrais 30.000 anos atrás separavam ocre vermelho de ferro em uma caverna da Suazilândia. Eles deveriam ter alguma ideia sobre aquilo que estavam fazendo. Devia haver alguma reflexão, algum processo pelo qual os anciões determinavam o que era para ser utilizado, para o que e em qual ocasião. Dessa forma, antes mesmo da escrita, temos evidências de que os africanos estavam engajados em discussões significativas sobre a natureza de seu ambiente.

Disponível em <http://www.asante.net/articles/26/afrocentricity> / tradução: Marcos Carvalho Lopes

Capoeira – Revista de Humanidades e Letras | Vol.1 | Nº. 1
| Ano 2014 | p. 117



PRODUÇÃO FILOSÓFICA:

Esse é o momento que o estudante desenvolverá suas produções. A atividade proposta para a primeira temática filosófica é a construção de um mapa mental.

Professor/a à figura abaixo apresenta as etapas principais de um mapa mental.

Figura06: como fazer um mapa mental: Dez truques para fazer um.



Fonte: youtube.com

Cada aluno/a de posse de uma folha de papel sulfite e lápis coloridos, sob a orientação do/a professor//a será convidado a construir um mapa mental com o título: Filosofia Africana, o que é?

Essa atividade poderá ser desenvolvida em duplas.



APROFUNDANDO A APRENDIZAGEM

Estratégia: sala de aula invertida.

Os estudantes deverão acessar o link abaixo e desenvolver uma leitura do texto:

“A África e a Filosofia de Yoporeka Somet “, para as discussões filosóficas nas próximas aulas. Eis o link: <https://filosofia-africana.weebly.com/>



DICAS FILOSÓFICAS:

Caro/a professor/a para obter mais conhecimento sobre Filosofia Africana, sugerimos que acesse os links abaixo. Temos certeza que irá desfrutar de grandes descobertas filosóficas, então vamos navegar no mar do conhecimento do pensamento africano.

<https://diplomatie.org.br/a-filosofia-africana-e-o-ensino-de-filosofia-no-brasil/>

<https://www.youtube.com/watch?v=IMubZgdiDmg>

<https://filosofia-africana.weebly.com/>

Temática Filosófica II

O Símbolo da Filosofia Africana

Figura 07: Pôr do sol na África



Fonte:br.Pinterest.com

Temática Filosófica II

O Símbolo da Filosofia Africana

Olá, professores e professoras!



O espaço escolar, é por excelência, um lugar que proporciona diariamente aos estudantes a possibilidade de refletir sobre o conhecimento já construído historicamente por outras gerações e de agregar novos conhecimentos. É um espaço propício de desconstrução e construção de novos pensamentos e novas ideias.

Temos a compreensão que é no contexto da sala de aula que as formas de conhecer o mundo se entrelaçam entre si, produzindo novas conexões. Sendo assim, nessa temática filosófica II iremos investigar acerca do símbolo da mitologia africana, um estudo fundamentado nos pressupostos da **Filosofia Afroperspectivista**, desenvolvido pelo pensador negro brasileiro, Renato Nogueira.

Na mitologia ioruba, a galinha d' angola é responsável pela manutenção do equilíbrio porque mantém o axé (energia vital) em circulação. Ao invés da coruja da deusa Minerva, baseada na mitologia Greco romana, o animal símbolo da filosofia (afroperspectivista) é a galinha d' angola, que integra o universo mítico iorubá. Ela representa, em certa medida, a iniciação ao conhecimento de si, a capacidade de escolher e se comprometer com um caminho diante de inúmeras possibilidades. Ou ainda, a condição indispensável para a materialização da capacidade de se manter em equilíbrio e harmonizar o ori (cabeça num sentido mais amplo do que usados comumente)

(Nogueira.2020. P. 81)

Plano de aula Componente Curricular: Filosofia Público Alvo: Estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental- Anos Finais.	
Objeto de conhecimento: Competência Específica 3	Símbolo da Filosofia Africana Identificar, comparar e explicar a intervenção do ser humano na natureza e na sociedade, exercitando a curiosidade e propondo ideias e ações que contribuam para a transformação espacial, social e cultural, de modo a participar efetivamente das dinâmicas da vida social.
Habilidades	EF69FILRP04: Analisar e interpretar diversas formas de conhecer o mundo à sua volta, compreendendo a multiplicidade de linguagens expressa no pensamento humano
Objetivo de Aprendizagem	Conhecer as produções intelectuais dos povos africanos, oriundos de tradições escritas e/ ou orais, compreendendo a importância de investigar o pensamento mitológico presente na matriz africana.
Duração	2 aulas
Metodologia	<p>Iniciamos a nossa aula pela etapa da sensibilização, com questionamentos acerca da temática. Após o momento de debate filosófico, desenvolver o momento de leitura coletiva dos textos sobre a temática. Apresentar um quadro comparativo dos símbolos da filosofia grega e africana, motivando a curiosidade dos alunos para identificar os elementos semelhantes e diferentes nos mitos gregos e africanos.</p> <p>Solicitar aos estudantes que pesquisem mitos africanos e que os apresentem através da técnica do <i>storytelling</i> (narrativas criativas que mistura realidade e imaginação). Sugere-se, ainda, a construção de um painel com as principais características do país, Angola e um levantamento do índice quantitativo da população negra no Brasil.</p>
Recursos	Textos xerocados, imagens da coruja e da galinha d'angola, ferramentas digitais.

Avaliação

Roda de conversa filosófica sobre os novos conhecimentos adquiridos na aula.

Produção de um texto coletivo, a partir dos argumentos expostos na Roda de Filosofia.

Apresentação das narrativas (técnica do *storytelling*)

Encaminhamento metodológico:

ETAPA DE SENSIBILIZAÇÃO:



Sawubona! Professores e Professoras!

Agora, é hora de indicarmos o percurso de ações pedagógicas que favoreçam o alcance dos objetivos propostos com a temática: *O símbolo da Filosofia Africana*.

Podemos começar pelos questionamentos: Você conhece o símbolo da filosofia africana? E da filosofia grega, você conhece? O que você sabe sobre a mitologia grega? E a mitologia africana, já ouviu falar? Por que os textos da mitologia grega, tem maior repercussão em detrimento dos mitos africanos?



Sugerimos que o/a professor/a apresente a imagem dos símbolos filosóficos: a coruja e galinha d'angola. Investigue quais os conhecimentos que os/as alunos/as possuem sobre esses animais.

ETAPA DA PROBLEMATIZAÇÃO:



Agora, passamos para uma análise filosófica, através da habilidade de comparação. Convide os estudantes para realizar a leitura dos textos mitológicos:



gregos e africanos acerca do símbolo da filosofia. Ao relacionar os textos, os estudantes poderão desenvolver uma analogia entre as tradições culturais dos povos caracterizando as semelhanças e divergências nos escritos. Essa analogia deve favorecer o respeito à diversidade cultural e filosófica, apresentando cada raça como sujeitos ativos em suas produções epistêmicas e construindo atitudes de repúdio a toda e qualquer manifestação discriminatória e preconceituosa. Ressaltando, ainda, que cada povo é portador de singularidades específicas e que o processo do filosofar é pertencente a todos.

Como forma de enriquecer ainda mais o debate, o/a professor/a poderá utilizar a metodologia da “Roda de Filosofia”. Essa estratégia faz parte dos estudos da Filosofia Afroperceptivista, que consiste em um método de exercício filosófico, inspirado em rodas de samba, candomblé, jongo, umbanda e capoeira. Foi desenvolvida pelos professores: Renato Nogueira, Wallace Lopes, Marcelo Moraes e Felipe Filósofo. Para conhecer melhor essa estratégia metodológica mergulhe na leitura do livro: *Sambo, logo penso: afroperspectivas filosóficas para pensar o samba*”

Texto 01

MITO DA GALINHA D’ ANGOLA

Rogério Andrade Barbosa



Por que a galinha-d’angola tem pintas brancas?

Os mais antigos contam que esta história aconteceu durante uma das piores secas ocorridas nas savanas, ao Sul da África.

O sol, inclemente, castigava todos os seres vivos: plantas e animais.

Logo os rios e lagos secaram, aumentando o sofrimento. O calor abria fendas no solo e levantava uma espessa poeira que borrava de cinza o céu borrado de azul.

Os habitantes dos vilarejos, desnorteados, fugiram para as montanhas, rogando por chuvas, mas não havia prece que desse jeito na calamidade.

Um dia, porém, uma mancha escura despontou no horizonte. Todos ficaram excitados. Sinal de que as chuvas estavam se aproximando.

Só que um elefante, desengonçado, atrapalhou tudo. Afugentando a nuvem.

A galinha-d'angola que, naquela época, além de uma crista avermelhada no alto da cabeça, tinha as penas inteiramente pretas, não se conteve. Indignada com a atitude do paquiderme, correu horas e horas atrás da nuvem, suplicando para que ela retornasse, sem se importar com os espinhos que iam rasgando-lhe as pernas desnudas.

- Por favor, Senhora, volte. Por favor, Senhora, volte – repetia sem cessar, enquanto o sangue escorria por suas feridas.

A Dona das Águas, finalmente, parou e disse:

- Por causa de sua perseverança, da sua dor e da sua preocupação com o destino de todas as outras criaturas, eu regressarei. Graças aos meus poderes, interromperei a seca.

- Obrigada - agradeceu a ofegante corredora.

- E, como você se dirigiu a mim de um modo tão respeitoso, receberá de presente o brilho das gotas da chuva, que cairão sobre o seu corpo. Assim, será uma das aves mais bonitas da terra.

Não demorou muito para desabar um temporal, em meio a raios e trovões. A galinha-d'angola, toda molhada, ganhou como ornamento os pingos que foram resvalando em suas penas, transformando-a, como fora prometido, em uma das aves mais lindas de toda a África.

Devido à canseira da galinha-d'angola, suas descendentes piscam por vários cantos do planeta, agitando a penugem de cor negra, como a pele da maioria dos povos de seu extenso continente. Enquanto exibem as penas salpicadas de pintas brancas} as galinhas-d'angola cacarejam como se estivessem expressando, até hoje, o esforço empreendido por sua ancestral:

- Tô fraca, tô fraca, tô fraca, tô fraca!

Rogério Andrade Barbosa. In: Outros contos africanos para crianças brasileiras. São Paulo: Editora Paulinas, 2008.

Texto 2

Galinha-D'Angola

Carolina Cunha

É o mesmo que to-fraco, conquém, sacué ou guiné. Para os yorubás, é etu, animal sagrado. Contam que, por recomendação de Orumilá, a grande adivinho, a conquém precisou fazer

um ebô para que nada faltasse na Terra a seus pares, as outras aves do mato.

Entre outras coisas, etu deveria ser generosa com todos os seres. Foi quando encontrou Oxalá, a quem tratou com reverência e ofereceu tudo o que tinha. Admirado com a fineza de etu, Oxalá pintou o seu corpo com efun, o pó branco mágico. Eis porque etu, que dentre os animais tem a maior semelhança com Oxalá, faz parte das cerimônias e oferendas para os deuses orixás.

Disponível em: https://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/obino/cruzadas1/africanidades_atividades/galinha_angola.html

Texto 3

Renato Noguera

No pluriverso bantófono, o mito da galinha-d'angola ganha outra versão. Essa versão é compartilhada pelos grupos étnicos ambundu, bakongo e ovimbundu.

Num belo dia encontrou Dandalunda, a deusa da fertilidade, que a adornou, pintando o bico de vermelho, dando-lhe uma coroa e pintando com brilho de um colar.

A galinha d' angola se tornou feliz e passou a ficar evidente. Um símbolo de acesso à sabedoria, de possibilidade de transformação e de reconhecimento da fertilidade inerente ao bom uso da mente.

Fonte: O ensino da Filosofia e a lei 10.639/Renato Noguera-1ed.Rio de Janeiro: Pallas,2014.

PRODUÇÃO FILOSÓFICA



Professores/as ao desenvolvermos a temática: **Símbolo da Filosofia Africana**, abrimos a nossa mente para outra vertente dos estudos filosóficos, a Mitologia. Nessa linha de pensamento, convidamos os/as estudantes a pesquisarem outros mitos africanos para serem apresentados na próxima aula, através da dinâmica, a roda de filosofia.

Abaixo sugerimos alguns sites sobre mitos africanos.

<https://www.youtube.com/watch?v=-FE01Xgh07o&t=88s>

<https://www.youtube.com/watch?v=vH10D4IEITk>

<https://www.youtube.com/watch?v=d8fZBT6-C3g>

<https://www.youtube.com/watch?v=H3CmFrzgOPE&t=166s>

Roda de Filosofia: consiste em reunir em círculo os estudantes e solicitar que cada um exponha seus argumentos acerca da temática abordada. Essa exposição pode ser através de músicas, rimas, poesia. Os argumentos expostos poderão ser confrontados ou acolhidos por outros estudantes. Depois os/as alunos/as, sob a orientação do/a professor/a construirão um texto coletivo, o qual todos os participantes assinarão.

Construção de um painel com as principais características do país de Angola e um levantamento do índice quantitativo da população negra no Brasil. (Atividade em equipe)

APROFUNDANDO A APRENDIZAGEM



Que tal aprofundarmos os nossos conhecimentos sobre Filosofia africana escutando o podcast no site abaixo?

<https://filosofiapop.com.br/category/podcast/filosofia-africana/>

DICAS FILOSÓFICAS:



Caro/a professor/a como dica de leitura, sugerimos:

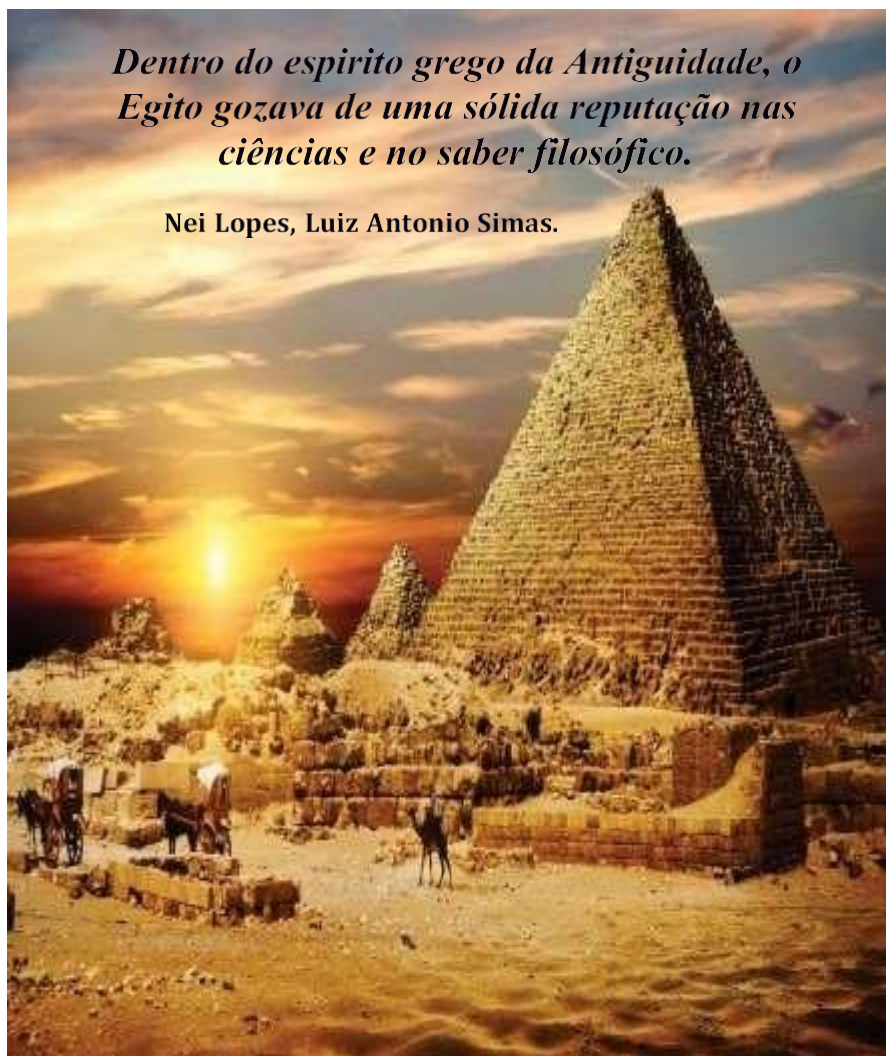
NOGUERA, Renato. **O ensino de filosofia e Lei 10.639**. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2011.

SILVA, **Wallace Lopes** (org.). **Sambo, logo penso: afroperspectivas filosóficas para pensar o samba**. 1ed. Rio de Janeiro. Hexis, 2015.

Temática Filosófica III

Contribuições do Egito para o pensamento filosófico Ocidental

Figura 08: Místico Egito: Uma viagem de autoconhecimento.



Fonte: eusemfronteiras.com.br

Temática Filosófica III

Contribuições do Egito para o pensamento filosófico Ocidental.

Olá! Professores e Professoras!



Nessa temática, desenvolveremos uma reflexão acerca das contribuições do Egito para a filosofia ocidental. Tal abordagem é apontada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. *“O ensino de Cultura Africana abrangirá: - as contribuições do Egito para a ciência e filosofia ocidentais “ (BRASIL,2004, p.22) .*

Nessa linha de trabalho, trazemos como fundamentos teóricos, pensamentos de vários estudiosos pretos que compartilham suas diversas análises filosóficas. Tais como: George James, Molefi Asante, Cheik Anta Diop, Joseph I. Omoregbe e Renato Noguera. Apresentaremos, também, como ferramentas de aprendizagem os vídeos produzidos pelo Prof.Me. Fabiano Bitencourt Monge.

Ademais, analisaremos o pensamento dos autores Lopes e Simas, no livro, *Filosofias Africanas*, 2021, p. 53, ao relatar que:

“Antes de os gregos darem o nome “Egito” (Aegyptos, casa do deus Ptah), os antigos povos locais chamavam sua terra “Kemet”, nome ainda não exatamente esclarecido, possivelmente significando “terra negra”, em oposição a “terra vermelha, a região não fertilizada pelo rio Nilo. A polêmica sobre o significado do nome – é contestada por alguns. No entanto, a marca étnica é confirmada por

Asante, que retoma as ideias do sábio senegalês Cheikh Anta Diop, “os egípcios eram africanos de pele negra”.

Plano de aula	
Componente Curricular: Filosofia	
Público Alvo: Estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental- Anos Finais.	
Objeto de conhecimento:	Contribuições do Egito para o pensamento filosófico ocidental.
Competência Específica 4	Interpretar e expressar sentimentos, crenças e dúvidas com relação a si mesmo, aos outros e às diferentes culturas, com base nos instrumentos de investigação das Ciências Humanas. Ou seja, promovendo o acolhimento e a valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
Habilidades	EF69FILRP08: Reconhecer que o pensamento filosófico está presente em diferentes culturais além do mundo ocidental. EF69FI115: Elaborar hipóteses a partir das situações problemas apresentados para a formulação de argumentos críticos e coesos
Objetivo de Aprendizagem	Conhecer as produções intelectuais dos povos do antigo Egito, reconhecendo-os como indivíduos dotados de plena razão e sabedoria. Perceber as ideologias que marcaram os povos do continente africano.
Duração	3 aulas
Metodologia	Iniciamos a nossa aula pela etapa da sensibilização, com questionamentos acerca da temática. Para tal, entregaremos para os estudantes uma cópia da letra da música, Farsó da cantora Margareth Menezes. Possibilitem aos estudantes, momentos de interação com texto e música. Na etapa de problematização retome a leitura do texto: “Uma origem africana da filosofia: Mito ou Realidade?”, imbuído na primeira temática filosófica. Deixem os estudantes analisarem os dois textos e depois fazerem suas inferências. Ainda, nesse etapa, apresentaremos o vídeo: “Contextualizando a filosofia africana”. Convide o professor de História para um bate papo filosófico sobre a Civilização Egípcia e suas principais contribuições para o ocidente.

Recursos	Promover uma competição entre os estudantes, para o grupo que responder mais questões do quiz em menor tempo. Depois apresentar o resultado da competição na própria plataforma, com a entrega de um pequeno troféu para a equipe campeã. Caso, a escola não tenha acesso a internet, as perguntas do quiz poderão ser escritas em pequenos pedaços de papéis.
	Textos xerocados, ferramentas digitais (computador, datshow, pendrive...)
Avaliação	Debates filosóficos, responder um quiz sobre o antigo Egito e a filosofia africana.

Encaminhamento metodológico:

ETAPA DE SENSIBILIZAÇÃO:

Sawubona! Professores e Professoras!



Olá, vamos iniciar mais um encaminhamento pedagógico sobre a temática: A contribuição do Egito para o pensamento filosófico ocidental.

Já sabemos que nessa etapa de construção de conhecimento iniciamos trilhando o caminho das indagações. Tais como: Quais os conhecimentos você possui sobre o povo egípcio? Você acredita que o povo do Egito era verdadeiro sábio e nos deixou um legado intelectual? Será que os egípcios eram negros ou brancos?



Sugerimos que o/a professor/a apresente a letra da música Faraó de Margareth Menezes. Solicitar aos alunos que façam uma analogia entre a letra da música e a temática abordada.



ETAPA DA PROBLEMATIZAÇÃO:



Convide os estudantes para fazer uma releitura do texto: “Uma origem africana da filosofia: Mito ou Realidade?“, do pensador Molefi Asante. Esse texto está contemplado na primeira temática filosófica. Vale a pena ler novamente. Após a leitura do texto, o/a professor/a abre para um debate filosófico, utilizando a estratégia: Roda de Filosofia. O/A professor/a deverá solicitar aos/as alunos/as que os/as mesmos/as realizem análise comparativa (oral) dos dois textos e o vídeo. Agora, o/a professor/a apresenta o vídeo: Contextualizando a Filosofia Africana, pelo link:

https://www.youtube.com/watch?v=puP_zOo93ik&list=PLZ0dgyNBBzI5wPSI-34FF5fA_iR-CmGD&index=4

PRODUÇÃO FILOSÓFICA:



Convide o/a professor/a de história da própria escola ou não para dar uma palestra sobre o Egito e suas contribuições para o Ocidente. O/a professor/a deverá estimular os/as seus/uas alunos/as para o desenvolvimento da oralidade e formulações de conceitos, perguntas durante a palestra.

APROFUNDANDO A APRENDIZAGEM



Que tal mais esse desafio? Os estudantes serão divididos em equipes e cada equipe construirá o seu próprio quiz sobre Egito e suas contribuições. Depois cada equipe responderá um quiz desenvolvido por uma equipe diferente.

Os estudantes deverão pesquisar na internet como construir um quiz, poderá ser utilizada as ferramentas digitais ou não. O que vale aqui, é um despertar da criatividade.

DICAS FILOSÓFICAS.

Fique por dentro professor/a dos pensamentos desses grandes filósofos. Aqui vai a dica de leitura referente a temática estudada. Vale a pena conferir.

https://filosofiaafricana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/cheikh_anta_diop_-_origem_dos_antigos_egipcios.pdf

<https://afrocentricidade.wordpress.com/2015/10/26/o-legado-roubado-george-g-m-james-livro/>

https://filosofiaafricana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/joseph_i_omogbe_-_filosofia_africana_ontem_e_hoje.pdf

Temática Filosófica IV

Pensadores da filosofia africana



Figura 09: mapa do continente de África com cores diferentes.

Fonte: <https://img.freepik.com/vetores-gratis/mapa-do-continente-de-africa-com-cores-diferentes>

Sawubona! Professores e Professoras!



Olha eu aqui novamente. Preparados para mais um estudo reflexivo sobre a filosofia africana? Que bom ter você como o nosso colaborador nessa viagem ao solo africano. Na quarta temática iremos discorrer sobre alguns pensadores africanos e suas exímias contribuições para o processo do filosofar africano.

Um das grandes dificuldades de alinhar o ensino da filosofia à Lei 10.639/03 é a falta de referenciais teóricos a serem manuseados pelos docentes que lecionam filosofia. Pois, compreendemos que os referenciais que já conhecemos não são suficientes para dar conta dos conteúdos estabelecidos pela Lei 10.639/03. Diante desse cenário o pensador brasileiro, Renato Nogueira (2014), nos dá uma pista de como vencer essa dificuldade. Sua sugestão é que devemos recontar a história da filosofia, acrescentando o número de filósofos e filósofas que estão presentes no mundo inteiro, ocidentais e orientais. Dessa forma, proporcionaremos aos nossos estudantes uma ampliação em seus conhecimentos filosóficos. Ressaltamos as palavras dos autores, Wanderston Flor do Nascimento e Denise Botelho, quando evidenciam a problemática e as consequências nefastas da colonização das terras africanas e principalmente no que concerne à produção de conhecimentos.

(...) embora a Filosofia, na contemporaneidade, seja produzida nos cinco continentes e com conceitos importantes sendo produzidos em todos eles, o lócus privilegiado

de enunciação da Filosofia segue eurocêntrico. A marca mais importante deste fenômeno se mostra no fato de que nos currículos dos cursos de Filosofia de todo mundo aparece um cânone comum que é basicamente europeu (com poucas contribuições norte americanas). A própria historiografia da Filosofia é eurocentrada, o que acaba por inviabilizar as produções existentes fora da Europa e Estados Unidos. (FLOR DO NASCIMENTO; BOTELHO,2010, p.82 APUD RIBEIRO,2019, p.43)

Plano de aula	
Componente Curricular: Filosofia	
Público Alvo: Estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental- Anos Finais.	
Objeto de Conhecimento:	Pensadores da Filosofia Africana.
Competência Específica 5	Comparar eventos ocorridos simultaneamente no mesmo espaço e em espaços variados, e eventos ocorridos em tempos diferentes no mesmo espaço e em espaços variados.
Habilidades	EF69FILRP07: Identificar na história homens e mulheres que através do exercício do pensar filosófico abriram possibilidades infinitas para o uso da racionalidade. EF69FILRP09: Ler textos filosóficos de modo que possamos articular conhecimentos filosóficos as diferentes formas de conhecimento.
Objetivo de Aprendizagem	Identificar os filósofos oriundos do continente africano e suas respectivas diásporas, reconhecendo o valor de suas produções intelectuais para a construção do conhecimento humano.
Duração	2 aulas

Duração	2 aulas
Metodologia	Iniciamos a nossa aula pela etapa da sensibilização, com questionamentos acerca da temática. Para a execução dessa etapa começamos pela apresentação de alguns filósofos já estudados pelos alunos. Em seguida apresente o mapa do continente africano. Na etapa da problematização desenvolveremos o estudo acerca dos pensadores africanos, utilizando o material didático pedagógico construindo pela autora ADILBÊNIA MACHADO, intitulado como: "Alguns pensadores africanos." Logo após toda explanação, os estudantes construirão a galeria dos filósofos, com os pensadores que os estudantes já conheciam e com os pensadores africanos. O professor poderá dividir a turma por períodos históricos. Cada ficha deverá ter a imagem do filósofo e as informações do mesmo. A última imagem da galeria dos filósofos deverá ser composta pela imagem dos alunos/as da turma.
Recursos	Slides, datashow, textos, computador, fichas com imagem dos filósofos, papéis de cores variados.
Avaliação	Debates de ideias, apresentação de seminário a partir da construção da galeria dos filósofos.

Encaminhamento metodológico:

ETAPA DE SENSIBILIZAÇÃO:



Sawubona! Professores e Professoras!

O encaminhamento pedagógico sobre a temática: Pensadores da Filosofia Africana inicia pela etapa de sensibilização com a sugestão dos seguintes questionamentos: Quais filósofos vocês conhecem? Qual é a origem deles? Qual é o conceito de filósofo? Sabem nomes de alguns pensadores? Você conhece algum filósofo de origem africana?



Sugerimos que o/a professor/a apresente a imagem do mapa do Continente Africano, de filósofos conhecidos na história da filosofia com intuito de aguçar ainda mais nossas discussões filosóficas.

ETAPA DA PROBLEMATIZAÇÃO:



Agora, utilizaremos o material pedagógico, Alguns Pensadores Africanos, da autora Adilbênia Machado, descrito no link:

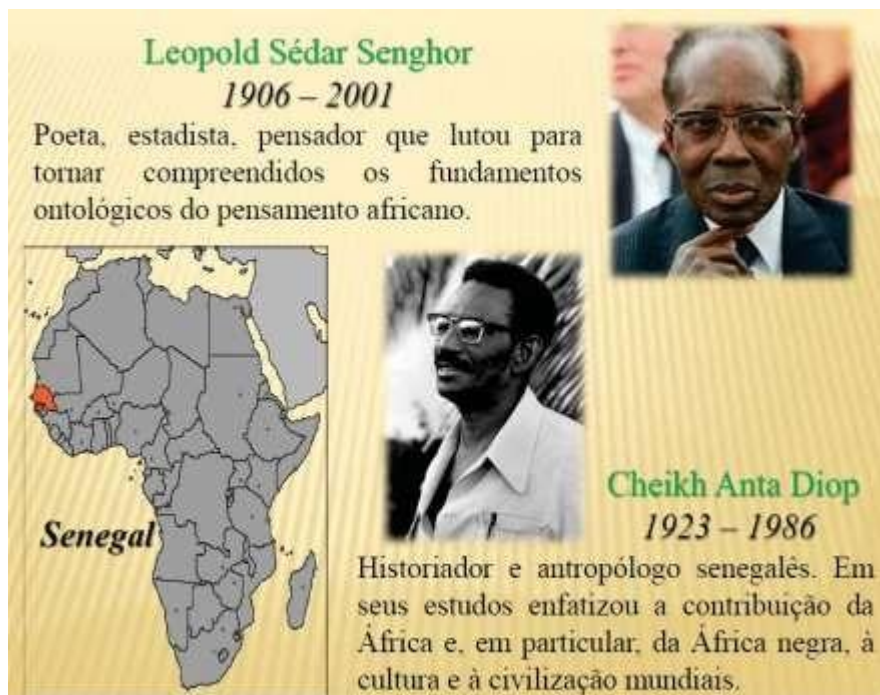
<https://filosofiapop.com.br/wp-content/uploads/2015/09/>



O material se encontra estruturado como mostra a figura 10. Cabe ressaltar que a imagem apresentada resume apenas uma pequena parte do estudo, para visualizar no todo é necessário acessar o link acima.

Após a explanação dos slides e o debate de ideias, solicitar que os alunos organizem uma relação de filósofos já estudados em anos anteriores e adicionem os novos filósofos abordados nessa aula, bem como suas características e linhas de estudos.

Figura 10: Alguns pensadores africanos.



Fonte: ADILBÊNIA MACHADO, 2015

PRODUÇÃO FILOSÓFICA:



O docente dividirá a turma em equipes para a construção da galeria dos filósofos. Nessa galeria constarão todos os pensadores estudados pelos alunos, em destaque os filósofos africanos. A ficha deverá conter a imagem do filósofo e as informações pertinentes ao mesmo. O último quadro dessa galeria deverá apresentar a imagem dos estudantes, como filósofos juvenis da sociedade contemporânea.

APROFUNDANDO A APRENDIZAGEM



Que tal mais esse desafio? Após a aquisição desses novos conhecimentos os estudantes serão desafiados a elaborarem revistas em quadrinhos sobre os filósofos que mais se identificaram. Esse trabalho poderá ser construindo juntamente com os componentes curriculares, Português e Arte.

DICAS FILOSÓFICAS.

Como uma boa dica de leitura, convido os professores e professoras a mergulharem na leitura prazerosa do livro:

MACHADO, Adilbênia Freire. **FILOSOFIA AFRICANA: ANCESTRALIDADE E ENCANTAMENTO COMO INSPIRAÇÕES FORMATIVAS PARA O ENSINO DAS AFRICANIDADES**. Fortaleza: IMPRECE, 2019.

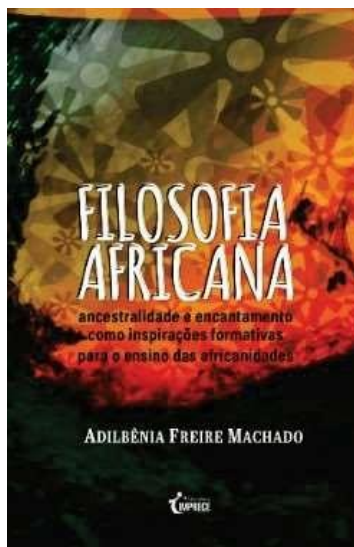


Figura 11: Filosofia Ubuntu.



Fonte: <https://mega.ibxk.com.br/2021/12/23/23155315564349.jpg>

Temática Filosófica V

Ética Ubuntu: Eu sou porque nós somos.



Sawubona! Professores e Professoras!

Na quinta temática estudaremos sobre ética e seus conceitos. Entretanto, o nosso aprofundamento teórico será direcionado para a reflexão da Ética Africana: Ubuntu. Você já ouviu alguém falar em ética Ubuntu? O que significa?

Embalados por esses questionamentos, iniciaremos a roda de filosofia. Então vamos aos estudos!

Os povos africanos têm um jeito diferente de conceber o universo e tudo que faz parte dele. Essa concepção diversificada de compreender a realidade caracteriza essa civilização com a marca da consciência coletiva. Tal concepção é conhecida pela expressão UBUNTU.

Ubuntu é a essência da vida dos africanos, ou seja, é a verdadeira identidade desses povos. Esse conceito está diretamente relacionado ao pensamento ético, ontológico, epistemológico da filosofia africana. O pensador africano Ramose (1999), afirma que a raiz da filosofia africana é o ubuntu.

O termo Ubuntu é de origem africana, mais especificamente entre os povos bantu, presente nas línguas Zulu e xhosa, faladas no território da África do Sul.

Nelson Mandela, foi um dos grandes representantes da filosofia ubuntu, aplicando-a de forma racional no combate aos desmandos do sistema de Apartheid da África do Sul. Ao invés de expulsar ou exterminar os brancos, Mandela estabelece medidas para que a população branca reparasse os danos cometidos a população negra. Mandela nos ensina que a reconciliação é uma reconstrução de várias ações, e a primeira delas, é fazer valer o senso de justiça e igualdade. (NOGUERA, 2019)

Ubuntu é a forma de estar no mundo, “Eu sou porque tu és”, para que eu me sinta como parte integrante do universo eu preciso sentir a presença do outro. É a força, o princípio que for-

talece as relações no convívio social. Está pautado nos princípios da alteridade, solidariedade, generosidade, empatia, respeito, tolerância, inclusão. É uma conexão entre o ser, divindades (ancestralidade) e a natureza, estão todos interconectados em uma relação de dependência, vivenciando uma experiência coletiva. Nessa experiência ninguém é mais importante que o outro, por isso, que na África as manifestações tradicionais se apresentam sempre em forma de roda e não em filas, bem diferente do contexto das salas de aulas de nossas escolas, que porventura seguem o padrão das filas inspirados em estilos ocidentais. Sendo assim, é que sempre visualizarmos no Brasil as famosas rodas de capoeira, de samba, candomblé, as heranças deixadas pelos nossos ancestrais africanos.

Nos moldes da filosofia ubuntu para que uma pessoa se sinta verdadeiramente feliz é necessário que as outras que estão ao seu redor se sintam do mesmo jeito, felizes. Como nos aponta o provérbio africano: *“Umuntu Ngumuntu Ngabantu”*, que significa *“Uma pessoa é uma pessoa por causa das outras pessoas”*. (<https://ensinarhistoria.com.br/ubuntu-o-que-a-africa-tem-a-noensinar/> - Blog: Ensinar História - Joelza Ester Domingues)

LEITURA FILOSÓFICA

Lenda africana ubuntu

Um antropólogo estava estudando os usos e costumes da tribo Ubuntu e, quando terminou seu trabalho, teve que esperar pelo transporte que o levaria até o aeroporto de volta para casa. Como tinha muito tempo ainda até o embarque, ele pro-

pôs, então, uma brincadeira para as crianças que achou ser inofensiva. Comprou uma porção de doces e guloseimas na cidade, colocou tudo num cesto bem bonito com laço de fita e colocou debaixo de uma árvore. Aí ele chamou as crianças e combinou que quando ele dissesse “já!”, elas deveriam sair correndo até o cesto e a que chegasse primeiro ganharia todos os doces que estavam lá dentro. As crianças se posicionaram na linha demarcatória que ele desenhou no chão e esperaram pelo sinal combinado. Quando ele disse “Já!” Instantaneamente todas as crianças se deram as mãos e saíram correndo em direção à árvore com o cesto. Chegando lá, começaram a distribuir os doces entre si e a comerem felizes. O antropólogo foi ao encontro delas e perguntou porque elas tinham ido todas juntas se uma só poderia ficar com tudo que havia no cesto e, assim, ganhar muito mais doces. Elas simplesmente responderam: –Ubuntu, tio. Como uma de nós poderia ficar feliz se todas as outras estivessem tristes? Ele ficou pasmo. Meses e meses trabalhando nisso, estudando a tribo e ainda não havia compreendido, de verdade, a essência daquele povo. Ou jamais teria proposto uma competição, certo? Ubuntu significa: “Eu sou porque nós somos” ou, em outras palavras “Eu só existo porque nós existimos”. “Como uma de nós poderia ficar feliz se todas as outras estivessem tristes?” A resposta singela da criança, é profunda e vital pois está carregada de valores como respeito, cortesia, solidariedade, compaixão, generosidade, confiança – enfim, tudo aquilo que nos torna humanos e garante uma convivência harmoniosa em sociedade.

<https://ensinarhistoria.com.br/ubuntu-o-que-a-africa-tem-a-nos-ensinar/> -
Blog: [Ensinar História - Joelza Ester Domingues](#)

Plano de aula Componente Curricular: Filosofia Público Alvo: Estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental- Anos Finais.	
Objeto de conhecimento	Ética Ubuntu: Eu sou porque nós somos.
Competência Específica 4	Interpretar e expressar sentimentos, crenças e dúvidas com relação a si mesmo, aos outros e às diferentes culturas, com base nos instrumentos de investigação das Ciências Humanas. Ou seja, promovendo o acolhimento e a valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza
Habilidades	EF69FILRP010: Produzir conceitos, juízos, argumentos para a construção de uma prática investigativa. EF69FIL14: Compreender a dimensão do pensamento ético construindo ao longo da história humana, percebendo que o entendimento das condutas morais tem como fundamento a vivência cultural dos povos.
Objetivo de Aprendizagem	Apresentar aos estudantes a ética ubuntu como fundamento da filosofia africana, modo de viver dos povos africanos, tendo como princípios a cooperação, solidariedade, alteridade e generosidade, rompendo com as barreiras da intolerância e promovendo uma cultura de bem estar coletivo.
Duração	3 aulas
Metodologia	Na etapa de sensibilização iniciaremos apresentando imagens que representem a ética ubuntu e solicitando que os alunos as descrevam oralmente em detalhes. Logo em seguida o professor inicia os questionamentos acerca da temática. Após o debate de ideias, começaremos com a etapa da problematização. Disponibilizem o texto: “Lenda Africana, ubuntu” para que os alunos façam a leitura e em seguida estimulem que os estudantes esbocem suas interpretações para a construção de novos argumentos. Exibição dos dois vídeos acerca da temática. Solicitar que os alunos façam a relação do texto com os vídeos registrando por escrito.

	Após o debate de ideias, começaremos com a etapa da problematização. Disponibilizem o texto: “Lenda Africana, ubuntu” para que os alunos façam a leitura e em seguida estimulem que os estudantes esbocem suas interpretações para a construção de novos argumentos. Exibição dos dois vídeos acerca da temática. Solicitar que os alunos façam a relação do texto com os vídeos registrando por escrito. Propor que os estudantes produzam vídeo minuto sobre a ética ubuntu e depois apresentar para turma (trabalho em equipe). O professor deverá explicar antes a constituição de um vídeo minuto e os passos para a sua montagem.
Recursos	Slides, datashow, textos, computador, papel cartão de cores variados, papel 40kg, pinceis, giz de cera.
Avaliação	Leitura da produção textual. Apresentação do vídeo minuto.

Encaminhamento metodológico:

ETAPA DE SENSIBILIZAÇÃO:

Sawubona! Professores e Professoras!



Olá! Professoras e Professores, iniciaremos o nosso encaminhamento metodológico com a temática: **Ética Ubuntu: Eu sou porque nós somos**”.

Podemos iniciar essa temática apresentando charges, imagens que estejam associadas com o conceito de ética e moral. Essa estratégia seria para fomentar as nossas discussões filosóficas. Possibilite que os alunos esbocem vários argumentos acerca das imagens. Poderíamos desenvolver os seguintes questionamentos: **Você sabe o que é ética? E moral? Existem diferen-**



ças entre esses termos? Quais? E ética Ubuntu, já ouviu falar? Qual seria o significado dessa palavra? E o sentido etimológico desse termo, qual será? Nesse momento, o/a professor/a poderá trabalhar os conceitos desses termos.



ETAPA DA PROBLEMATIZAÇÃO:



Desenvolvermos a leitura do texto, **Lenda africana ubuntu**, com os alunos.

Depois, o docente abrirá espaços para discussões filosóficas e conseqüentemente a formulação de novos argumentos.



Após esse momento de fruição de novas ideias, apresentaremos os pequenos vídeos para fundamentar os argumentos esboçados.

Vídeo 1: **UBUNTU** :

<https://www.youtube.com/watch?v=vDwOxLqCT3w>

Vídeo 2: **Ubuntu: o que significa essa filosofia africana e como pode nos ajudar nos desafios do hoje.**

<https://www.youtube.com/watch?v=KaQSIvWV7wo&t=58s>

PRODUÇÃO FILOSÓFICA:



Solicitar que os alunos façam a relação do texto com os vídeos registrando por escrito. (atividade individual). Essa produção textual deverá ser compartilhada com todos na roda de filosofia.

Propor que os estudantes produzam vídeo minuto sobre a ética ubuntu e depois apresentar para a turma (trabalho em equipe). Essa atividade poderá ser desenvolvida dentro ou fora da escola. Depois, o/a professor/a organiza um momento de apresentações dos vídeos, o cineubuntu, com direito a pipocas e muitas reflexões filosóficas.

APROFUNDANDO A APRENDIZAGEM:



Solicite aos alunos que desenvolva uma campanha publicitária da escola, “**Eu sou porque você é**”, com cartazes, folders, jornais, peças teatrais...

DICAS FILOSÓFICAS.



Caro/a professor/a aqui fica a dica de leituras sobre a filosofia Ubuntu:

<https://www.pordentrodaafrica.com/cultura/ubuntu-filosofia-africana-que-nutre-o-conceito-de-humanidade-em-sua-essencia>

<https://ensinarhistoria.com.br/ubuntu-o-que-a-africa-tem-a-nos-ensinar/>

<https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/renato-nogueira-ubuntu-como-modo-de-existir.pdf>

DJU, A. O.; MURARO, D. N, **Ubuntu como modo de vida: contribuição da filosofia africana para pensar a demo-**

cracia, Trans/Form/Ação, Marília, v. 45, p. 239-264, 2022, Edição Especial. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/10652>

LE GRANGE, Lesley. Ubuntu/Botho como uma ecofilosofia e ecosofia. Tradução para uso didático de LE GRANGE, Lesley. Ubuntu/Botho as Ecophilosophy and Ecosophy. **Journal of Human Ecology**, 49(3), 2015, p. 301-308., por Leonardo da Silva Barbosa. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/lesley_le_grange_-_ubuntu-bo-botho_como_uma_ecofilosofia_e_ecosofia.pdf

NASCIMENTO, Carlos Eduardo Gomes, A ÉTICA FILOSÓFICA DO UBUNTU NA SALA DE AULA: UM DEBATE SOBRE O RACISMO NO FUTEBOL BRASILEIRO. Revista Eletrônica de Filosofia da UESB, Ano 4 • Número 1 • Jan.-Dez. de 2016 ISSN: 2317-3785. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/revistaideacao/article/view/2998>

Documentário: **Ubuntu - Eu sou porque pertença**

<https://www.youtube.com/watch?v=9MriLwklWKU&t=2s>

3 – Considerações Finais:

Como professoras e professores do ensino de filosofia no Brasil, compreendemos a luta histórica trilhada pela Filosofia para se manter nos currículos e a busca constante de métodos, referenciais teóricos, conteúdos que melhor se adequasse a realidade da educação brasileira. Por muitas vezes o ensino da Filosofia foi retirado dos currículos e em outros momentos esvaziado os seus conteúdos. Sem mencionar a escassez de material didático que contemplasse o contexto local dos estudantes. Adicionado a essas problemáticas, podemos dimensionar o grande desafio que foi adequar o ensino de filosofia às prerrogativas da Lei 10.639/03, na promoção de uma educação étnico-racial.

O currículo tradicional nos apresenta o ensino da filosofia fundamentado nas bases da filosofia europeia, como a única detentora do conhecimento filosófico. Nesse sentido, trazer temáticas filosóficas africanas para as salas de aulas é possibilitar à aquisição de novos conhecimentos, saberes e o reconhecimento dos seus ancestrais, construindo a ideia de pertencimento, identidade. Haja vista que o Brasil é uma diáspora africana, um solo africanizado. Destarte, a nossa intenção é criar mecanismos pedagógicos que contribuam para o rompimento dos estigmas historicamente construídos de que no solo africano só existe fome e miséria, concepção presente ainda hoje no contexto escolar, para isso, precisamos ressaltar, enquanto educadores, que o pensar é inerente a toda pessoa humana e que cada povo tem potencialidades para produzir seus próprios e valorosos conhecimentos.

Aplicar a Lei 10.639/03 no ensino de filosofia é de extrema valia para que os adolescentes pretos e pretas se reconheçam

como protagonistas e saibam que os seus ancestrais foram heróis na história brasileira.

Nesta perspectiva, o desenvolvimento de um caderno de orientações metodológicas do ensino da filosofia no contexto da Lei 10.639/03, contribuir com as professoras e os professores de Filosofia no seu cotidiano escolar, visto que como profissionais comprometidos com a transformação social, sonham em viver em uma sociedade mais respeitosa, tolerante, justa. Ademais, enquanto educadores acreditamos que a educação é o percurso que mais apresenta esperança para concretizar esse sonho. Portanto, o material didático apresentado viabiliza uma proposta de levar temáticas filosóficas africanas para sala de aula no cumprimento da Lei 10.639/03, para a implantação de uma educação das relações étnico-raciais.

Enfatizamos, ainda, que não é pretensão desse caderno apresentar um modelo didático metodológico perfeito e que atenda toda a demanda do processo ensino-aprendizagem. A nossa intenção é apenas colaborar com a prática docente dos professores de Filosofia, principalmente da Unidade Integrada Sarney Filho, no município da Raposa, lócus da pesquisa, e no despertar do interesse dos alunos do Ensino Fundamental-anos finais, na compreensão e no reconhecimento das nossas identidades ancestrais.

Acreditamos que este material apresenta apenas o começo do trabalho do ensino de filosofia em consonância com a Lei 10.639/03, pois o mesmo encontra-se aberto às valiosas intervenções a serem realizadas dentro da escola, como complementação e enriquecimento da pesquisa.

UBUNTU PARA TODOS!
“ EU SOU PORQUE VOCÊ É”

Referências

ASANTE, Molefi Kete. **UMA ORIGEM AFRICANA DA FILOSOFIA: mito ou realidade?** Disponível em: <http://www.asante.net/articles/26/afrocentricity> / tradução: Marcos Carvalho Lopes . Acesso: 19.10.2022

BARBOSA, Rogério Andrade. In: **Outros contos africanos para crianças brasileiras**. São Paulo: Editora Paulinas, 2008.

BIACA, Valmir et al. **O sagrado no ensino religioso**. Valmir Biaca; Elson Oliveira Sousa; Emerli Scholgi; Sérgio Rogério Azevedo Junqueira; Sant' Ana e René Simonato. Curitiba. SEED- Pr. 2006

BRASIL. Lei Federal 10.639/03, de 09 de janeiro de 2003. Brasília – DF. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso: 05.09.2021

_____. Secretaria Especial de Políticas de promoção da Igualdade Racial **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC/SEPPPIR, 2008. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-diversas/temas>

interdisciplinares/diretrizes-curriculares-nacionais-para-a-educacao-das-relacoes-etnico-raciais-e-para-o-ensino-de-historia-e-cultura-afro-brasileira-africana. Acesso: 05.09.2021

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros curriculares nacional para o ensino médio**. Brasília: MEC/SEB, 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ble-gais.pdf> Acesso em: 10.09.2021

BRASIL de Jornal. **Professor da UNB cria site que disponibiliza obras em português de filósofos africanos**. Entrevista com o professor Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em: <https://jornaldebrasil.com.br/brasil/professor-da-unb-cria-site-que-disponibiliza-obras-em-portugues-de-filosofos-africanos/> Acesso em: 05.01.2023.

CUNHA, Carolina. **Galinha D'Angola**. Disponível em: https://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/obino/cruzadas1/africanidades/atividades/galinha_angola.html Acesso: 20.12.2022.

DJU, A. O.; MURARO, D. N, **Ubuntu como modo de vida: contribuição da filosofia africana para pensar a democracia**. Artigo publicado na revista de filosofia Trans/Form/Ação, Marília, v. 45, p. 239-264, 2022, Edição Especial. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/10652>. Acesso: 03.01.2023

DOMINGUE, Joelza Ester. **“Ubuntu”, o que a África tem a nos ensinar**. Disponível em: <https://ensinarhistoria.com.br/ubuntu-o-que-a-africa-tem-a-nos-ensinar/> - Blog: Ensinar História Acesso: 04.02.2023.

LORIERI, Marcos Antônio, **Filosofia no ensino fundamental**. Marcos Antônio Lorieri. São Paulo. Ed. Cortez, 2002.

MACHADO. Adilbênia. **Alguns Pensadores Africanos**. Disponível em: <https://filosofiapop.com.br/wp-content/uploads/2015/09/>, Acesso: 03.01.2023.

MARANHÃO. **Documento Curricular do município de Raposa**. Elaboração técnicos da Secretária Municipal de Educação. Raposa, SEMED/RAPOSA, 2022.

NOGUERA, Renato. **O ensino da filosofia e a lei 10.639/03**. Renato Nogueira. 1ed. Rio de Janeiro: Pallas. Biblioteca Nacional. 2014.

NOGUERA, Renato. **Em tempos de crise: qual é a lição de Nelson Mandela?** Disponível: <https://coletivoindra.org/blog-opinio/em-tempos-de-crise-qual-a-liao-de-nelson-mandela/7/8/2019>. Acesso em: 03.01.2023.

OMOREGBE, Joseph I. **Filosofia Africana: Ontem e Hoje**. Tradução Renato Nogueira Jr. 1998. Disponível em: <https://filosofia-africana.weebly.com/> Acesso: 20.11.2022.

RAMOSE, Mogobe B. **A ética do ubuntu. The African Philosophy Reader**. New York: Routledge, 2002, p. 324-330, por Éder Carvalho Wen. Disponível em: <https://filosofia-africana.weebly.com> Acesso em: 20.11.2022.

RIBEIRO, Marcelo dos Santos. **Entre ensino de filosofia, ludicidade e a lei 10.639/03: Uma proposta afroperspectivista para aulas de filosofia a partir do card game combate filosófico**. 2019. 109 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia e Ensino) – Cen-

tro Federal de Educação e Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: https://di-ppg.cefet-rj.br/ppfen/attachments/article/81/37_Marcelo%20dos%20Santos%20Ribeiro.pdf

TOMAZETTI, Elisete Medianeira. **Parecer sobre o documento Base Nacional Curricular Comum. Área de Ciências Humanas. Componente Curricular-Filosofia.** Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/relatoriosanaliticos/Elisete_Medianeira_Tomazetti.pdf Acesso: 10.10.2022.

WONSOVICZ, Silvio. **Programa Educar para o Pensar.** Silvio Wonsovicz. Florianópolis: Sophos,2005.

Autora

Rosinelia Machado Barbosa



Rosinélia Machado Barbosa é mestranda do Programa de Pós-graduação na Gestão da Educação Básica – PPGEEB, professora do Ensino Fundamental- anos finais do componente curricular, Filosofia, atuando na rede municipal de ensino de Raposa-MA. Pós-graduada em Metodologias do Ensino de Filosofia e Sociologia pela UNIASSELVI. Especialista em Gestão Escolar pela FAVENI (em curso). Graduanda em Pedagogia pela faculdade Estácio de Sá. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas, Investigações Pedagógicas Afro-brasileiras (GIPEAB/UFMA), membro da Associação Nacional de Pesquisadores em Educação. (ANPED)

Contato via e-mail: rosigui7105@gmail.com

Orientador

Mariléia Santos Cruz da Silva



Mariléia Santos Cruz da Silva é graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão- UFMA. Mestre e Doutora pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho- UNESP. Professora do Programa de Pós- graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica- PPGEEB/ UFMA. Pesquisadora das relações étnico- raciais, história da escolarização das populações Negras, professora, professores e seus protagonismos- séc XIX e início do XX

Contato: e-mail: cruz.marileia@ufma.br

Co- Orientador

Antonio de Assis Cruz Nunes



Antonio de Assis Cruz Nunes é Doutor em Educação, pela Unesp/Marília-SP. Especialista em Planejamento Educacional pela Universidade Salgado de Oliveira (RJ). Especialista em Avaliação a Distância pela Universidade de Brasília. Mestre em Educação, pela Universidade Federal do Maranhão. Atualmente é Professor Adjunto I da Universidade Federal do Maranhão, na qual leciona Metodologia da Pesquisa Educacional e Pesquisa Educacional. É graduado em Pedagogia, pela UFMA. É membro da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN). É sócio da Associação Nacional de Pesquisadores em Educação (ANPED).

Contato: e-mail: antonio,assis@ufma.br